

Junho 2022

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Matemática e de Ciências Naturais no 2.º Ciclo do Ensino Básico

---

# A Violência Escolar- Estratégias de prevenção da violência escolar: estudo de caso

---

RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO À  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI  
PARA A OBTENÇÃO DE  
GRAU DE MESTRE EM ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO E DE MATEMÁTICA E DE CIÊNCIAS NATURAIS NO  
2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

DE

Joana Filipa Gomes Pinto

ORIENTAÇÃO

Doutor Luís Miguel Prata Alves Gomes



PAULA  
FRASSINETTI



PAULA **FRASSINETTI**  
Escola Superior de Educação



---

# A VIOLÊNCIA ESCOLAR

---

Estratégias de prevenção da violência escolar: estudo de caso



**Orientação:** Doutor Luís Miguel Prata Alves Gomes

**Discente:** Joana Filipa Gomes Pinto, 2016053

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

## Resumo

Partindo do fenómeno social da violência, a presente investigação pretende compreender em que consiste a violência escolar e algumas das estratégias de prevenção que podem ser aplicadas numa instituição educativa. Através de entrevistas e inquéritos por questionário tentámos perceber se os professores, alunos, encarregados de educação e pessoal não docente de uma escola observam atos de violência constantemente e se têm conhecimento de estratégias de prevenção.

Neste estudo de caso percebemos que os alunos têm consciência da violência que os rodeia, bem como quais os tipos da mesma que maioritariamente acontecem dentro da escola. Ao mesmo tempo os professores e pessoal não docente sentem que há muito pouca formação sobre como reagir a este fenómeno sendo que todas as sensibilizações e palestras são dirigidas aos alunos. O estudo mostra-nos também que o trabalho em comunidade é algo que todos consideram favorável para a promoção do bem-estar da escola, no entanto nem sempre é realizado.

Palavras-chave: violência, escola, estratégias, estudo de caso.

## Abstract

Starting from the social phenomenon of violence, this research seeks to understand what school violence consists of, along with some of the prevention strategies that can be applied at an educational institution. Through interviews and enquiries via questionnaires, we attempted to understand whether teachers, students, parents, guardians and non-teaching school staff constantly observe acts of violence and whether they are aware of prevention strategies.

In this case study, we understood that students are aware of the violence surrounding them, as well as the types thereof that mostly take place within the school. At the same time, teachers and non-teaching staff feel that there is very little training on how to react to this phenomenon, since awareness-raising sessions and talks are all geared to students. The study also shows us that community work is something that everyone considers to be favorable for fostering the school's well-being; however, this is not always achieved.

**Keywords:** violence, school, strategies, case study

## Agradecimentos

Não há palavras que demonstrem o quanto eu agradeço o amor e apoio constante dos meus pais. Obrigada por estarem presentes em todos os momentos da minha vida, espero um dia ser metade do que vocês foram e são para mim.

À minha família mais próxima, que me apoiou sempre e nunca deixou de me valorizar e demonstrar amor todos os dias, um grande obrigada.

Aos meus amigos, aqueles que até hoje continuam a abraçar e aplaudir todas as minhas conquistas, um brinde à nossa amizade porque sem ela não conseguiria ser o que sou hoje.

Por último agradeço a todos os professores que de um modo positivo conseguiram passar aprendizagens que levarei para a vida, oferecendo alegria e ânimo no decorrer deste percurso académico inesquecível.

# Índice

Introdução .....	8
1. Objetivos .....	11
1.1. Objetivo geral.....	11
1.2. Objetivos específicos .....	11
2. A violência .....	12
2.1. Tipos de violência .....	16
2.2. A violência nas escolas.....	20
2.2.1. Causas gerais da violência escolar .....	24
3. A indisciplina .....	28
4. O bullying.....	30
4.1. Comportamento dos <i>Bullies</i> .....	35
5. Estratégias de combate à violência escolar .....	37
5.1. Comunicação Interpessoal.....	39
5.2. Jogo dramático .....	41
5.3. Integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares .....	43
5.4. Intervir como pai ou mãe.....	46
5.5. Ensinar como reagir .....	47
5.6. Círculos restaurativos .....	48
5.7. Programa “Aulas en Paz” .....	50
5.8. Programa pró-social experimental .....	51
6. Envolvência da comunidade educativa nas estratégias de combate à violência escolar	
53	
7. Problemática.....	55
8. Contexto escolar da investigação.....	57
8.1. Descrição do contexto socio cultural .....	58

8.1.1. Nível de escolaridade dos pais dos alunos.....	60
8.2. Particularidades da escola e comunidade envolvente.....	62
9. Metodologia de investigação.....	64
9.1. Descrição dos instrumentos de investigação.....	66
10. Resultados.....	69
10.1. Análise das entrevistas.....	69
10.2. Análise dos questionários do pessoal não docente.....	77
10.3. Análise dos questionários dos encarregados de educação.....	83
10.4. Análise dos questionários dos alunos.....	89
11. Considerações finais.....	96
Bibliografia.....	99
Anexos.....	102
Apêndices.....	126

## Índice de Anexos

ANEXO 1- REGISTO DE OBSERVAÇÃO .....	102
ANEXO 2- REGISTO DE OBSERVAÇÃO .....	103
ANEXO 3- REGISTO DE OBSERVAÇÃO .....	104
ANEXO 4- DADOS ESTATÍSTICOS DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS ...	105
ANEXO 5- - DADOS ESTATÍSTICOS DOS QUESTIONÁRIOS DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO .....	113
ANEXO 6- DADOS ESTATÍSTICOS DOS QUESTIONÁRIOS DO PESSOAL NÃO DOCENTE .....	121

## Índice de Apêndices

APÊNDICE 1- PERGUNTAS UTILIZADAS PARA OS QUESTIONÁRIOS.....	126
APÊNDICE 2- GUIÃO COM PERGUNTAS UTILIZADAS PARA A ENTREVISTA AOS PROFESSORES .....	135
APÊNDICE 3- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS (RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES) .....	138
APÊNDICE 4- QUADROS CATEGORIAIS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS (PRIMEIRAS TRÊS) .....	161

## Introdução

A violência escolar tem sido tema de discussão e preocupação em todas as sociedades ocidentais. Este fenómeno social envolve diversos comportamentos agressivos que abrangem não só crianças e jovens como toda a comunidade educativa que tenta prevenir essas reações. Neste sentido, autora desta investigação considerou importante estudar e compreender este tema da violência escolar pois aprofundar o seu conhecimento sobre os tipos de violência escolar, causas e estratégias de prevenção, só trará benefícios para a sua futura profissão como docente.

Numa fase inicial da investigação refletiu sobre os objetivos gerais e específicos do estudo, garantindo assim que dispunha de uma linha norteadora de pensamento ao longo de toda a investigação e metodologia do projeto.

Iniciando a pesquisa o objetivo passou por perceber em que consiste a violência de um modo mais amplo, através das perspetivas de vários autores. Este ponto permitiu entender, de uma forma mais profícua, as várias perspetivas e definições que a violência abrange e, simultaneamente, as diversas conceções do tema em estudo.

Numa segunda fase, já mais direcionada quanto ao seu âmbito, tornou-se pertinente analisar a violência num contexto escolar, debruçando os múltiplos tipos de violência existentes. Deste modo, procurou-se identificar as causas primárias desta violência e da sua existência, quer do ponto de vista do investigador quer de autores que exploraram este tema.

Seguidamente partiu-se para a pesquisa e identificação das estratégias que já foram aplicadas no ambiente escolar para prevenção da violência, identificação esta que permitiu constatar e examinar as práticas já aplicadas em instituições educativas, bem como os seus resultados. Neste sentido, a referida identificação das estratégias desempenhou um papel essencial numa determinada vertente da metodologia, permitindo entender melhor as estratégias que podem ser aplicadas pelos professores ou auxiliares, bem como os resultados que delas advêm, consubstanciando um alicerce relevante de uma parte significativa dos inquéritos que, no seguimento do nosso trabalho foram aplicados.

Por fim, foi selecionada uma instituição educativa onde se realizou uma análise sobre as estratégias implementadas face às situações de violência existentes entre alunos ou entre outros elementos da comunidade. O objetivo passou por reconhecer se os

professores e auxiliares conhecem estratégias de combate à violência e se, da mesma forma, os pais e alunos evidenciam estes atos agressivos no meio escolar onde se inserem.

Esta vertente prática, que no fundo diz respeito ao seu trabalho de campo, permitiu à estudante retirar conclusões e cruzar os resultados obtidos com a pesquisa inicialmente realizada. Assim, optamos por realizar um estudo de caso sobre uma escola situada na área metropolitana do Porto- Portugal. Pretendemos com este estudo uma aproximação em profundidade, com a finalidade de conhecer a realidade concreta da comunidade educativa relacionada com a violência escolar e as estratégias de prevenção aplicadas, ou não, neste contexto específico.

Desta forma, a parte metodológica seguiu uma linha mista, ou seja, teve uma vertente quantitativa e qualitativa. Assim, foram aplicados inquéritos por questionário a uma parte da comunidade educativa da instituição escolar (pessoal não docente, encarregados de educação e alunos) enquanto, por motivos científico-metodológicos de forma a aprofundar a recolha de dados, se aplicaram entrevistas. No que diz respeito aos inquéritos por questionário, estes terão uma análise estatística quantitativa face às respostas recolhidas de cada elemento inquirido. Por sua vez, as entrevistas foram analisadas pela estudante de forma qualitativa, percecionando os indicadores em cada resposta obtida para conseguir retirar as suas conclusões do estudo.

Aquando da finalização de toda a metodologia, chegou-se às considerações finais onde foram refletidas todas as conclusões do estudo fase à investigação realizada. Não se pretende, com o presente estudo, insinuar que as estratégias aqui mencionadas sejam as únicas ou as melhor estruturadas para prevenir a violência. O objetivo é mostrar algumas das formas de diminuir a violências escolar através de um trabalho com elementos da comunidade educativa.

Neste sentido entendemos que os próprios alunos evidenciaram a violência dentro da sua escola conseguindo referir algumas das suas causas, segundo a sua perspetiva. Além disso, a formação dos adultos sobre este fenómeno é muito pouca, sendo este um fator que torna a violência escolar cada vez mais difícil de prevenir e controlar.

Por fim, acredito que o nosso papel enquanto profissionais de educação também aporta responsabilidades sobre o rumo da construção de uma escola mais segura e significativa no mundo de hoje. Este estudo fez-nos refletir sobre a violência escolar e as

suas estratégias de prevenção, mas também sobre como tornar a escola um local de harmonia e aprendizagem, no qual há cooperação e respeito entre todos.

# 1. Objetivos

## 1.1. Objetivo geral

- Perceber quais as estratégias aplicadas pelos professores, auxiliares e encarregados de educação face à violência entre pares.

## 1.2. Objetivos específicos

- Explicitar os diferentes conceitos de violência;
- Definir violência escolar;
- Perceber qual(ais) o(s) tipo(s) de violência(s) praticada(s) dentro do ambiente escolar;
- Identificar o(s) tipo(s) de violência(s) presente(s) na escola onde decorreu o estudo de caso;
- Identificar as causas que estão na origem da violência em âmbito escolar;
- Nomear e caracterizar algumas das estratégias aplicadas na prevenção da violência na escola;
- Perceber quais as estratégias e atitudes utilizadas pelos professores, auxiliares de educação e encarregados de educação dos alunos.

## 2. A violência

Sendo a nossa temática a violência escolar e as estratégias aplicadas para prevenir a mesma, começamos o nosso trabalho realizando uma aproximação ao conceito de forma abrangente. Para isso, a violência personifica, de um modo geral, um tema polêmico suscitando disparidades de opiniões e levantando, por si só, inúmeras questões.

Neste âmbito, são múltiplos os autores que se dedicam, não só a analisar o tema como a caracterizá-lo e a atribuir-lhe nuances. Isto porque, enquanto temática, se pode ramificar em caracterizações comportamentais, de génese e, de alguma forma, motivacionais (aqui no que concerne ao que está na origem da violência).

Daqui decorre a necessidade imperativa de caracterizar violência. Segundo Maria Emília Costa e Dulce Vale “falar de violência não é, efetivamente, fazer alusão a uma nova realidade, tendo, de resto, o fenómeno já merecido a atenção por parte dos mais diversos quadrantes da ciência.” (Costa & Vale, 1998, p. 9). De facto, constitui, independentemente do que a motiva, algo presente na génese humana, inicialmente como garantia de proteção e sobrevivência, adquirindo a par do desenvolvimento da espécie, novos significados. Seguindo o raciocínio de Miriam Abramovay “a violência não constitui fenómeno novo na sociedade, apresentando-se de forma complexa e diversificada.” (Abramovay, 2015, p. 7).

Das diversas perspetivas que foram lidas e analisadas, retirasse que a violência não é, de um modo geral, algo embrionário no que se refere ao seu estudo, constituindo, pelo contrário, matéria de grande interesse junto da sociedade civil e da própria comunidade académica.

No contexto social podem existir várias manifestações de violência que vão atravessando gerações sem que ocorra uma intervenção que a contrarie, perpetuando comportamentos dentro de uma comunidade. Miriam Abramovay, apontando neste sentido, estabelece “adotou-se uma conceção de violência que incorpora as ideias de brutalidade, de utilização da força ou intimidação e também noções mais relacionadas com as dimensões socioculturais (...)” (Abramovay, 2015, p. 7).

De forma mais sucinta, José Leonardo, após rever muitas das teorias constatadas ao longo do tempo, conclui que a violência se resume ao sentido que um determinado individuo atribui a um ato (Leonardo, 2009, p. 24). Constatamos, portanto, que é violência

quando uma vítima ou observador considera que o seja. Sendo a violência um tema tão abrangente sublinha-se que pode apresentar várias formas, ou seja: indisciplina, *bullying*, delinquência, crimes, entre outros (Leonardo, 2009, p. 24).

Neste sentido, torna-se necessário afirmar que a agressividade não tem o mesmo significado de violência. Por agressividade indicamos comportamentos ou atitudes de vertentes física ou verbal em relação a outra pessoa. Este tipo de respostas podem ser impulsos emotivos ou reação a uma frustração que o indivíduo tenta combater no momento. A agressividade pode, contudo, ser algo intrínseco à pessoa ou, por outro lado, uma aprendizagem ao longo da sua vida, na sociedade envolvente, de como corresponder a determinadas situações. É relevante afirmar que a agressividade é uma atitude do momento, não demonstrando continuação a longo prazo. Existem, porém, formas de violência que incluem comportamentos agressivos e que, nesses casos específicos, podem prolongar-se por muito tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, Maria Irene Monteiro distingue duas formas de agressividade: hostil e instrumental. Agressividade esta que está no centro da violência (Monteiro M. I., 2012, p. 21). Quando se refere agressividade hostil, somos direcionados para a circunstância em que o indivíduo tem como objetivo principal fazer mal a outro, seu semelhante. No entanto, se nos referirmos a agressividade instrumental, aludimos ao ato em que um sujeito fere outro com um propósito adjacente, ou seja, pretendendo alcançar algo para além do dano (Monteiro M. I., 2012, p. 21). Além disso, as teorias ativas face à agressividade direcionam a mesma para impulsos internos do indivíduo, enquanto as teorias reativas caracterizam a agressão como uma resposta a acontecimentos ambientais, não ignorando que há uma interação com fontes internas. (Monteiro M. I., 2012, p. 21 e 22). As fontes/origens que motivam fenómenos de agressividade devem ser um ponto fulcral para perceber o local de onde surge a manifestação da violência no indivíduo, por forma a podermos perceber respostas ao que procuramos estudar.

Por sua vez, João Sebastião afirma que “a violência pressupõe ação de alguém sobre outro(s), sendo que essa ação implica o condicionamento da capacidade de agir desses outros, seja pelo uso da força física ou de mecanismos de pressão psicológica” (Sebastião, 2009, p. 41). Neste sentido, percebemos que atos agressivos contra outro indivíduo, independentemente da forma, podem ser considerados violência. Quando existem, podemos afirmar que estamos perante relações de poder, entre atores sociais, que são claramente assimétricas (Sebastião, 2009, p. 41).

Assumindo a existência de violência como dado adquirido, devemos verificar se existe o uso de força para com a vítima ou mesmo pressão psicológica, como nos referiu João Sebastião no último parágrafo. Estes dois conceitos ligados à violência podem ser observados se mantivermos uma verificação dos comportamentos e atitudes da pessoa que sofre as agressões, isto é, da vítima.

Por outro lado, Cláudio Neto e Elba Barreto referem que o conceito de violência preserva a definição de rutura de uma relação, destruição do outro, desrespeito, negação do outro, sendo que, todas estas vertentes podem estar num plano físico, psicológico ou ético (Neto & de Sá Barretto, 2018, p. 4). Acrescentamos, assim, mais uma visão face a este conceito, ou seja, quando há violência podemos estar perante uma agressão no plano físico, psicológico ou ético. O agressor utiliza estes meios procurando prejudicar a vítima no plano que considerar, para esta, mais desfavorável/ofensivo.

Complementando essa ideia, Joel Haber e Jenna Glatzer referem que qualquer agressor encontrará uma desculpa para conseguir implicar com o seu alvo através de um tipo de vulnerabilidade detetada (Haber & Glatzer, 2009, p. 26). Ainda assim, Joel Haber e Jenna Glatzer garantem que existem três tipos diferenciados de maus-tratos: físicos, relacionais e/ou verbais (Haber & Glatzer, 2009, p. 29). A violência física e/ou psicológica, normalmente é mais fácil de identificar dadas as consequências delas advindas.

São múltiplos os casos em que este tipo de violência causa perturbações físicas e emocionais que podem, ou não, ser aliviadas com o tempo. Por outro lado, Joel Haber e Jenna Glatzer dizem-nos que nas situações em que a violência física se torna mais grave ou ocorre um conjunto de violências de outras formas ao mesmo tempo, encontra-se um risco de lesões a longo prazo (Haber & Glatzer, 2009, p. 30).

Por outro lado, os maus-tratos verbais inserem-se nas agressões por palavras, isto é, “chamar nomes e insultar” (Haber & Glatzer, 2009, p. 31). Esta categoria baseia-se nas ofensas constantes que o agressor faz à vítima, através de uma fragilidade que observa ou apenas por “diversão”.

Além da violência física e verbal (psicológica), há ainda a relacional/ética visível numa exclusão social que deixa marcas na vítima a longo prazo. Neste caso de agressão “os alvos não se sentem abusados apenas por uma pessoa, mas sim por um grupo inteiro de pares” (Haber & Glatzer, 2009, p. 32). Este tipo de violência faz com que a autoestima

da pessoa excluída sofra consequências, levando a sentimentos de solidão e insegurança. Joel Haber e Jenna Glatzer acrescentam que, as violências relacionais são mais facilmente visíveis em grupos de jovens adolescentes, sendo que, nessas idades, se mostram “(...) extremamente prejudiciais e correm desenfreadamente (...)” (Haber & Glatzer, 2009, p. 33).

Neste sentido, compreendemos que a violência é um tema muito abrangente, motivando o estudo de diversos autores, que analisam e perscrutam as suas diversas ramificações. Constituindo a violência algo inerente à sociedade, torna-se, como tal, difícil de erradicar. Ainda assim, não pode deixar de constituir um desígnio primário de qualquer sociedade dita “moderna”.

Com base em tudo o que foi referido neste tópico da violência José Leonardo evidencia duas das formas em que este tema já foi abordado, ou seja: através da comunicação social e de estudos e investigações académicas (Leonardo, 2009, p. 10). O primeiro tópico foi o principal impulsionador para que a violência começasse a ser discutida em Portugal, em meados do ano letivo de 1997/1998. Foi nesta data que, através do programa “Escola Segura” se começou, nas escolas e fora delas, a ter uma consciencialização sobre a violência (Leonardo, 2009, p. 10). Até então, não havia uma ideia de que as escolas poderiam ser um palco de agressões e atos violentos.

Por outro lado, os estudos e investigações académicas, foram outro motivo para que, no final do século XIX, houvesse um maior interesse pelo tema e perceção deste fenómeno (Leonardo, 2009, p. 11). No entanto, a partir do momento que surgiram estas investigações, tudo ficou mais focado na parte social e individual da delinquência juvenil, isto é, os estudos que foram realizados, localizaram-se predominantemente em zonas que evidenciavam uma relação social deficitária e alguns problemas entre comunidades (Leonardo, 2009, p. 11).

Com isto, compreende-se que a violência em Portugal é, ainda, um fenómeno recente quando ao seu estudo e conclusões. Porém, ao longo das análises e observações constatou-se que a escola, sendo uma instituição onde surgem relações sociais condicionadas pelo ambiente envolvente, é o objeto de estudo determinante para conseguir entender o surgimento de agressões entre pares e entre outros indivíduos da sociedade em geral (Leonardo, 2009, p. 12).

De forma a concluir, Isabel Fonseca e Feliciano Veiga afirmam que a violência não pode ser uma problemática solucionada apenas pelas escolas, já que todos os indivíduos que nela se encontram estão afetados pelos meios de comunicação e por atitudes de violência inseridas na sociedade abrangente (Fonseca & Veiga, 2007, p. 504). Estes indicadores de violência que ainda existem podem ser observados por pequenas atitudes como um encarregado de educação bater ao seu educando que, nos países europeus, continua a ser olhado como um ato comum (Fonseca & Veiga, 2007, p. 504).

## 2.1. Tipos de violência

A violência escolar pode acontecer por vários motivos e formas. Quer isto dizer que a violência escolar não se resume, apenas, à prática de *bullying* ou a agressividade física. Sendo a escola um local de interação social será evidente que existam confrontos e discussões nesse ambiente, no entanto, torna-se necessário para todos, compreender se esses acontecimentos são ou não geradores de violência escolar.

Miriam Abramovay reforça que é comum “(...) convivendo-se durante várias horas por dia e fazendo atividades, nem sempre prazerosas para todas as partes, algumas relações se tornem mais complicadas” (Abramovay, 2015, p. 8). Assim, durante as inúmeras horas que os alunos têm que conviver dentro da escola, é normal que se verifiquem discórdias, porém, cabe aos adultos responsáveis dentro da instituição, avaliar se há um ato de violência evidente ou se, por outro lado, não passa de um acontecimento isolado.

Consequentemente, cabe aos professores e auxiliares de educação ter em conta as diferentes vertentes da violência escolar para que, no caso, possam analisar as ações entre pares. Deste modo, passaremos a destacar e desenvolver algumas das violências que podem ser observadas na sociedade e, por consequência, dentro do espaço escolar.

- **Microviolências**

Estes tipos de violências passam, muitas vezes, despercebidas, principalmente, quando estamos perante crianças ou jovens. Segundo Miriam Abramovay as

microviolências caracterizam-se pelas ofensas, o desrespeito e as discussões (por não se saber expressar num tom não agressivo) (Abramovay, 2015, p. 9). É evidente que a escola não pode estar sempre atenta a estes pequenos atos de violência que, muitas vezes, não são mais do que pequenos acontecimentos comuns, no entanto, as microviolências são o caminho para que haver atos mais agressivos e vítimas. Com isto, as microviolências devem ser observadas sob forma de prevenir outras agressões, tendo sempre auxiliares e professores atentos e prontos a intervir nestes casos para que não exista evolução e repetição de outras discussões mais complicadas.

- **Racismo**

Infelizmente, o racismo ainda é um ato de violência que se verifica em muitos casos da sociedade, dentro e fora das escolas. Para Miriam Abramovay o racismo é a “discriminação racial é produto de um mundo social que classifica pessoas como inferiores e superiores por meio do critério da cor e outros traços dos indivíduos” (Abramovay, 2015, p. 11).

Seguindo a definição da autora, o racismo evidencia-se como uma discriminação pelas características físicas das pessoas. Assim, como a escola é o reflexo da comunidade envolvente, se estivermos perante uma comunidade racista, então é mais comum que haja violência entre alunos de diferentes raças. Da mesma maneira, se a escola e comunidade for envolvida por um ambiente de multiculturalidade e, desde muito pequenos, os alunos forem habituados a “olhar o outro” como ser humano diferentes nas suas características físicas, mas com os mesmos direitos, entre eles o respeito, será muito mais fácil prevenir agressões que partam do racismo.

- **Homofobia**

Na atualidade a homofobia é um dos temas mais discutidos e evidenciados. As conceções mais antigas, não admitiam de forma alguma que pessoas do mesmo género pudessem ser um casal ou levar uma vida conjunta. Por esse motivo, o caminho para a aceitação de pessoas homossexuais ainda está muito pouco percorrido e observam-se atos de violência praticados sobre estas pessoas.

Para Miriam Abramovay a homossexualidade baseia-se num “(...) tratamento discriminatório sofrido por jovens de ambos os sexos tidos como homossexuais, legitimada por moralismos em nome da masculinidade” (Abramovay, 2015, p. 10). Neste sentido, as palavras “gay” e “homossexual” são ainda utilizadas, por jovens e adultos, como insultos e ofensas, com o objetivo de rebaixar o outro. Este tipo de violência e desrespeito pela sexualidade do individuo, inicia-se pela falta de informação sobre a mesma, mas também pela conotação negativa que, ao longo do tempo, foi sendo dada a estas palavras.

A falta de abertura para temas relacionados com o tipo de sexualidade que um individuo pode ter, faz com que estes tipos de situações possam acontecer. Da mesma forma, basta um aluno “aparentar” ser homossexual, para já ser colocado com “rótulos” e ser alvo de humilhações (Abramovay, 2015, p. 11). Ainda, as consequências que este tipo de violência pode ter para um aluno, como: mudança constante de escola, traumas causados pelas agressões físicas e psicológicas, reprovações pelo fracasso escolar, entre outra. Podem afetar a vida do individuo criando um impacto na sua pessoa para sempre.

- **Discriminação face á pobreza**

Este tópico da pobreza leva a que um aluno, com menores posses, sofra de desigualdade de oportunidades não só no ambiente escolar, como também na sociedade. Miriam Abramovay sublinha que “a discriminação a que são submetidas as pessoas em situação de maior pobreza compromete a construção de um sistema educacional igualitário no sentido amplo.” (Abramovay, 2015, p. 12) Ou seja, numa comunidade onde todos devem ter as mesmas possibilidades e opções, se o aluno não possuir uma vida estável e sem evidencias de pobreza pode já não conseguir “chegar tão longe” como outro que tenha outras posses.

Esta discriminação pode levar a atos de violência entre pares, mas também, entre professor-aluno ou auxiliar-aluno. Na mesma linha de pensamento, a escola deve sempre caminhar num caminho de ajuda e aceitação de todos, não só pela raça e orientação sexual, como também pelo estilo de vida que cada aluno leva na sua vida fora da escola.

Da mesma maneira, os responsáveis da escola, iniciando na direção e acabando nos auxiliares que, normalmente, estão mais próximos dos alunos nos recreios e espaços

exteriores, devem criar um ambiente de empatia e auxílio para que, de forma autónoma, os alunos consigam praticar atos iguais.

- **Discriminação pela estética**

As situações de preconceito a corpos diferentes do considerado “belo”, “normal” e “desejável” pelo senso comum é, cada vez, mais evidente na sociedade atual. As crianças e jovens, desde cedo, são projetadas sobre a definição de “corpo ideal”, enquanto a ideia deveria direcionar-se para “aceitação do corpo como ele é”.

O *bullying*, sendo um tipo de violência escolar, pode gerar-se a partir de situações destas. O preconceito e discriminação pelo formato do corpo de um individuo pode gerar situações de violência verbal e, em alguns casos, físicas. Se o aluno não se souber defender destas situações de humilhação, será cada vez mais influenciado a mudar e a fazer modificações extremas no seu corpo através da alimentação ou outros meios para conseguir ter o corpo “ideal”.

Como referido nos tópicos de violência anteriores, deve ser papel da escola ensinar aos seus alunos o “amor próprio” e respeito pelas diferenças do outro. Cada individuo tem um tipo de corpo, com determinadas características que o torna único à sua maneira. Assim sendo, esta ideia de aceitação pelo que cada um apresenta deveria ser imposta pelos professores e educadores, criando um ambiente mais saudável e empático.

Com base em alguns tipos de violência que foram antes mencionados, será pertinente que, em seguida, se desenvolva o tópico da violência escolar para que seja possível perceber em que consiste e quais as causas que, normalmente, levam a que exista violência nestas instituições educativas.

## 2.2. A violência nas escolas

A violência em contexto escolar passou a ser algo mais evidente na chamada escola de massas e multicultural dos últimos anos, apesar de ser já uma realidade há muito tempo para algumas crianças. João Sebastião afirma que existem argumentos que defendem uma escola atual como escola mítica do passado, onde as situações de violência eram vistas como algo excepcional dentro da instituição (Sebastião, 2009, p. 36 e 37). No entanto, nos dias atuais, esta temática da violência dentro da escola, não é algo inusitado ou, sequer, do passado. A verdade é que continuam a acontecer situações de agressões dentro destas instituições, podendo vir a aumentar se não forem tomadas medidas de prevenção.

José Leonardo aborda a violência como uma prática normal nos tempos antigos, sendo assim considerada uma ferramenta do docente para demonstrar a sua superioridade aos jovens (Leonardo, 2009, p. 19). No mesmo quadro, a violência não se manifesta apenas pelo professor, mas também pelos próprios alunos que, ao longo do tempo, foram mostrando a sua revolta contra o sistema escolar (Leonardo, 2009, p. 19). Daqui entendemos, novamente, que os atos de violência na escola não são um fenómeno exclusivamente atual, pelo contrário, ainda que a preocupação com esses comportamentos seja, factualmente, uma preocupação recente.

Leonardo distingue ainda que “a violência era ensinada e fazia parte integrante da vida quotidiana das populações, sobretudo dos jovens, sendo natural alguma permissividade por parte da sociedade” (Leonardo, 2009, p. 20). Defendendo ainda que em Portugal, após abril de 1974, a violência escolar passou a constituir um dos problemas sociais mais graves na sociedade, como se até então essa vicissitude não tivesse existido no ensino português (Leonardo, 2009, p. 21).

De igual forma, antigamente, a escola, em Portugal, era algo inalcançável à generalidade das classes sociais, personificando algo da órbita das “elites”. As pessoas que tinham acesso ao ensino, à aprendizagem, advinham de famílias com capacidades financeiras para tal ou, por outro lado, da consciência familiar de que seria importante para a criança frequentar a escola como acesso a um melhor futuro. Atualmente, esta visão não é igualmente reproduzida, sendo que a escola passou a ser uma “escola de massas”, à qual todas as crianças e jovens têm acesso à educação.

Partindo desta ideia, como todas as crianças e jovens, das mais diversas comunidades, podem frequentar a instituição educativa, passamos a ter, dentro da escola, o reflexo da sociedade envolvente. Assim, a violência no meio escolar, pode ser uma reprodução do que se passa na comunidade educativa da escola. Mais uma vez, João Sebastião sublinha que “(...) é frequente confrontarmo-nos com o argumento de que o sentimento de insegurança e a exposição à violência (delitos ou incivildades) se verificam sobretudo em escolas inseridas em contexto sociais desfavorecidos” (Sebastião, 2009, p. 39). Seguindo este raciocínio, escolas inseridas em comunidades mais desfavorecidas e com comportamentos, habitualmente, mais agressivos, podem ser mais propícias a apresentar violência escolar entre os alunos.

De outro modo, não podemos adquirir como certeza absoluta que os alunos inseridos em comunidades sociais mais desfavorecidas, têm obrigatoriamente comportamentos de violência. O que nos pode levar a pensar dessa forma é o facto de “(...) em escolas de meios mais desfavorecidos se tornar mais evidente o contraste/confronto entre quadro culturais e organizacionais da escola e as heranças culturais e trajetórias escolares e sociais dos alunos” (Sebastião, 2009, p. 39). Concluímos que, não é, efetivamente, correto associar a violência do aluno ao seu local de residência, no entanto devemos estar conscientes da marca cultural e tradicional da comunidade onde este se insere para podermos desenvolver um bom trabalho se forem evidenciados comportamentos agressivos entre pares.

Continuamente, a parte preocupante desta violência escolar, insere-se nos números de casos de agressões que, anos após anos, tem vindo a aumentar. José Leonardo diz-nos que a violência escolar não se apresenta como fenómeno recente, sendo a parte mais atual a crescente preocupação das comunidades face á criminalidade e delinquência associada aos jovens (Leonardo, 2009, p. 19).

Para Sebastião (1999) a violência na escola “(...) corresponde a atos e/ou atitudes que cada individuo avalie como violentos no contexto em que está inserido (...) que se estendem entre dois pólos: agressões físicas e simples incivildades” (Leonardo, 2009, p. 23). Neste sentido, devemos constatar que, em alguns casos de violência na escola, as agressões podem de facto inserir-se num patamar grave ou, por outro lado, ser apenas atitudes indisciplinadas da criança ou jovem face à sua idade.

A escola como palco de aprendizagens, normas, valores e, também, local onde os jovens vivem na base do respeito e cumplicidade, nem sempre se apresenta dessa forma. “Mais uma vez, crescem a preocupação e os sentimentos de insegurança, desafiando talvez a imagem e as expectativas de um contexto tranquilo e seguro (...)” (Costa & Vale, 1998, p.9). Destacando, novamente, José Leonardo, nas últimas décadas, de forma generalizada, os vários estudos realizados na área da violência escolar apontam para algumas áreas mais específicas praticadas pelos alunos: “os crimes e delitos cometidos, a indisciplina, o “*bullying*” e as incivildades” (Leonardo, 2009, p. 24). Nestes conceitos podemos distinguir que, os dois primeiros se baseiam em casos legalistas dos comportamentos violentos, enquanto os outros partem de uma análise descritiva da relação entre o agressor e a vítima dos atos (Leonardo, 2009, p. 24).

Seguindo a linha de pensamento, Simone Gonçalves de Assis afirma que a escola precisa de conhecer mais sobre a vida dos seus alunos e, conseqüentemente, os seus problemas (Assis, 1994, p. 14). Se não conhecermos bem os nossos alunos, não conseguimos observar o que sentem e como reagem a determinados assuntos. O conhecimento da pessoa com quem queremos trabalhar é primordial para conseguir garantir a confiança e o conforto para exprimir as suas emoções e sentimentos.

Desta maneira, a forma de dialogar, os hábitos do seu quotidiano, os seus costumes e as suas crenças são conseqüências da comunidade educativa onde o aluno se encontra inserido. Assim, Simone Gonçalves de Assis diz que “a escola, assim como a família, está inserida numa comunidade específica, sofrendo as influências desse ambiente” (Assis, 1994, p. 21). Noutras palavras, a comunidade onde a escola está inserida é fundamental para podermos entender alguns comportamentos dos alunos, quer sejam agressivos ou não.

Não obstante, é habitual verificar-se uma maior influência de atos violentos, por parte dos jovens, numa escola, onde a comunidade apresente comportamentos dentro dessa norma. Quando observamos, cuidadosamente, o modo como os adultos reagem a um determinado imprevisto ou respondem a uma circunstância fora do habitual, percebemos a razão de alguns comportamentos das crianças e jovens. Os alunos inseridos numa escola são, maioritariamente, o reflexo do que assistem ao longo do seu desenvolvimento enquanto seres humanos. Assim, é possível concluir que a comunidade influencia a forma de ser e de estar da criança.

Ainda, João Amado sublinha que para conseguirmos entender os atos de violência, primeiramente, deve haver um esforço de integração de múltiplos contributos teóricos e disciplinares (Amado, 2005, p. 300). Isto é, para compreender a razão de determinadas reações, necessitamos de uma visão holística e sistemática, onde se articulam as realidades da criança ou jovem (comunidade envolvente).

João Amado sustenta, “(...) a escola e a turma não são instituições que funcionem à margem da vida e da estrutura da sociedade” (Amado, 2005, p. 301). Por isso, o caminho deve ser feito na direção da inclusão e sociabilização, cada vez mais idêntica à sociedade atual e onde se insere a instituição educativa. Devendo, ainda, ter em conta que “no geral, as vítimas são mais novas ou mais fracas que os agressores” (Seixas, 2005, p. 98).

### 2.2.1. Causas gerais da violência escolar

As crianças e jovens, muitas vezes, revelam características e expressões que nos fazem refletir sobre algumas concessões a ter em conta para o aumento dos atos violentos. A título exemplificativo temos o local onde está inserida a escola, assim dizendo, “(...) o argumento de que o sentimento de insegurança e a exposição à violência (delitos ou incivildades) se verificam sobretudo em escolas inseridas em contextos sociais desfavorecidos” (Sebastião, 2009, p.39). Não sendo isto, muitas vezes, o motivo fulcral pelo qual exista violência na escola, ou seja, a comunidade nem sempre é a resposta aos comportamentos agressivos dos alunos.

Desta forma, afirmar que os alunos que vivem em meios sociais mais desfavorecidos são “mais violentos e problemáticos” não está correto pois se assim fosse, estaríamos a criar um preconceito grave das nossas concessões. Assim, existem outras razões evidenciadas por vários autores que podem justificar os atos de violência dentro do ambiente escolar.

Na perspetiva de João Amado, a violência escolar pode ser vista como algo simbólico, isto é, a própria instituição, os padrões que aí são impostos, todo o meio social que é criado para que os jovens possam ter um espaço de aprendizagem e desenvolvimento, pode, por si só, algo gerador de violência (Amado, 2005, p. 302). Compreendendo que, muitas vezes, a própria instituição é a promotora de violência, ainda que inconscientemente. Para ser mais específico, as escolas mantêm a ideia do idealmente chamado “bom aluno”, aquele que, normalmente, corresponde positivamente a todas as parcelas delineadas por gerações antigas (Amado, 2005, p. 302). Quer isto dizer que, para uma criança ou jovem ser considerada “exemplar” tem que seguir uma linha de pensamento e percurso que a escola generalizou de “correta”. É neste tipo de “molde do aluno” que podemos verificar a “violência da escola”, como refere João Amado (Amado, 2005, p. 302).

Consequentemente, quando o aluno sai desta forma de pensamento, é considerado um “desvio à moral social” (Amado, 2005, p. 302) que pode causar um comportamento agressivo e de reação a todas as regras impostas pela instituição educativa. Da mesma forma, João Amado refere-nos que, se uma cultura valorizar a “(...) excelência, o sucesso

e o comportamento ajustado às normas internas (...)” então haverá, mais facilmente, situações de conflito por essa “competição” de resultados (Amado, 2005, p. 302).

Feliciano Henriques Veiga, por sua vez, afirma que uma das causas para atitudes violentas dos jovens aponta para a falta de diálogo e reconhecimento para com os mesmos (Veiga, 2007, p. 13). O diálogo e exteriorização de sentimentos e emoções é um ponto essencial para que se consiga entender muitos dos conflitos entre indivíduos. Se a criança ou jovem conseguir ter confiança suficiente com um adulto, para falar sobre o que sente, antes de gerar comportamentos agressivos, então teremos uma abordagem mais benéfica e sem violência entre pares. Por norma, a falta de conhecimento para gerir as próprias emoções e, conseqüentemente, a privação de confiança com o professor ou outro interveniente do ambiente educativo, produz uma maior violência escolar.

Partindo do que foi dito anteriormente, segundo algumas estatísticas dos Estados Unidos, um aluno no ensino público “tem em média 12 minutos por dia de atenção dos professores” (Veiga, 2007, p. 13). Torna-se relevante que, na atualidade, este seja um fator colocado em causa para com os educandos. A desmotivação e desânimo podem ser encaminhadores de atos de violência e agressões do aluno pela falta de atenção dos professores, ou mesmo, dos encarregados de educação. Quando não existe diálogo as crianças e jovens recorrem a outros recursos para ser o centro de preocupação do adulto, a quem quer passar uma mensagem.

Noutra perspetiva, percebemos que a escola passou de um “(...) autoritarismo tradicional para uma permissividade elevada” (Veiga, 2007, p. 13). Quer isto dizer que, antigamente, os professores mantinham uma relação de superioridade com os seus alunos. Manifestavam-se como “seres do saber” e que nunca, por razão alguma, teriam de trocar argumentos com os aprendizes, sendo eles meros ouvintes do conhecimento transmitido. Atualmente, observamos uma relação contrária, cuja acessibilidade é maior por parte do aluno, isto é, existe uma abertura para a troca de ideias e discussão com o professor, sendo que, ainda podemos encontrar docentes que mantêm as mesmas atitudes do passado. Desta forma, esta perspetiva de “mais liberdade” veio contrariar o que outrora não acontecia, tal como a maior violência e indisciplina dos alunos. Se antes isso não acontecia por receio e medo das punições, hoje este tipo de evidências sucede-se pela falta de equilíbrio da autoridade e desmerecimento da mesma.

Teixeira (1995, p.65) refere “só consegue usar a autoridade com eficácia quem tiver o poder de conciliar as vontades para a execução das ações” (Veiga, 2007, p. 13). Por outras palavras, o professor deve ser promotor do diálogo e comunicação dos alunos, mas também balancear com a sua autoridade enquanto gestor da sala de aula. Se isto não acontecer, a indisciplina, por falta de regras e limites, pode gerar-se e criar violência no seio da sala de aula, entre alunos ou mesmo com o docente.

Do mesmo modo, João Amado defende, apoiando-se em vários autores, que a disciplina pode ser considerada uma das razões da violência escolar (Amado, 2005, p. 304). Devido aos princípios e valores implementados antigamente, praticasse ainda uma disciplina muito rigorosa e sem margem de manobra por parte dos alunos. Com o passar dos anos, esperasse que a educação e as práticas sejam atualizadas e os próprios docentes tenham em conta o público-alvo à sua frente, não podendo praticar os mesmos métodos autoritários que se praticavam no passado. Para colmatar, João Amado afirma “(...) à violência da «disciplina», por imperativo de imposição, se responda com a violência da indisciplina, por imperativo de contestação” (Amado, 2005, p. 304).

Num estudo realizado em Portugal, verificou-se que, 30% dos jovens alunos com problemas de transgressões e agressões nas escolas (Estrela citado por (Veiga, 2007, p. 16). Do mesmo modo “(...) embora os atos de violência extrema não sejam muito frequentes, os comportamentos agressivos observam-se na generalidade das escolas” (Kikkawa citado por (Veiga, 2007, p. 16).

Ainda, no mesmo campo de pesquisa, o estudo efetuado em Portugal, a adaptação dos jovens à escola tem uma relação significativa com o apoio dos familiares e professores (Antunes citado por (Veiga, 2007, p. 19). Isto é, a não agressividade apresentada destes alunos advém da proteção que é feita pelos familiares face às adversidades que podem ser encontradas pelos seus educandos, não manifestando orientação para violência escolar (Veiga, 2007, p. 19).



*Esquema 1- Causas que podem levar a criança ou jovem à prática de violência escolar.  
(elaborado pela autora deste estudo)*

No esquema, anteriormente ilustrado, destacamos quatro vertentes que podem direcionar a criança ou jovem para a violência, ou seja, a falta de diálogo, seja com os professores ou com os familiares/responsáveis legais, não podendo afirmar que serão as causas exclusivas. O contexto social em que a escola está inserida e onde, recorrentemente, o aprendiz passa maior parte do seu tempo escolar ou não escolar. O apoio familiar e também a atenção que é fornecida, constantemente, à criança. Todas estas parcelas, já explícitas anteriormente, refletem muitas das causas que podem gerar uma maior violência em contexto escolar e que, de certa forma, deveriam ser enfatizadas por cada docente e encarregado de educação.

Assim, percebemos que as causas abrangem sempre os mesmos intervenientes na vida da criança ou jovem, ou seja: professores, encarregados e educação e auxiliares da ação educativa. Estas três postos de interação na vida da criança ou jovem são, além de “pessoas exemplo” para o seu desenvolvimento, responsáveis por parte das atitudes e decisões tomadas pelos alunos. Neste sentido podemos dizer que a criança ou jovem se revê nas atitudes, decisões e responsabilidades que os adultos tomam ao longo do dia a

dia. Concluindo que, se forem observados atos de violência ou as punições que são aplicadas, normalmente, remetem para uma agressão ou comportamento menos adequado, será através dessas observações que o aluno retirará as suas ilações para o futuro.

### 3. A indisciplina

Antes de desenvolver este tópico da indisciplina, convém esclarecer que, muitas vezes, este fenómeno é igualado à violência escolar. No entanto, a indisciplina nem sempre está diretamente relacionada com os tipos de violência já mencionados. Para isso, a explicação e clareza deste título “indisciplina” é fulcral para compreender as diferenças e circunstâncias em que pode aparecer numa instituição educativa.

Ao mesmo tempo, Feliciano Veiga indica que o comportamento indisciplinado e a violência são duas vertentes que, cada vez mais, têm aumentado, sobretudo nos últimos anos (Veiga, 2007, p. 9). Consequentemente, os alunos sentem um clima de insegurança e medo na instituição educativa, os pais apresentam-se receosos do que possa acontecer dentro do estabelecimento de ensino e os professores não sabem como reagir perante comportamentos inesperadamente violentos e de indisciplina. (Veiga, 2007, p. 9)

Vários autores indicam a indisciplina como um dos maiores problemas nas escolas atuais, relacionando esta problemática com os níveis elevados de stress e fracasso dos professores (Veiga, 2007, p. 9). Feliciano Veiga sublinha que, num mundo cada vez mais global, a família deve ser a primeira chave para prevenir os atos de violência e indisciplina de um aluno (Veiga, 2007, p. 11). Seguindo esta ideia, só após o trabalho de educação da família, passamos à responsabilidade dos professores e escola.

Com base no que foi referido, surge uma ideia de importância quanto à comunicação, escuta e apoio por parte dos familiares e comunidade educativa, direcionando muito desta intervenção para os professores que vivenciam parte do dia com o aluno, dentro da instituição educativa (Veiga, 2007, p. 11). A comunicação, em especial, pode ser um dos instrumentos mais poderosos quanto à indisciplina escolar.

Posto isto, será essencial saber como se define esta temática da indisciplina. Por essa razão, Feliciano Veiga considera-a como sendo uma transgressão de normas escolares,

que, por sua vez, prejudicam as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino ou mesmo o relacionamento com outros intervenientes da escola (Veiga, 2007, p. 15). Ainda assim, Feliciano Veiga adianta que a disrupção escolar dos alunos é concebida por comportamentos disruptivos que transgridem as normas estabelecidas pela escola (Veiga, 2007, p. 15).

De facto, alguns profissionais de educação, assinalam a indisciplina como uma violência incidente na sala de aula. Porém, devemos colocar em questão se a violência e a indisciplina estão, efetivamente, relacionadas uma com a outra. Segundo Cláudio Neto e Elba Barreto, “(...) a indisciplina e a violência na escola são fenômenos sociais e, conseqüentemente, escolares que devem ser estudados a partir das interações e não apenas considerados como consequência de deformação ou desvio dos alunos” (Neto & de Sá Barretto, 2018, p. 4).

Neste caso, a parte social da criança ou jovem auxilia o entendimento da origem dos seus comportamentos ditos indisciplinados, e pode ser uma grande ferramenta para antecipar atitudes posteriores dos mesmos. Os autores mencionados anteriormente, remetem também para processos de sociabilização que são regulados pela escola e permitem aos alunos realizar uma construção e exercício de formas de poder (Neto & de Sá Barretto, 2018, p. 4).

Tendo em conta estes factos, maior parte das pesquisas, investigações e estudos realizados, apontam para a indisciplina como uma das maiores causas de violência em contexto escolar. Tal acontece, pois, muitos destes estudos surgiram a partir de professores ou indivíduos formados, cuja sua área de investigação está associada ao ensino (Leonardo, 2009, p. 27). Conseqüentemente, José Leonardo sugere algumas causas para a indisciplina, tal como fatores sociais e pedagógicos ineficazes das escolas, processos desadequados de sociabilização, as evoluções do sistema de ensino e, também, as expetativas geradas pela oferta escolar e respetivas exigências do mundo do trabalho (Leonardo, 2009, p. 27 e 28).

Segundo as ideias de José Leonardo a indisciplina surge perante uma necessidade de impor regras, por parte da comunidade educativa (pais, crianças e jovens, educadores, professores, funcionários), para que haja uma comunicação e interação dentro um quadro padrão dito correto (Leonardo, 2009, p. 28 e 29). A intenção de colocar todas as crianças e jovens a seguir esta linha padronizada pode ser, por si só, a razão mais evidente de um

ambiente violento e revoltante. Adianta ainda que, “a indisciplina constitui uma forma de o aluno mitigar o desinteresse e atenuar as ameaças à autoestima, através da inversão de valores que lhe são propostos ou impostos pela escola (...)” (Leonardo J., 2009, p. 28). A simples realidade da escola, em querer que as suas crianças e jovens sigam todas pelos mesmos caminhos e pensamentos, torna-se uma evidência de comportamentos violentos, quando o aprendiz sente uma vontade de sair desse reflexo padronizado.

Conjuntamente à realidade escolar, a criança tem uma observação contante do seu meio familiar e social que deve ser toda em conta para perceber melhor os tipos de comportamentos e atitudes que evidencia. De acordo com a perspectiva de Cláudio Neto e Elba Barreto, “As relações de poder são fundamentais para se compreenderem as temáticas da indisciplina e da violência escolar” (Neto & de Sá Barreto, 2018, p. 7). Ou seja, o aluno que, constantemente, observa um tratamento diferente entre pessoas de géneros diferentes ou com outro tipo de características distintas então, provavelmente, irá atuar consoante aquilo que aprende no seu seio familiar e praticar os mesmos atos em contexto escolar. Por esta razão, a escola permanece com um papel preponderante que pode alterar e melhorar algumas formas de sociabilização nas comunidades educativas.

## 4. O bullying

O conceito de *bullying* foi já abordado por variados autores que pesquisaram e investigaram para tentar compreender este tipo de agressões praticadas. Segundo (Carvalhosa, 2008), em Portugal, foram registados 13% dos alunos como vítimas de *bullying*, 5% como agressores/*bullies* e 6% foram detetados como *bully*/vítimas (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009, p. 13). Este estudo revela que esta prática de violência se encontra inserida nas instituições educativas e, de alguma forma, as competências sociais dos alunos não estão a assumir um papel preponderante nas suas atitudes.

Neste contexto será interessante conhecer as várias definições que alguns autores referem para o *bullying* para também entender esta forma de violência na sua globalidade. Assim, esta prática caracteriza-se por uma “(...) forma de comportamento agressivo, descrita como deliberada, com frequência persistente, sendo difícil as vítimas defenderem-se” (Carrilho, Nogueira, & Bacelar, 2010, p. 51). Compreendemos, portanto,

que o *bullying* direciona-se para uma prática agressiva que é evidenciada pela intencionalidade do comportamento do agressor.

Dentro da língua portuguesa, a palavra “*bullying*” não tem qualquer equivalência com um vocábulo português, sendo utilizados os termos “provocação” ou “intimidação” para esta prática de agressão (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009, p. 126 e 127). Percecionamos, assim, que as crianças ou jovens que afirmam ter situações de bullying duas ou três vezes por mês, são classificadas como vítimas ou bullies (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009, p. 127). Torna-se relevante refletirmos sobre estes conceitos, já que a presente investigação tem como tema fulcral a violência e as estratégias para o seu combate e, conseqüentemente, os seus termos utilizados para a classificação e designação das práticas exercidas.

Simultaneamente, João Sebastião afirma que, em Portugal, na área da violência escolar, a definição de *bullying* é, muitas vezes, mal utilizada e classificada pois há uma falha de informação sobre esta temática (Sebastião, 2009, p. 43 e 44). Na mesma perspectiva, João Sebastião acrescenta que, muitas vezes, aos comportamentos agressivos e indisciplinados atribuem-se denominações de bullying, quando os comportamentos são incivildades ou realces de outra frustração interna do aluno (Sebastião, 2009, p. 43 e 44).

Neste contexto, João Amado define o *bullying* como uma relação de poder, seja física, psicológica ou relacional, assimétrica entre a vítima e o agressor, em que o praticante da violência pode satisfazer as suas vontades através dos comportamentos agressivos que tem para com a vítima (Amado, 2005, p. 310). Daqui obrigatoriamente inferimos que nesta prática existe uma posição de superioridade por parte de quem agride, utilizando essa vantagem para se manter confortável e sem qualquer preocupação de uma reação da vítima.

É na mesma sequência que podemos considerar que para “Dan Olweus, o *bullying* envolve intencionalidade do comportamento, a repetição ao longo do tempo e o abuso de poder entre os pares (alunos) (olweus, 1993)” (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009, p. 126). Esta definição reforça a ideia de que, o *bullying* é praticado por um período extenso, no qual a vítima se mantém constantemente numa posição de subjugação face ao agressor. Direcionando esta questão para o contexto escolar percecionamos que o bullying representa situações em que um ou mais indivíduos decidem agredir outro aluno e

submetem este por um período prolongado a uma ou várias formas de violência (Carrilho, Nogueira, & Bacelar, 2010, p. 51)

O *bullying* enquanto tal, abrange vários tipos de maus-tratos, podendo evidenciar-se por um campo verbal (insultos), físico (bater), social (exclusão), de forma particular e específica ou através das várias vertentes indicadas. Para Joel Haber e Jenna Glatzer, no passado, assumia-se que o *bullying* acontecia como um ritual de transição, que as crianças ou jovens teriam de passar (Haber & Glatzer, 2009, p. 19). Ou seja, para as pessoas, os maus-tratos entre os alunos eram apenas provocações / rituais de integração e a solução passava por relativizar e ignorar o sucedido (Haber & Glatzer, 2009, p. 19). Ainda hoje, será, provavelmente esse, o pensamento de muitos adultos que, eventualmente, poderão, eles mesmos, terem sido alvo de situações de violência e acabaram por seguir esta ideia de “ignorar” o agressor. O que não significa que, em muitos casos, possam até ter sofrido problemas do foro psicológico decorrentes destas situações.

Também, Joel Haber e Jenna Glatzer, interpretam o *bullying* como “(...) padrão repetitivo ou crónico de um comportamento lesivo que envolve o intuito de manter um desequilíbrio de poder” (Haber & Glatzer, 2009, p. 20). Compreendemos, assim, que o bullying, para além de uma manifestação física, psicológica ou relacional, de outrem que se revela superior à vítima, é também algo repetitivo ao longo do tempo, com o objetivo de manter a dominação.

Por sua vez, João Sebastião indica-nos que o *bullying* se particulariza de violência entre crianças e adolescentes, na qual cresceram e se desenvolveram numa base de dominação e perseguição por parte dos adultos que as rodeia (Sebastião, 2009, p. 43). Através desta ideia, podemos afirmar que, crianças e adolescentes que se desenvolvem num meio onde a agressão é vista como algo habitual ou “não grave” e, do mesmo modo, é utilizada para resolver alguns conflitos, podem ser futuros agressores e praticantes de bullying, pois consideram algo “normal”.

Seguindo essa ideia, Myron-Wilson e Smith (2000) afirmam que os encarregados de educação são elementos importantes na redução e prevenção do bullying pois, a influência das experiências que as crianças e jovens têm, antes de entrar na escola, indicam as suas diferentes estratégias e formas de lidar com as suas relações sociais (Carvalhosa S. , 2010, p. 36). Compreendemos, assim, que os pais podem gerir os atos agressivos que os alunos apresentam enquanto pessoas num meio de sociabilização, sendo de extrema importância

ensinar a escutar, respeitar e aceitar as ideias dos outros, por exemplo (Carvalhosa S. , 2010, p. 36).

Por outro lado, para Natália Cardoso, as consequências de quem sofre, constantemente, de *bullying*, podem observar-se a nível da saúde, seja “(...) sintomas físicos (dores de cabeça, garganta, barriga) e psicossomáticos (irritabilidade, nervosismo, cansaço, falta de apetite, insónias) quer ao nível do bem-estar psicológico, através de sentimentos de solidão, tristeza, infelicidade, baixo autoconceito, elevados níveis de depressão, ansiedade e maior risco de suicídio” (Cardoso, 2009, p. 278). Desta forma, os sintomas que a criança ou jovem desvendam podem ser observados no seu quotidiano, requerendo um papel importante dos professores, auxiliares e encarregados de educação, pois têm uma responsabilidade imensa de observar o bem-estar dos menores.

Indo ao encontro a esta “filosofia”, Simone Assis revigora que a escola e os educadores / professores precisam de uma atenção frequente para conseguir prevenir a violência, seja no seio familiar ou em ambiente escolar (Assis, 1994, p. 23). Além disso, reforça que “são inúmeras as pistas indicadas pelas crianças e adolescentes vítimas de violência, que podem levar o educador a suspeitar do problema” (Assis, 1994, p. 23). Voltamos então a perceber que a comunicação entre educadores - educandos é um ponto crucial, pois é através dela que os alunos podem expressar e confidenciar os seus problemas ocasionais ou repetitivos, permitindo ao docente atuar de forma assertiva e rápida. Se a comunicação for treinada e o professor for um bom observador e ouvinte, conseguirá ajudar a criança ou jovem de forma a não haver perturbações ou, no caso de existirem, solucioná-las, garantindo um percurso escolar “harmonioso”.

Considerando as inúmeras consequências atribuíveis às vítimas de *bullying* e o facto dos docentes e auxiliares serem elementos cruciais para prevenir as agressões, devemos ter em conta que as crianças ou jovens que vivem este cenário de medo e ansiedade dentro do contexto escolar, podem vir a ter mais dificuldades no progresso dos estudos e, por agravante, acabar por desistir. Susana Fonseca Carvalhosa, Carla Moleiro e Célia Sales referem que as investigações realizadas, têm manifestado que o *bullying* se apresenta como grande influenciador do abandono escolar precoce, perturbando as relações interpessoais dos alunos e o seu desenvolvimento sócio emocional (Carvalhosa, Moleiro, & Sales , 2009, p. 127). O sentimento de insegurança e a falta de proteção que estas crianças e jovens sentem de forma constante, prejudicam o seu desempenho escolar,

não só pelas várias agressões, no sentido lato, de que são alvos e que originam lesões físicas, emocionais e sociais, como pelas diversas consequências que essas podem trazer.

Não excluindo da investigação o agressor, segundo algumas pesquisas, os *bullies* revelam, da mesma maneira, problemas escolares, direcionados para taxas de consumo de substâncias e comportamentos violentos posteriores (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009, p. 127). Por sua vez, os expectadores deste tipo de prática violenta não demonstram qualquer fragilidade ou consequência da observação.

Segundo Lavergne e Tourigny (2000) citado por Susana Fonseca Carvalhosa, Carla Moleiro e Célia Sales, “(...) existem quatro fontes de dados que correspondem a quatro níveis de identificação de casos de maus-tratos de crianças, que se representam sob a forma de pirâmide” (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009, p. 127 e 128). Esta pirâmide ostenta quatro níveis diferenciados, sendo que no primeiro (topo da pirâmide) se exibem as estatísticas direcionadas para números oficiais, ou seja, queixas recebidas na polícia, através do Programa Escola Segura (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009, p. 128). Segundo as mesmas autoras, estes números recolhidos não devem ser considerados como uma realidade dos factos pois são utilizados e orientam de um modo enviesado as políticas na área (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009, p. 128).

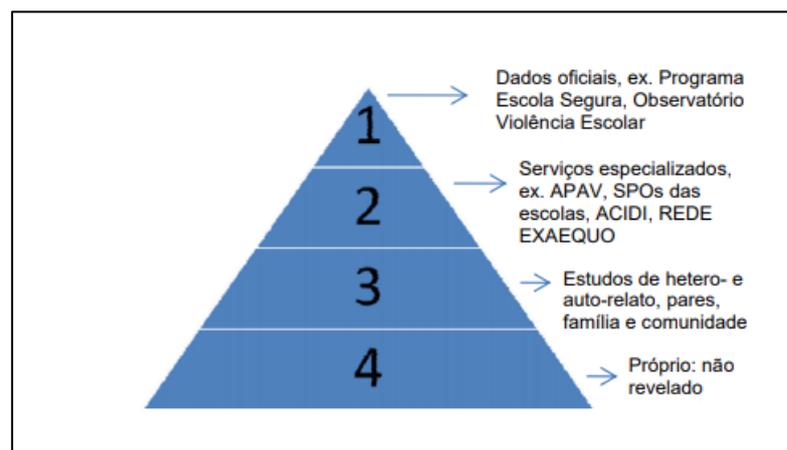
O nível dois representa os casos que são conhecidos por profissionais que trabalham em serviços diferenciados ou instituições especializadas, como o caso de escolas, serviços sociais e de saúde (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009, p. 128). Para este nível, os casos encontrados corroboram a existência de mais casos quando comparados com os números de estatísticas oficiais (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009, p. 128). Já o terceiro nível direciona-se para o número de situações de *bullying* nos membros da comunidade, onde a criança ou jovem habita (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009, p. 128). Este terceiro patamar apresenta uma realidade acrescida perante os resultados dos níveis anteriormente apresentados. Para alguns estudos e pesquisas elaborados, este nível traduz de forma mais verídica as situações de *bullying* (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009, p. 128).

Por sua vez, o quarto nível coincide com os casos de *bullying* na escola que permanecem por identificar, isto é, que são conhecidos pelos próprios alunos (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009, p. 128). Concluimos que, persistem dados recolhidos por vários serviços muito limitados, pelo que apenas alguns conseguem reproduzir um retrato da

situação mais autêntica (nível três). Claro está que, no exemplo do primeiro patamar, os dados que estes obtêm são conseguidos através de uma intervenção ou denúncia feita por indivíduos. Logo, como podemos entender, nem todas as ocorrências de *bullying* são denunciadas e, somente, há intervenção do Programa Escola Segura nos casos em que os profissionais de educação e direção escolar não conseguem controlar ou resolver.

No caso da segundo e quarto nível, deduzimos que os serviços especializados não conseguem ter uma rede tão extensa de intervenção que lhes permita interferir nas mais diversas situações de *bullying* existentes nos meios escolares. Considerando ainda os casos em que as agressões persistem e não são denunciadas nem observadas minuciosamente ao ponto de chegar a ser detetadas antes de haver uma vítima prejudicada.

Assim, Susana Fonseca Carvalhosa, Carla Moleiro e Célia Sales representaram a pirâmide através de uma ilustração demonstrada abaixo, com a finalidade de esquematizar o que aqui foi dito até então (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009, p. 128).



*Ilustração 1- Pirâmide para bullying escolar segundo Susana Fonseca Carvalhosa, Carla Moleiro e Célia Sales (2009, p. 128)*

#### 4.1. Comportamento dos *Bullies*

Segundo a literatura, a prática do *bullying* define alguns comportamentos isolados que os agressores, ditos de *bullies*, possam revelar na sua conduta. Assim sendo, num estudo elaborado por Luísa Carrilho, Paulo Nogueira e Teresa Bacelar, os comportamentos que

foram detetados definem-se por: agredir, roubar, insultar, intimidar/ameaçar e o isolamento social. (Carrilho, Nogueira, & Bacelar, 2010, p. 60)

Consequentemente, agredir direciona-se para comportamentos que manifestam agressões físicas intencionais, como referido anteriormente neste trabalho (Carrilho, Nogueira, & Bacelar, 2010, p. 60). Neste contexto, evidenciam-se os atos de esmurrar, puxar os cabelos, empurrar, dar pontapés ou morder (Carrilho, Nogueira, & Bacelar, 2010). Assim, excluem-se desta vertente do agredir, todos aqueles atos que são acidentais e que ocorrem involuntariamente em casos de brincadeiras.

No seguimento, o roubar inclui que o sujeito retire algo a outro sem que este lhe forneça autorização para tal, seja brinquedos, roupa, comida, entre outros (Carrilho, Nogueira, & Bacelar, 2010, p. 60). Por sua vez, o insultar pressupõe como um comportamento agressivo verbal, tal como o chamar nomes impróprios, gozar, discutir com violência ou pronunciar asneiras (Carrilho, Nogueira, & Bacelar, 2010, p. 60).

Seguidamente, o intimidar/ameaçar engloba o obrigar a vítima a fazer algo que esta não quer. Esta vertente acontece através de ameaças, intimidações ou mesmo recorrendo às agressões (Carrilho, Nogueira, & Bacelar, 2010, p. 60). Por fim, mas não menos relevante, o isolamento social, que muitas vezes não é evidenciado como um dos comportamentos tidos pelos *bullies*, caracteriza-se por condutas que conduzem o aluno para a não integração em brincadeiras de recreio com os restantes alunos (Carrilho, Nogueira, & Bacelar, 2010, p. 60). Esta exclusão acontece quer pela exclusão dos colegas ou pela própria atitude do aluno em isolar-se do ambiente dos outros (Carrilho, Nogueira, & Bacelar, 2010, p. 60).

Em síntese, consideramos que os *bullies* manifestam alguns comportamentos na sua conduta em contexto escolar, ou fora dele. Claro está que, um aluno que pratique bullying sobre outro pode não ter uma grande evidencia em todos estes comportamentos definidos, no entanto, será muito mais favorável se os docentes e auxiliares souberem desta informação para que consigam combater, o mais precocemente possível, a prática do *bullying*.

## 5. Estratégias de combate à violência escolar

O tema das estratégias torna-se imprescindível para este trabalho, ou seja, é nas estratégias que o interesse do estudo recai como forma de intervenção socioeducativa de prevenção à violência escolar. O que se apresenta em seguida não pretende ter um formato de solução metodológica para a violência escolar, mas sim, identificar alguns caminhos, perspectivas e/ou projetos que podem servir como linhas orientadoras para uma reflexão e construção de estratégias que combatam esse fenômeno por parte da comunidade educativa.

Desta maneira, o objetivo deste trabalho é tentar explicitar que existem múltiplas estratégias possíveis de implementar, plurifacetadas e que devem sempre ser contextualizadas e adaptadas ao meio específico onde a escola em questão está inserida.

Consequentemente mostra-se relevante classificar os atos de violência que podem ser evidenciados no meio escolar entre os pares, segundo João Amado, ou seja: jogo rude, comportamento associal e pequena violência, bullying e atos delinquentes (Amado, 2005, p. 310 e 311). Todas estas manifestações são abordadas como formas e expressões de violência dos alunos, as quais reúnem caracterizações díspares.

O jogo rude apresenta-se como um comportamento agressivo e pejorativo que, muitas vezes, não se classifica como sendo violência entre pares. O mesmo não é algo persistente e, normalmente, é um ato visto como lúdico (Amado, 2005, p. 10). Já o comportamento associal ou pequena violência manifesta-se como um ato agressivo verdadeiro, ou seja, humilhações, ofensas, sendo verbais ou não verbais, e nas quais o agressor e vítima mantêm igual força e poder (Amado, 2005, p. 310).

Por sua vez o bullying caracteriza-se por um abuso de poder direto, sendo que pode ser usada a agressão física, psicológica ou ética. Neste campo a vítima ou vítimas são mais vulneráveis que os agressores. Estes atos apresentam-se com grande prolongamento de tempo e são constantemente aplicados, sendo que as vítimas sofrem persistentemente as agressões (Amado, 2005, p. 310).

Por último, os atos delinquentes estão no nível mais elevado de gravidade, considerados como “(...) vandalismo e ataques à propriedade, violações, assédio, abordagens impróprias, etc” (Amado, 2005, p. 311). Nestes casos, os alunos perdem o

controle da sua situação sobre o meio e reagem sempre através de atitudes agressivas para com os pares ou outros elementos que intervenham contra o mesmo.

Para que, efetivamente, exista uma intervenção face à violência escolar, Susana Carvalhosa definiu uma classificação para os tipos de prevenção que podem surgir (Carvalhosa S. , 2010, p. 30). Primeiramente, as intervenções podem apresentar-se em três níveis diferentes: primária, secundária e terciária, sendo que, cada uma destas definições é atribuída dependendo do momento em que há uma intervenção no problema (Carvalhosa S. , 2010, p. 30). De outra forma, existe um sistema de classificação da prevenção que é aplicada quando pretendemos indicar a população-alvo a atingir e, também, compreender os objetivos dessas intervenções (Carvalhosa S. , 2010, p. 30).

Assim, segundo Susana Carvalhosa definimos a prevenção universal, seletiva e indicada, que podemos entender melhor na tabela exibida abaixo:

<p>Prevenção universal (concebida para a população em geral)</p>	<p>A prevenção universal do bullying e da violência em meio escolar é direcionada para a totalidade de comunidade educativa, por exemplo, todos os alunos, professores, auxiliares e encarregados de educação de uma escola.</p>
<p>Prevenção seletiva (com o foco em grupos de maior risco relativamente à população em geral)</p>	<p>A prevenção seletiva do bullying e da violência em meio escolar é direcionada para subgrupos de alunos que se encontrem em maior risco para conflitos ou violência, como, por exemplo, alunos de um determinado ano de escolaridade.</p>
<p>Prevenção indicada (dirigida para grupos de alto risco a partir de indicadores precoces que atuam como sinal)</p>	<p>A prevenção indicada do bullying e da violência em meio é direcionada para alunos específicos que já mostrem sinais de ter problemas com conflitos ou violência, como, por exemplo, alunos agressivos ou com problemas no controlo do comportamento.</p>

*Tabela 1- Retirada de (Carvalhosa, 2010, p.31)*

Seguindo esta perspetiva da tabela, podemos concluir que as instituições educativas devem entender e perceber como, porquê e em que situações se devem aplicar cada tipo

de prevenção. Além disso, o trabalho conjunto entre todos os elementos da comunidade educativa será uma mais valia para que todo o processo preventivo seja realizado com sucesso. Susana Carvalhosa refere que “fazer prevenção da violência e do bullying em meio escolar é promover, proteger ou manter um estilo de vida que não tolere este tipo de comportamentos” (Carvalhosa S. , 2010, p. 30). Ou seja, para que o ambiente escolar seja equilibrado, onde há sociabilização, cooperação e relações saudáveis, necessitasse de laços de afeto entre todos os elementos da comunidade.

Wilson (2004) defende que, os alunos, sendo ou não de grupos vulneráveis, face à violência, quando apresentam laços positivos relativos ao ambiente escolar, demonstram menos comportamentos violentos (Carvalhosa S. , 2010, p. 31). Por esta razão, professores e auxiliares, dentro da escola são indivíduos importantes para o processo de prevenção da violência.

Para além do que foi referido, torna-se relevante enfatizar a envolvência de toda a comunidade nesta prevenção, mantendo uma ideia de que, para combater a violência escolar, não pode ser utilizado um único método ou estratégia, mas sim, várias (Carvalhosa S. , 2010, p. 32). Desta forma, “a violência escolar e o bullying encaixam-se numa perspetiva complexa de violência na nossa sociedade (...) relacionados com o indivíduo, a família, os pares, a escola e a comunidade” (Carvalhosa S. , 2010, p. 32). Só entendendo esta perspetiva de “todo” é possível intervir com os alunos e chegar ao objetivo principal- Prevenir as práticas de violência escolar.

### 5.1. Comunicação Interpessoal

Segundo Feliciano Veiga, vários autores apontam para que o professor, face a um aluno indisciplinado, averigue primeiramente a forma como comunica com o mesmo (Veiga, 2007, p. 26). A forma como comunicamos com o outro, pode ser uma das razões que o leve a se comportar de determinada maneira e, às vezes, esta competência não é levada com a devida importância.

O impacto que as palavras podem ter num aluno, sendo elas produzidas por um professor ou encarregado de educação, muitas vezes não é medido. Neste sentido “é necessário que os professores, mas também, os pais, desenvolvam as suas competências comunicacionais” (Veiga, 2007, p. 26). A capacidade de se comunicar sem afetar negativamente o outro é algo que se aprende e se treina constantemente, mantendo a ideia

de que, o professor, como modelo para o aluno, deve ter em conta todas as suas palavras perante o mesmo.

Assim, Feliciano Veiga aponta para um modelo comunicacional eclético que aponta para as várias competências que a comunicação interpessoal deve ter em conta (Veiga, 2007, p. 26 e 27). No mesmo assunto, o foco serão as categorias comunicacionais que aumentam a indisciplina, tendo em conta que estas apontam para um comportamento indisciplinado dos alunos consequentes da forma comunicativa dos professores e pais.

Algumas das interações verbais, destacadas por Feliciano Veiga, que se dão entre professores-alunos ou alunos-professores, geram um ambiente de competitividade na sala de aula (Veiga, 2007, p. 43). O clima de conflito e competição, em nada facilita a diminuição da indisciplina e violência na escola, conduzindo para uma atitude comunicativa de reflexo sobre o sentimento de auto desvalorização e conformista (Veiga, 2007, p. 44). Quanto às categorias que não devem ser frequentemente empregues pelo professor, temos: a tendência a desvalorizar os mais fracos, a desconfiança e ameaças, diminuição da capacidade de ouvir e ter em conta o Outro, formatação de minorias, situações emotivas, intolerância; entre outros (Veiga, 2007, p. 43).

Por outro lado, a capacidade de utilização de uma flexibilidade face à diversidade de opiniões, a integração dos diferentes pontos de vista da turma, o aumento de coesão do grupo-turma, a participação dos alunos na resolução dos problemas, o aumento da profundidade de comunicação, a promoção de autoestima escolar, entre outros..., apenas favorece o ambiente em sala de aula e permite ao professor ter uma maior abertura comunicativa com os seus alunos (Veiga, 2007, p. 44).

Por tudo o que foi mencionado, se o professor colocar o sarcasmo, a crítica violenta, a humilhação como uma constante na sua comunicação, não conseguirá uma turma de alunos disciplinados e com capacidade de comunicação saudável e reflexiva. Assim, a principal preocupação do docente para com os alunos deve basear-se em “(...) ajudar a descobrir uma forma de sentir, pensar e agir que, efetivamente, seja significativa para eles” (Veiga, 2007, p. 44).

## 5.2. Jogo dramático

Perante estas designações, Natália Cardoso considera que a violência é um comportamento apreendido pela criança ou jovem e, como tal, pode ser desaprendido (Cardoso, 2009, p. 279). Desta forma, a escola demonstra-se com palco de programa de prevenção a aplicar com estas crianças e jovens, através de aprendizagens sobre a assertividade, autocontrolo, resistência face a frustrações, entre outros (Cardoso, 2009, p. 279). Neste sentido, revê-se um grande papel da escola em conseguir prepara os alunos para uma sociedade mais empática e, conseqüentemente, menos violenta. Se a educação pode mudar o mundo, então as instituições educativas têm possibilidade de fazer com que o futuro da sociedade seja mais gratificante.

Uma das estratégias, mencionadas por Courtney (1980), é a implementação do jogo dramático com crianças e adolescentes (Cardoso, 2009, p. 280). Através desse jogo os indivíduos “(...) adquirem o domínio da comunicação com o outro: habitua-se a ver e a serem vistos, a ouvir e a responder, a compreender e a serem compreendido e alcançam uma relação com a realidade e com os outros” Courtney (citado por Cardoso, 2009, p. 280). Seguindo esta ideia, com o auxílio da dramatização o aluno conseguirá melhorar a sua expressão do que sente e, ao mesmo tempo, aprender a ver o ponto de visto do outro sem que isso lhe suscite recurso à agressividade.

Segundo Natália Cardoso o teatro é uma ferramenta de intervenção social que começou a ser implementada nos inícios do século XX (Cardoso, 2009, p. 280). Neste sentido, a arte na educação e teatro foram defendidos por pedagogos da Escola Nova e utilizados para intervenção e consciencialização social, desenvolvendo vários domínios com as crianças e jovens (Cardoso, 2009, p. 280). Ainda, através de vários estudos, nomeadamente pela internet, Natália Cardoso (2009) destaca que existem vários projetos de prevenção da violência dirigidos a um público jovem, utilizando a ferramenta pedagógica do teatro, particularmente nos estados Unidos, Canadá, Austrália, Reino Unido, Brasil, entre outros (Cardoso, 2009, p. 281).

Dentro desta estratégia do teatro do Oprimido (T.O.) , normalmente, são observados três tipos de atividades base: “1) informação de base sobre o T.O. e exercícios de “aquecimento” orientados pelo facilitador (curinga); 2) jogos, normalmente interações físicas, criadas

para desafiar o participante a tornar-se mais ativamente envolvido com os outros e a desenvolver relações de confiança, numa atmosfera lúdica; **3)** exercícios estruturados formulados de acordo com uma área particular do T.O., como o “Teatro Imagem” ou “Teatro Fórum” (Cardoso, 2009, p. 281). Assim, percebemos que estes jogos dramáticos desenvolvidos com os alunos têm de ser bem pensados e implementados para que se consiga retirar aprendizagens significativas e, do mesmo modo, transmitir boas práticas e autoconhecimentos.

Natália Cardoso foca uma das ações da APAV (Associação de Apoio à Vítima) através da implementação destas práticas em algumas escolas, com o objetivo primordial de prevenção do bullying (Cardoso, 2009, p. 282). Este teve como ponto de partida o treino de competências pessoais, sociais, emocionais e relacionais. Da mesma forma, surgiram feedbacks positivos das escolas, abordando temas como os maus-tratos infantis, violência escolar e bullying, já antes referido (Cardoso, 2009, p. 282). Percebemos que, através de projetos como este conseguimos chegar perto dos alunos e transmitir alguns saberes que podem auxiliar na prevenção de atos agressivos entre pares. Desta forma, Natália Cardoso acredita que “a prevenção de comportamentos violentos começa quando nos dedicamos a encontrar e atacar as causas que motivam o seu desenvolvimento” (Cardoso, 2009, p. 285).

Além disso, Susana Carvalhosa defende que a expressão e educação dramática são uma boa ferramenta para a prevenção da violência escolar, pois, através dessas atividades de exploração o aluno desenvolverá as suas possibilidades expressivas por meio do corpo, voz, espaço e objetos (Carvalhosa S. , 2010, p. 39). A mesma autora, refere ainda que esta modalidade dramática faz com que os alunos consigam uma melhor relação e comunicação com os outros, seja pela linguagem verbal, gestual ou não verbal (Carvalhosa S. , 2010, p. 39). Não obstante, percebemos que a área da expressão dramática pode ser utilizada pelos professores para conseguir chegar aos alunos e passar a mensagem correta de como enfrentar um obstáculo ou comunicar com alguém sem usar o meio da violência.

### 5.3. Integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares

Susana Carvalhosa menciona que, embora os currículos nacionais não estipulem, especificamente, este tópico, a violência escolar e o bullying podem ser integrados nas áreas curriculares disciplinares e não disciplinares (Carvalhosa S. , 2010, p. 38). Se pensarmos nesta possibilidade, o aluno pode trabalhar a sua formação, enquanto cidadão, através de atividades envolvidas num conteúdo disciplinar, basta que o professor assim o queira. Susana Carvalhosa acrescenta que esta temática da violência contribuirá para que o aluno seja “(...) mais informado e mais consciente dos seus direitos e deveres, ajudando-o na sua realização, o mais plena possível, na família, na escola, na sociedade e no mundo” (Carvalhosa S. , 2010, p. 38).

Como tal, podemos definir, segundo Susana Carvalhosa, as diferentes áreas curriculares, desde a valência pré-escolar até ao 2º ciclo, que podem ter a violência escolar inserida nos seus conteúdos. Nas idades de pré-escolar, a prevenção da violência pode inserir-se na área da formação pessoal e social, tal como, no 1º ciclo do ensino básico, pode estar no âmbito da área da expressão e educação dramática, português, estudo do meio, desenvolvimento pessoal e social e na educação física (Carvalhosa S. , 2010, p. 39 e 40). Por sua vez, no 2º ciclo, este tema pode constar na área curricular das ciências naturais, expressão dramática, educação física e área de projeto, estudo acompanhado e formação cívica (Carvalhosa S. , 2010, p. 41).

Desta forma, em conformidade com o que destaca Susana carvalhos, podemos mencionar que:

#### **PRÉ ESCOLAR-** Área da formação pessoal e social:

- “Promoção de atitudes e valores que permitam aos alunos tornarem-se cidadãos conscientes e solidários;
- Capacitação da criança para a resolução dos problemas da vida, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo livre e solidário;
- Constituição de um ambiente relacional securizante, em que a criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e autoestima;

- Valorização e respeito do educador que estimula e encoraja os progressos e a auto-estima da criança;
- Construção de um autoconceito positivo assente no exemplo para as relações das crianças entre si, tornando-as mais independentes e autónomas;
- Promoção de um ensino em que a crianças vai aprendendo a escolher, a tomar decisões, a ter laços de pertença e a formar atitudes de tolerância, participando democraticamente na vida do grupo e aceitando as regras, elaboradas e negociadas entre todos” (Carvalhosa S. , 2010, p. 39).

### 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO- Áreas disciplinares

- Expressão e educação dramática:

Atividades de exploração, permitindo que se desenvolvam, de forma pessoal, as possibilidades expressivas com o corpo, voz, espaço e objetos; (Carvalhosa S. , 2010, p. 39)

Desenvolvimento da capacidade de relação e comunicação com os outros através da linguagem verbal, não-verbal e gestual (Carvalhosa S. , 2010, p. 39).

- Estudo do meio:

Aluno com o conhecimento de si próprio, mas, ao mesmo tempo, desenvolvendo atitudes de autoestima, autoconfiança e valorização da sua identidade e raízes (Carvalhosa S. , 2010, p. 40).

Iniciação do modo de funcionamento e regras dos grupos sociais (famílias, escola, sociedade, entre outros) ao mesmo tempo de desenvolvem atitudes e valores, tais como a responsabilidade, tolerância, solidariedade, cooperação, entre outros (Carvalhosa S. , 2010, p. 40)

Reconhecer os diferentes espaços da escola e as funções destinadas a cada um, tal como os diferentes itinerários diários (Carvalhosa S. , 2010, p. 40).

- Português:

Tendo em conta que, na área do português se trabalha a comunicação oral, podem ser alargadas as competências que permitem aos alunos comunicar entre si, manifestando os

seus interesses e necessidades, exprimindo sentimentos e trocar experiências e saberes (Carvalhosa S. , 2010, p. 40).

- Área do desenvolvimento pessoal e social:

Aqui destacam-se as “dimensões dos conhecimentos e valores/atitudes através da descoberta dos outros, a escola e a relação com os outros, a família, as pessoas comunicam entre si, a vida humana, aprender a escolher, o valor do corpo, (...)” (Carvalhosa S. , 2010, p. 40).

- Área da educação física:

Através desta área compreendemos que os alunos podem apreender a forma de cooperar com os companheiros de equipa nos jogos e exercícios propostos, bem como a cordialidade e o respeito na relação com todos os envolvidos. Tudo isto, cumprindo as regras estabelecidas em turma (Carvalhosa S. , 2010, p. 40).

## **2º CICLO DO ENSINO BÁSICO- Áreas disciplinares**

- Ciências físicas e naturais:

Perceção do organismo humano e dos fatores nocivos que podem colocar em risco a saúde física e mental (Carvalhosa S. , 2010, p. 41).

- Expressão dramática:

“Utilização do corpo e da voz na construção de personagens” (Carvalhosa S. , 2010, p. 41).

- Área da educação física:

Aqui revemos a situações onde se pode procurar o êxito pessoal e de grupo, dependendo do jogo ou atividade (Carvalhosa S. , 2010, p. 41).

Desenvolvimento da cordialidade e respeito pelos outros, com aceitação do apoio dos colegas nos momentos de esforço e aperfeiçoamento (Carvalhosa S. , 2010, p. 41).

Capacidade para perceber decisões tomadas em prol do bem do grupo, e cooperação nas fases de aprendizagem e organização, optando por ações favoráveis ao êxito, segurança e bom ambiente relacional nas atividades (Carvalhosa S. , 2010, p. 41).

- Área de projeto, estudo acompanhado e formação cívica:

Aprender a negociar e tomar decisões importantes sobre aspetos de relacionados com o grupo/turma, organizando as regras para o bem-estar individual e coletivo. (Carvalhosa S. , 2010, p. 41)

“Atribuição e assunção de responsabilidades em tarefas individuais e de grupo” (Carvalhosa S. , 2010, p. 41).

Aprendizagens relacionadas com a aceitação de opiniões contrárias e argumentação face ao ponto de vista próprio, sem ofender nem provocar (Carvalhosa S. , 2010, p. 41).

“Treino do autocontrolo” (Carvalhosa S. , 2010, p. 41).

De acordo com o que se verificou anteriormente, concluímos que, através dos currícula de educação pré-escolar, 1º ciclo do ensino básico e, também, 2º ciclo, conseguimos desenvolver várias competências relacionadas com a prevenção da violência escolar. Para isto, basta que o docente queira implementar esta temática nos conhecimentos dos seus alunos e, ao mesmo tempo, reduza a agressividade e comportamentos violentos entre os pares. Considera-se que, esta forma de prevenir a violência possa ser considerada uma estratégia a implementar enquanto professor.

#### 5.4. Intervir como pai ou mãe

Antes de partir para o foco desta estratégia, torna-se relevante afirmar que, no caso dos agressores, estes pedem sempre o silêncio da vítima face aos diversos ataques que exercem sobre ela. Este pacto faz com que as agressões e maus-tratos continuem por mais tempo sem que haja a intervenção de um adulto defensor da vítima (Haber & Glatzer, 2009, p. 126).

Assim, quando falamos de “intervir como pai ou mãe”, em crianças mais novas, essa solução pode ser eficaz abordando diretamente o agressor. Porém, antes de ingressar no segundo ano de escolaridade (antes dos 7-8 anos), normalmente, a criança agressora tem

um medo extremo da descoberta do adulto face às agressões que mantém e, por essa razão, a intervenção de um pai ou mãe pode colocar fim, facilmente, ao processo (Haber & Glatzer, 2009, p. 127).

Por outro lado, os pais do agressor podem ser também abordados para tentar intervir nos maus comportamentos do educando, no entanto, esta ação só deve ser feita quando há um conhecimento e noção das atitudes praticadas, caso contrário, os pais podem colocar-se na defensiva e passar a ser agressivos (Haber & Glatzer, 2009, p. 127 e 128). Neste sentido, como educadores ou professores, devemos ter sempre em consideração o encarregado de educação com quem vamos abordar o assunto, tentando não ser muito ofensivo perante as atitudes do educando e, ao mesmo tempo, explicando o melhor caminho para pôr fim às agressões.

Por fim, é necessário ressaltar que, nos casos em que o/a agressor/a é apenas um/a, um encarregado de educação pode ser o bastante para acabar com os comportamentos agressivos utilizando o confronto direto com este. Outra forma, será falar com os pais do agressor e pedir ajuda e cooperação para que a violência tenha um fim (Haber & Glatzer, 2009, p. 128).

### 5.5. Ensinar como reagir

Para Joel Habel e Jenna Glatzer a criança deve ser incentivada a saber defender-se dos diversos “ataques” e agressões que lhe podem surgir ao longo da jornada escolar e não só (Haber & Glatzer, 2009, p. 122). Inicialmente, pode ser questionado à criança como é que ela reage, habitualmente, a um agressor (podendo o educado, professor ou encarregado de educação “fazer de agressor”) (Haber & Glatzer, 2009, p. 122). Isto permitirá ao adulto compreender como é que a criança age perante um agressor e, ao mesmo tempo, observar a sua atitude e comportamento face ao sucedido.

Em seguida, deve ser explicado à criança que os choros, gritos, cruzar braços ou outro tipo de reação forte, não pode acontecer perante o agressor, pois isso fará com que este entenda o nível de fragilidade da vítima e consiga manipular tudo o resto (Haber & Glatzer, 2009, p. 123). Para que a criança compreenda como deve agir, pode ser o adulto a demonstrar, no papel de alvo, como é que se pode confrontar o agressor. Estas duas

vertentes, vitimização e reação, devem ser visualizadas pelo aprendiz com o fim deste perceber qual dos “papéis” será o melhor para conseguir manter-se firme e não ser prejudicado fisicamente e psicologicamente pelos agressores.

Do mesmo modo, a criança pode ser ensinada a “ripostar” perante o ofensor, ou seja, responder verbalmente não se deixando intimidar. Joel Habel e Jenna Glatzer garantem que “as respostas de retaliação podem ser muito perigosas se a criança não for boa a expressá-las” (Haber & Glatzer, 2009, p. 124). Quer isto dizer que, a mensagem que deve ser pronunciada deverá ser simples e facilmente proferida pela criança, sem complicações e não procurando levar a melhor, mas sim defender-se (Haber & Glatzer, 2009, p. 124).

Neste caso de “ripostar”, o professor, educador ou encarregado de educação que está perante a criança deve sublinhar que o conceito de responder ao agressor não é mais do que não deixar que ele rebaixe ou agride psicologicamente. Se o agressor vir a firmeza da mensagem pode recuar e deixar de parte a vítima que se demonstrou forte e precisa. Desta maneira, a estratégia pode ser compreendida de tal forma que seja, para sempre, uma forma de proteção daquela criança, não deixando que os agressores a sensibilizem.

## 5.6. Círculos restaurativos

Antes de explicitar o conceito de círculos restaurativos, convém explicar em que consiste a justiça restaurativa como abordagem para a resolução de conflitos. “Os valores da justiça restaurativa são aqueles essenciais aos relacionamentos saudáveis, equitativos e justos” (Santos, Grossi, & Scherer, 2014, p. 280). Estes valores, mencionados pelas autoras referidas, são extremamente necessários para que o processo da justiça restaurativa seja desenvolvido com sucesso. Do mesmo modo, se há uma evidência nos valores de respeito e honestidade, torna-se indispensável que as práticas adotadas tenham estes valores evidenciados, como as iguais oportunidades para intervir numa discussão (Santos, Grossi, & Scherer, 2014, p. 280).

Assim sendo, a justiça restaurativa pressupõe que exista uma resolução dos conflitos através de ambas as partes envolvidas no mesmo, esperando que cada uma das partes (agressor e vítima) consiga ter voz e explicar “(...) o que sentiu no momento do

ato, o que levou à realização do ato, o que tem passado após o ato, dentre outros questionamentos” (Santos, Grossi, & Scherer, 2014, p. 280). Além disso, a justiça restaurativa permite que exista diálogo entre a vítima e o agressor, mas também, uma participação da comunidade e familiares, conferências de grupo, círculos de sentenças, entre outros recursos que proporcione uma envolvimento dos professores, pais/encarregados de educação e outros elementos da comunidade educativa.

Desta maneira, os círculos restaurativos, partindo das ideias de Andréia dos Santos, Patricia Grossi e Patricia Scherer, são locais onde as pessoas se dirigem de livre vontade, permitindo que se desloquem para uma das partes envolvidas no conflito, ou seja: agressor, testemunhas ou vítimas. (Santos, Grossi, & Scherer, 2014, p. 280) Neste registro não é obrigatória, ainda que envolvidas, a presença dos/das agressores/as e vítimas, pois podem não estar à vontade para abordar o ocorrido. Estes círculos são sempre orientados por um coordenador que sugere um ambiente seguro e protegido com o intuito de resolver os problemas, falar sobre o ocorrido e arranjar soluções para um futuro melhor e sem evidências de violência iguais às causadas.

Estes círculos restaurativos, sendo uma estratégia, partem de três etapas para a sua realização, ou seja: pré-círculo, círculo e pós-círculo, não sendo obrigatória existirem as três para a boa resolução dos conflitos. Se houver a falta de uma das partes na elaboração do círculo, o processo ocorre de forma incompleta, no entanto para que a metodologia destes círculos seja implementada de forma completa, deve existir um pré-círculo “solicitação de uma das partes e aceitação da outra envolvida” (Santos, Grossi, & Scherer, 2014, p. 280)- depois de haver uma concordância de participação de ambas as partes.

Após o pré-círculo, passamos para o círculo que engloba a vítima, o agressor, os familiares e a comunidade que quiser participar no círculo de discussão e partilha (Santos, Grossi, & Scherer, 2014, p. 281). Esta “reunião” tem que ter um agendamento para que ambas as partes possam comparecer. Neste espaço, não existe uma hierarquização entre os intervenientes, sendo que apenas serão ouvidos a vítima e o agressor sobre os sentimentos antes, durante e após o conflito ocorrido, permitindo que os outros elementos do círculo também possam participar (Santos, Grossi, & Scherer, 2014, p. 281).

Por fim, na parte final do círculo, haverá um acordo que ambas as partes terão que assinar e consentir para que seja cumprido com sucesso. Este acordo deve ser algo formalizado num documento devidamente preenchido e assinado (Santos, Grossi, &

Scherer, 2014, p. 281). O pós-círculo acontece quando há uma retomada depois do que foi acordado no círculo, verificando se tudo o que foi estipulado está a ser cumprido por ambas as partes. Será relevante mencionar que estes círculos restaurativos não são estratégias a aplicar apenas com crianças e jovens (estudantes), mas sim com toda a comunidade educativa se assim for necessário.

Nunca esquecendo que “(...) muitos comportamentos apresentados pelos estudantes na escola são reproduções de suas vivências nas comunidades onde moram, nas famílias e na sociedade, necessitando de intervenções mais amplas” (Santos, Grossi, & Scherer, 2014, p. 281). Esta estratégia parte do diálogo e superação de dificuldades nas relações de conflito, que geram o bullying - maior parte das vezes- permitindo que num ambiente de sociabilização exista soluções a longo prazo para uma escola sem violência.

### 5.7. Programa “Aulas en Paz”

O Programa “Aulas en Paz”, que nasceu em 2005, foi desenvolvido em torno de um grupo de pesquisa sobre “educação, desenvolvimento e convivência” do Departamento de Psicologia da universidade de los Andes, dirigido por Enrique Chaux (Chaux, 2005). O grande intuito deste programa passa pelo desenvolvimento socio emocional das crianças e adolescentes, em torno da participação de toda a comunidade educativa e, não havendo apenas foco no professor ou no aluno (Chaux, 2005).

Desta forma, o programa tem o compromisso de contruir a paz dentro do contexto escolar, para que este seja local de aprendizagem pacífica sem momentos de violência entre pares ou entre outros elementos do espaço. Assim, o treino de habilidades e competências necessárias para que todos se tornem agentes de mudança para enfrentar desafios sociais, ambientais e económico do futuro apresenta-se como o grande foco deste programa (Chaux, 2005).

Como já mencionado, este programa é algo mais holístico que envolve professores, estudantes e as suas famílias, provando que, as competências socio emocionais devem ser geridas pelos mais novos e, ao mesmo tempo, pelos adultos, para que a instituição seja local de poucos conflitos e de luta contra o *bullying* (Chaux, 2005).

Na mesma base, este projeto foi já implementado na América Latina, como México, Chile e Peru (Chaux, 2005).

Não obstante, o programa insere uma formação de professores, tornando-os agentes de mudança através das metodologias práticas que podem ser aplicadas em sala de aula como: estilos de aprendizagem, conflitos, bullying escolar, entre outros (Chaux, 2005). Na mesma ideia, o professor poderá aplicar os materiais e estratégias aprendidas nas diferentes disciplinas que leciona, no entanto, o programa aponta um maior significado nas áreas das ciências sociais, cívica ou ética, como também, nas aulas de idiomas (Chaux, 2005).

Por fim, mas não menos relevante, as oficinas com a família são destinadas aos encarregados de educação, para que promovam um clima de convivência em casa com as crianças e jovens inseridas na escola. Os componentes da intervenção passam por abordar os estilos parentais, regulação emocional, disciplina positiva e comunicação assertiva (Chaux, 2005).

Assim, compreendemos que este programa pode trazer algo significativo para as crianças e jovens que se encontram, envolvidas num ambiente pacífico de aprendizagem e, do mesmo modo, são instruídas para resolver conflitos de uma forma mais positiva e sem recurso à violência. Nunca esquecendo que o foco não está unidirecionado para as estratégias aplicadas pelo professor em sala de aula, nem para o aluno como agressor ou vítima. Pelo contrário existe uma visão global de todos os intervenientes do espaço educativo que contribuem para um ambiente melhor e sem práticas violentas.

#### 5.8. Programa pró-social experimental

Este programa pró-social, implementado e analisado em Bruxelas, nos anos de 1997-1998, trata-se de uma estratégia cujos resultados foram averiguados num curto prazo de tempo (Debarbieux & Blaya, 2002, p. 45). O objetivo deste programa passou pela auto mediação que sugere o saber, a autoconfiança e a administração de relações pessoais, tanto dos alunos como dos professores (Debarbieux & Blaya, 2002, p. 45). De ressaltar que a estratégia foi aplicada numa turma do quarto ano de escolaridade do primeiro ciclo do ensino básico, ou seja, crianças entre os 8 e 11 anos de idade, sendo

pretendido que a continuidade fosse feita no quinto ano de escolaridade (Debarbieux & Blaya, 2002, p. 46).

Este programa baseou-se na realização de algumas atividades com as turmas, sendo o foco principal, o desenvolvimento de competências sociais para a resolução de problemas entre pares e exclusão dos atos violentos como solução do conflito. Cada sessão tinha um tempo para uma primeira introdução com as crianças e, no momento seguinte, permitia-se a autoexpressão das mesmas, como por exemplo, relatos de algumas experiências inseridas num dado tema (Debarbieux & Blaya, 2002, p. 48).

Estas atividades desenvolvidas direcionavam-se para: “(...) discussões livres, representação de papéis (teatro), uma canção, uma história e atividades de redação e pintura” (Debarbieux & Blaya, 2002, p. 48). Ao mesmo tempo existiu uma colaboração dos professores que se apresentou como um grande benefício para o programa, permitindo reuniões semanais e bimensais com os responsáveis pela estratégia (Debarbieux & Blaya, 2002, p. 48).

No final da implementação desta estratégia mediadora, os professores afirmaram as diferenças entre os comportamentos e atitudes dos seus alunos que, em alguns casos se mostraram muito diferenciadas, pela positiva, e noutros com uma diferença mais pequena, mas igualmente favorável (Debarbieux & Blaya, 2002, p. 51). Da mesma maneira, professores e direção observaram um grande decréscimo das reações agressivas e arrogantes das crianças, principalmente em algumas turmas que se mostravam menos abertas para este tipo de intervenções (Debarbieux & Blaya, 2002, p. 54).

Desta forma, a harmonia foi uma das questões que aumentou significativamente entre os alunos, já que era uma das atitudes desenvolvidas com as crianças nas sessões do programa. Consequentemente, a sociabilidade tornou-se mais fácil e os próprios alunos mantiveram-se mais quietos e menos reativos a desentendimentos gerados por ciúmes, objetos partidos, entre outros acontecimentos (Debarbieux & Blaya, 2002, p. 54).

Por fim, este programa não se apresenta como totalmente holístico, evidenciando a participação dos alunos e professores (e investigadores do programa a implementar), colocando à parte os encarregados de educação e pessoal não docente da escola. No entanto, os resultados analisados no final da prática foram positivos e os alunos passaram a mostrar um comportamento muito menos agressivo e sem recurso à violência.

## 6. Envolvência da comunidade educativa nas estratégias de combate à violência escolar

Com base nas oito estratégias mencionadas dentro deste tópico, será interessante distinguir, entre as mesmas, as suas pertinências quanto à envolvimento de um só interveniente da comunidade educativa, de mais do que um ou, então, de toda a comunidade educativa.

Por conseguinte, uma estratégia que tenha por base a envolvimento de todos os intervenientes, torna-se muito mais eficaz, não só pela criança observar comportamentos complementares entre todos os que a rodeiam, como também pelo ambiente harmonioso e transmissão de conhecimentos contra a violência que receciona quotidianamente. Porém, não será negativo que, pelo menos um dos elementos da comunidade educativa aplique uma estratégia contra a violência, podendo verificar-se resultados positivos.

<b>Estratégia</b> <b>Intervenientes</b>	<b>Professores</b>	<b>Encarregados de educação</b>	<b>Pessoal não docente</b>	<b>Alunos</b>
Comunicação Interpessoal	X	-	-	X
Jogo dramático	X	-	-	X
Integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares	X	-	-	X
Intervir como pai ou mãe	-	X	-	X
Ensinar como reagir	X	X	-	X
Círculos restaurativos	X	X	X	X
Programa “Aulas en Paz”	X	X	X	X
Programa pró-social experimental	X	X	X	X

*Tabela 2- Envolvência dos intervenientes da comunidade educativa nas estratégias mencionadas neste trabalho*

Com base na tabela 2 verificamos que apenas as últimas três estratégias, duas delas não implementadas em Portugal, estão perante um panorama mais holístico. Sendo que, nas outras encontramos inúmeros benefícios e respostas às formas de evitar a violência em contexto escolar, no entanto, e como já foi sublinhado, a envolvência de todos os elementos torna-se crucial para que as crianças e jovens consigam entender melhor como é que a convivência e resolução de conflitos deve ser efetuada sem recurso às agressões.

## 7. Problemática

Com base na parte teórica elaborada neste trabalho, a problemática explicita a perspectiva, objetivos e a linha que conduz a nossa investigação. Desta forma, sendo a violência um tema cada vez mais abordado pelos investigadores e que vem incidindo cada vez mais nas escolas, o objetivo passa por perceber, quais as estratégias existentes para combater este fenómeno social.

As instituições educativas devem caracterizar-se pela empatia e cooperação entre todos os elementos que dela usufruem e não pelo medo e angústia que uma criança ou jovem deve sentir sempre que têm de entrar pelas suas portas. Para isso, pretende-se compreender se há, efetivamente, estratégias para o combate da violência escolar aplicadas pelos professores, auxiliares e/ou encarregados de educação. Ao mesmo tempo, entender se a comunidade educativa trabalha colabora entre si para um melhor ambiente escolar entre os aprendizes.

Partindo das pesquisas já elaboradas pretendemos com o nosso estudo empírico recolher informação íntegra e precisa sobre o tipo de estratégias de prevenção aplicadas nas escolas, se estas existirem, e se vão ao encontro de alguma das que foram mencionadas neste trabalho. Do mesmo modo, será interessante constatar se, de facto, os profissionais de educação têm conhecimento de alguma estratégia contra a violência que não esteja presente na parte teórica desta investigação. Também, entender quais as representações que os atores deste estudo (alunos, professores, encarregados de educação e auxiliares) têm sobre o conceito de violência escolar e das causas que a podem gerar.

Através da pesquisa já elaborada, a violência não pode ser observada como algo passageiro ou irrelevante, tornando-se assim assunto de grande uma magnitude. Por essa e outras razões, este estudo tenta sublinhar a importância das estratégias de prevenção à violência que os vários integrantes da escola deveriam ter em consideração. Isabel Fonseca e Feliciano Veiga afirmam que “o combate eficaz às práticas agressivas exige a aplicação de um conjunto de medidas nas escolas (...)” (Veiga, 2007, p. 505) não podendo apenas ser divulgada a urgência de combate à violência escolar, mas sim a toma de medidas por toda a comunidade.

Partindo deste pressuposto, o estudo de caso desta investigação envolverá os professores, encarregados de educação, alunos e pessoal não docente que operam uma

instituição educativa específica, na qual tivemos a oportunidade de estabelecer comunicação com todos os mencionados e retirar as suas próprias conclusões.

## 8. Contexto escolar da investigação

Com base nos objetivos deste estudo de caso, a escola onde decorreu esta investigação permitiu a recolha de vários dados importantes. De salientar que toda a investigação foi feita tendo por base a Prática de Ensino Supervisionada (PES) da investigadora, o que facilitou o contacto com todos os elementos da comunidade educativa. A escola pertence ao distrito do Porto, sendo esta de cariz público e, por essa razão, faz parte de um agrupamento com mais quatro escolas (Regulamento Interno, 2018, p. 4).

Quanto à zona, a escola situa-se na zona metropolitana do Porto atrás de algumas moradias e numa rua de um só sentido, podendo nem sequer ser perceptível para algumas pessoas que desconheçam a instituição, já que as moradias não deixam ângulo de visão para a escola. Do mesmo modo, em torno da escola há vários colégios privados, os quais são perfeitamente perceptíveis das ruas principais de acesso. A zona em torno da instituição educativa onde decorreu o estudo é considerada rica, tendo vários pontos de comércio e muitas residências.

Na mesma instituição educativa, segundo o Regulamento Interno da mesma, a distribuição de alunos por turma é gerida segundo a legislação em vigor e outros elementos de natureza pedagógica com relevância, para uma integração dos alunos mais benéfica (Regulamento Interno, 2018, p. 4). Este item torna-se interessante para a investigação pois indica que a formatação das turmas não é elaborada sem critério e tem em conta o bem-estar e rendimento dos alunos.

Entre estes critérios destacam-se o respeito pela diversidade do ponto de vista da proveniência geográfica dos alunos, do género e do estágio de desenvolvimento dos mesmos, bem como as indicações pedagógicas fornecidas pelos docentes titulares de turma do ciclo/nível de ensino precedente, designadamente as propostas de divisão das turmas (Critérios Pedagógicos de Constituição de Turmas, 2016, p. 2). Além disto, os alunos retidos são inseridos, segundo os critérios, equilibradamente segundo o perfil dos mesmos (Critérios Pedagógicos de Constituição de Turmas, 2016, p. 5).

Da mesma forma, a comunidade educativa, através da plataforma online da escola consegue verificar dados da escola e do cartão do aluno, permitindo que os encarregados de educação justifiquem faltas e acedam aos variados serviços disponibilizados ao seu educando (Regulamento Interno, 2018, p. 5). Esta plataforma garante que a comunidade

esteja envolvida na vida do aluno, concedendo uma maior atenção de todos os profissionais e responsáveis.

Quanto aos docentes que se inserem nesta escola apresentam um enorme leque de anos de experiência a nível profissional. Segundo o Projeto Educativo do agrupamento, até ao ano letivo de 2019/2020 havia 260 docentes que possuíam habilitações profissionais para exercer e 51 assistentes operacionais que compõe o pessoal não docente com outros 13 assistentes técnicos (Projeto educativo, 2019-2022, p. 20). Para além disso, as escolas possuem 1 psicólogo e recursos materiais, ou seja, todas as salas do agrupamento dispõem de computadores, quadros interativos, projetores e outros equipamentos dependendo da especificidade da disciplina (Projeto educativo, 2019-2022, p. 20). Assim, compreendemos que as instituições estão bem equipadas e com os respetivos recursos humanos e materiais necessários para o bem-estar dos alunos.

### 8.1. Descrição do contexto socio cultural

Para Maria Emília Costa e Dulce Vale, o problema da violência e da insegurança parece estar em todo o sistema, isto é, a escola a família, a sociedade, os media e a própria juventude (Costa & Vale, 1998, p. 10). Por outro lado, Beatriz Pereira ressalva que pobreza não é sinónimo de mais violência, ou seja, meios mais desfavorecidos não justificam o aparecimento de agressores ou vítimas (Pereira, 2005, p. 6). Através destes autores podemos sublinhar a importância da descrição do contexto socio cultural em que este estudo de caso será aplicado para, de certa forma, tentarmos entender em que comunidade estamos inseridos.

Susana Carvalhosa, Luísa Lima e Margarida Matos traduzem o problema do aparecimento de provocadores pela falta de carinho ou afeto, excesso de punições e ausência de elogios e encorajamento (Carvalhosa, Lima, & de Matos, 2001, p. 524). Pelo contrário, através das nossas observações da chegada e saída dos alunos, considerou-se esta comunidade educativa com um estilo de vida favorável ao bem-estar dos educandos e da família. Além disto, é visível a grande abundância de encarregados de educação que deixa os alunos á porta da escola, concluindo que existe uma mínima percentagem que se desloca de transportes públicos para as aulas. Da mesma forma, na hora de saída das atividades letivas é novamente perceptível que muitos dos alunos são levados de carro até

casa ou para atividades extracurriculares. Estes momentos traduzem, de alguma forma, uma envolvimento dos encarregados de educação na vida dos alunos.

No mesmo contexto, os encarregados apresentam uma preocupação constante com os seus educandos, demonstrando estarem presentes e interessados pela educação que lhes é transmitida dentro da instituição. A escola fornece vários apoios ao estudo o que proporciona uma maior estabilidade aos responsáveis pelos alunos pela forma como estes são acompanhados e auxiliados nos estudos. Consequentemente, existe uma associação de pais que tem reuniões frequentes e se mantem em comunicação constante para conseguir perceber alguns inconvenientes e poder intervir com os professores para a comodidade das crianças e jovens.

Igualmente, sendo a instituição educativa de carácter público, contém no seu regulamento a possibilidade de alguns alunos com bolsas de estudo e outros apoios beneficiários para a sua vida escolar. Este e outro tipo de apoios demonstra a diversidade de alunos que esta escola apresenta dentro das suas instalações.

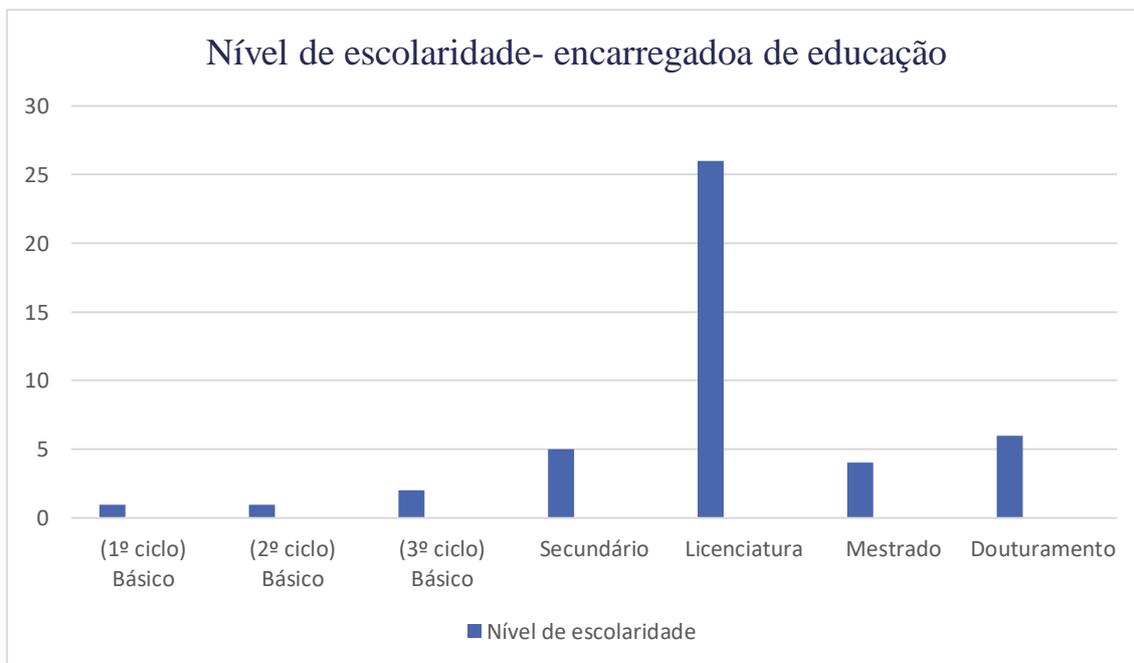
Nas turmas onde se focou o estudo, os encarregados de educação dos alunos, na sua maioria, apresentam níveis académicos superiores, sendo que nenhum tem menos que o nono ano de escolaridade no seu currículo. Através desta informação concluímos que estes encarregados possuem uma literacia que permite acompanhar e auxiliar os seus educandos nos estudos, não querendo com isto transmitir a ideia de que indivíduos com pouca escolaridade não consigam participar na vida dos alunos.

Assim, a comunidade educativa, no seu todo, apresenta um foco nos seus valores sociais, entre eles a preocupação com o ambiente e a inclusão educativa e social são as mais evidentes quando vivenciamos o dia a dia nesta escola. Estes valores tornam-se essenciais para uma vida em sociedade e auxiliam os alunos no seu futuro como cidadãos. Ainda, nas variadas turmas são observadas várias etnias, o que possibilita uma grande aprendizagem significativa da vida em sociedade inclusiva aos alunos. De acordo com a última frase, nesta investigação observou-se um grande empenho dos professores em fazer diferenciação pedagógica com as crianças e jovens nas suas leccionações, graças à grande diversidade de indivíduos que possuíam nas turmas.

Por fim, estando a presente investigação centrada na violência escolar e na aplicação de estratégias que a previnam, tentou-se observar vários momentos e acontecimentos nos quais houvesse evidências que fossem ao encontro a este objetivo. Na mesma medida,

deve ser ressaltado que a comunidade educativa está inserida num meio que aparenta tranquilidade e não agressividade ou violência, no entanto, a violência escolar pode estar visível mesmo nestes meios.

#### 8.1.1. Nível de escolaridade dos pais dos alunos



Com base no grupo-alvo dos alunos deste estudo de caso e os seus encarregados de educação, tornou-se essencial verificar o nível de escolaridade destes últimos. Esta caracterização, que suporta duas turmas do sexto ano de escolaridade, permite observar o nível académico que os pais ou familiares que acompanham os alunos, possuem e até que ponto, eventualmente, conseguem auxiliar os educandos nos estudos. Na mesma medida, as turmas estão constituídas por 22 e 24 alunos respetivamente.

Além disso, cada aluno tem apenas um indivíduo destacado como encarregado de educação e, como tal, observou-se que na maior parte dos casos esse responsável é a mãe e não o pai do aluno. Também, excepcionalmente, acontece o caso de o encarregado ser um dos avós devido à prática profissional dos pais que os impede de conseguir gerir a vida escolar do educando.

Resgatando a nossa parte teórica evidenciamos que os encarregados de educação são um elemento fulcral para a formação dos seus educandos. O acompanhamento que é dado às crianças e jovens durante os primeiros anos de escola pode tornar o fracasso e

indisciplina menos comuns. Da mesma forma, a atenção e cuidado que os encarregados mantêm ao longo do percurso académico dos educandos também é deveras relevante para que a violência escolar consiga minimizar as suas evidencias. Ao mesmo tempo, não podemos afirmar que, pelo facto do nível de escolaridade dos encarregados de educação ser alta (maioritariamente licenciatura) os alunos são bem acompanhados e conseguem garantir um bom sucesso escolar.

Da mesma forma, Cláudio Neto e Elba Barretto mencionam que, Lahire (1995), na sua pesquisa, constatou que os pais com uma cultura mais compatível com hábitos leitura, escrita, anotações, compromissos agendados nas agendas, leituras feitas para os filhos, acompanhamento constante a nível escolar, preenchimento cuidadoso de alguns documentos de casa, entre outros, tendem a direccionar-se em menor percentagem para o fracasso escolar (Neto & de Sá Barretto, 2018, p. 6). Seguindo essa ideia pretende-se que este trabalho de recolha de dados lhe permita tirar algumas conclusões sobre os encarregados de educação e conseqüente influência nos alunos.

## 8.2. Particularidades da escola e comunidade envolvente

Na escola onde decorreu este estudo de caso, as turmas são constituídas por mínimo de vinte e seis alunos e um máximo de trinta, ressalvando que aquelas que têm alunos com Necessidades Educativas Específicas (NEE) não devem ultrapassar os vinte elementos. Também é tido em conta, sempre que possível, um equilíbrio numérico de géneros e a distribuição de alunos retidos pelas diversas turmas (Critérios Pedagógicos de Constituição de Turmas, 2016, p. 3).

Da mesma maneira, os critérios de constituição de turma afirmam que os alunos provenientes do ensino oficial e privado devem ser colocados na mesma turma para que a heterogeneidade seja salvaguardada (Critérios Pedagógicos de Constituição de Turmas, 2016, p. 4). Assim há uma comunicação e troca de vivências com pessoas de nível socioeconómico diferente promovendo a aceitação de todos e a inclusão de todos os alunos na instituição educativa. Seguindo as perspetivas da nossa parte teórica, estes critérios facilitam a integração e envolvência de todos os alunos promovendo um bom ensino.

A escola em questão é composta por alunos do segundo e terceiro ciclo, sendo que todos convivem no mesmo espaço. Sendo que o edifício possui três andares onde estão disponibilizadas as diversas salas que, segundo o regulamento distinguem-se 24 salas de aula num número máximo destacado (Regulamento Interno, 2018, p. 87). Quanto aos toques sonoros durante o dia de aulas, apenas existem um toque durante o período de aulas dos alunos, isto é, o toque de entrada da manhã. Por sua vez, os professores e alunos gerem a aula da forma mais adequada e todos têm consciência do horário a cumprir sem que seja necessário o aviso sonoro.

Da mesma maneira, dispõe de variadas salas de aula, um auditório, uma biblioteca, uma sala de informativa, sala de atendimento e dos professores, um espaço destinado aos diretores de turma (sala à parte), devidos espaços da direção e um espaço exterior avultado. Como podemos perceber, a escola, apesar de não ter uma construção recente contém um espaço para cada utilização necessária dos seus órgãos e os recursos essenciais para uma boa aprendizagem e bem-estar dos alunos. De ressaltar que cada sala está equipada com um computador e projetor, o que facilita a passagem de informação e novos conhecimentos, através de vídeos áudios ou jogos didáticos, para os aprendizes.

Por sua vez, os horários de cada aluno dependem, em alguns dias, das opções dos encarregados de educação, já que existem tempo letivos dedicados ao apoio e que se apresenta como facultativo. Também, torna-se interessante apontar que a instituição educativa está localizada numa zona rica da cidade do Porto, sendo que o ensino nesta é público e não privado. Não estando num local muito visível, pois encontra-se por trás de algumas construções e não é observável facilmente. Ao mesmo tempo, tem acesso através de alguns transportes públicos (autocarro).

Do que foi observado, em cada piso existe, pelo menos, uma ou duas auxiliares responsáveis que auxiliam os alunos e professores durante as atividades letivas. Isto parece benéfico, não só para a organização do espaço, como também para que seja visto algum incidente ou confronto entre duas crianças ou jovens. Este último ponto vai ao encontro do tema fulcral desta investigação, já que, quando os alunos saem das suas aulas têm tempo para mudar de sala ou simplesmente conviver, o que proporciona um momento de passagem e diálogo entre todos, no qual as auxiliares devem estar atentas.

## 9. Metodologia de investigação

A investigação sobre a violência escolar, como já referido, não surgiu recentemente. No entanto, houve um aumento pelo interesse deste assunto, não apenas por ser algo que tem vindo a evoluir, como também pelo facto de profissionais de educação, auxiliares e encarregados de educação terem cada vez mais receio destas manifestações dentro de uma instituição onde crianças e jovem convivem diariamente.

Desta maneira, pretende-se “(...) compreender processos na complexidade social nas quais estes se manifestam: seja em situações problemáticas, para análise dos obstáculos, seja me situações bem-sucedidas, para avaliação de modelos exemplares” Robert Yin (citado por Martins, 2008, p.11). Portanto, depreendemos que a violência escolar é uma temática no contexto social e, de igual forma, uma situação problemática que merece atenção e pesquisa sobre a mesma. Neste sentido optou-se por se realizar um estudo de caso focalizado num conjunto centrado de alunos de uma escola concreta.

Esta investigação caracteriza-se, portanto, por ser um estudo de caso, onde foram utilizadas diferentes técnicas de recolha de informação (observação, entrevistas e inquéritos por questionários) para se conseguir um maior aprofundamento e conhecimento da realidade em estudo.

Foram selecionados como amostra por conveniência cinco professores, dez elementos do pessoal não docente, vinte e dois encarregados de educação e vinte e três alunos do segundo ciclo do ensino básico. Assim, um “estudo de caso é uma estratégia metodológica de se fazer pesquisa nas ciências sociais e nas ciências da saúde” (Martins, 2008, p. 11), centrado num público-alvo concreto que traduz a realidade inserida no mesmo. Pretendemos fazer uma análise em profundidade desta realidade.

As entrevistas aos professores foram realizadas durante o mês de dezembro de 2021 e janeiro de 2022, mais precisamente nos dias 15, 20 e 22 de dezembro de 2021 e dia 7 de janeiro de 2022. Os inquéritos foram lançados para os elementos do pessoal não docente, alunos e encarregados de educação no dia 17 de dezembro de 2021, no dia 17 e “fechados” no dia 20 de fevereiro de 2022 para todos os participantes envolvidos.

Os alunos que participaram neste estudo pertencem ao sexto ano de escolaridade. Nesta escola há 9 turmas do sexto ano de escolaridade, com o total de 402 alunos (2.º ciclo do ensino básico).

Quanto aos funcionários, a escola conta com 20 auxiliares; desses foram selecionados 10 para responderem ao questionário. Estes funcionários estão alocados aos blocos onde o segundo ciclo tem a maior parte das suas aulas.

Os professores entrevistados são todos do segundo ciclo do ensino básico e pertencem, propositadamente, a diferentes áreas disciplinares.

Todos os entrevistados, estiveram disponíveis nas datas e horas marcadas em consenso com os horários que foram previamente acordados. No caso dos questionários aos encarregados de educação, dos 46 elementos a quem foram pedidas as respostas e enviados os links de acesso para o efeito obtivemos 22 respostas. Quanto aos alunos, desses mesmos 46 questionários solicitados, obtivemos 23 respostas. Por fim, do pessoal não docente, dos 10 participantes selecionados foram conseguidas 10 respostas.

Esta metodologia foi pensada e desenhada desta forma com a finalidade de adquirir informação sobre as estratégias de prevenção da violência escolar, pretendendo assim responder ao objetivo geral do trabalho. Assim, justifica-se a utilização de um estudo com uma compreensão mais precisa e aprofundada da análise do contexto em que está inserido. O registo de observações em contexto escolar foi também um dos instrumentos fundamentais de investigação utilizados, pois permite uma maior descrição de sequências comportamentais existentes. Tal como no artigo de Bela Matos e Célia Ribeiro concordamos que o recreio, onde os alunos se sentem mais “livres”, constitui uma unidade de observação importante para a verificação de várias atitudes e reações (Matos & Ribeiro , 2015, p. 178). A já referida observação de “entrega” e “recolha” dos estudantes na escola é outro exemplo da técnica de observação que foi utilizada neste estudo de caso e ajudou a analisar os resultados obtidos bem como as conclusões finais.

Por consequência, (Matos & Ribeiro , 2015) a aplicação metodológica numa comunidade educativa específica concede várias visões dos indivíduos inquiridos ou entrevistados, já que, cada um tem um papel fundamental e observa situações diferentes no seu quotidiano escolar. Não descartando o facto de todos os instrumentos de investigação serem baseados no documento orientador de Carlos Monteiro, intitulado de “indisciplina e violência escolar” (Monteiro C. M., 2009). A já referida observação de como os alunos chegam à escola (carro dos encarregados de educação, autocarro, bicicleta, carrinhas de transporte de crianças, entre outros) foi também uma das técnicas de observação utilizadas neste estudo de caso.

Enfim, com o nosso estudo pretendemos recolher as perspetivas sobre a nossa temática desde os diferentes atores da escola: por isso selecionados uma amostra e instrumentos múltiplos.

### 9.1. Descrição dos instrumentos de investigação

Dados os instrumentos de investigação, as entrevistas foram muito importantes pois permitiram angariar perspetivas mais realistas e diretas sobre a prevenção da violência escolar feita pelos professores da escola. Neste sentido, Raymond Quivy diz-nos que as entrevistas, ao contrário dos inquéritos por questionário, oferecem um contacto direto com os interlocutores permitindo que este exprima a sua perceção de uma situação específica ou relate as suas próprias experiências, através de perguntas abertas (Quivy & Campenhoudt , 1998, p. 192).

Sendo o foco deste estudo as estratégias de prevenção à violência escolar, este instrumento será aplicado aos professores/as pois são estes os profissionais que estão dentro da sala de aula, em contacto com os estudantes, sendo fulcrais para abordar este assunto. Da mesma forma, as entrevistas permitem responder de forma mais ampla, completa e clara aos objetivos pensados para este estudo de caso. Não descartando a ideia de Carlos Monteiro que nos diz que uma das principais fontes de indisciplina e violência dos alunos advém da falta comunicação entre professor-aluno (Monteiro C. M., 2009, p. 14).

De um modo geral, as entrevistas devem responder a algumas perguntas: “Com quem é útil ter uma entrevista? Em que consiste as entrevistas e como realizá-las? Como explorá-las para que permitam uma verdadeira rutura com os preconceito, as pré-noções e as ilusões de transparência?” (Quivy & Campenhoudt , 1998, p. 71). Assim, este instrumento tem um guião (apêndice 1), para que a informação conseguida seja o mais esclarecedora possível e consigamos responder mais diretamente aos nossos objetivos neste estudo.

Por outro lado, a aplicação dos inquéritos por questionário aos encarregados de educação, pessoal não docente e estudantes (apêndice 2), foi realizada de acordo com

todos os requisitos da proteção de dados pessoais de cada indivíduo. Os mesmos terão acesso aos questionários através de uma plataforma on-line (*Google Forms*) para o seu preenchimento anónimo. O desenho e construção destes inquéritos baseou-se na estrutura apresentada no artigo de Bela Matos e Célia Ribeiro que se relaciona com a indisciplina e violência escolar. Desta forma, a metodologia deste estudo teve em conta a estrutura e questões do artigo mencionado anteriormente, considerando que está bem enquadrado e completo. Além disso, a influência desse estudo permitiu responder aos objetivos de forma rigorosa.

Os participantes selecionados para dar resposta aos questionários têm um papel relevante já que, o pessoal não docente age e observa muito do tempo livre das crianças, tendo em conta atos e verbalizações que não são sempre vistas por professores ou pais. Da mesma forma, os alunos são uma peça fundamental pois através deles haverá percepções/representações sobre a existência ou inexistência de violência escolar e as estratégias que, aos seus olhos, são ou não aplicadas pelos adultos. Nunca esquecendo a aplicação dos inquéritos aos encarregados de educação que, muitas vezes, se mostram preocupados e ansiosos pelo ambiente ou agressão que possa haver dentro da escola. Assim, a ideia será perceber se estes estão inseridos dentro de alguma estratégia pedagógica de prevenção à violência, bem como, se conhecem alguma que esteja a ser aplicada com os seus educandos.

De ressaltar que para cada grupo de elementos da comunidade educativa objeto de estudo (pessoal não docente, encarregados de educação e alunos desta escola) será feito um questionário adaptado, considerando que, por exemplo, para os alunos, o questionário a aplicar terá de ter questões mais simples e diretas. O objetivo será entender as diferentes percepções de cada indivíduo da comunidade educativa, adquirindo informação explícita sobre o conhecimento de estratégias de prevenção, aplicação das mesmas ou desconhecimento por completo. Da mesma forma, cada inquérito terá uma questão associada ao género de cada envolvido, permitindo à autora concluir ou descartar algumas ideologias de rapazes ou raparigas se apresentarem mais direcionados para agressores ou vítimas durante atos de violência.

O tratamento dos dados destes inquéritos por questionário será elaborado através de uma análise quantitativa/estatística que resume os resultados obtidos através de gráficos numéricos/quantitativos. Além disso, os resultados serão cuidadosamente interpretados permitindo retirar conclusões face à fundamentação teórica elaborada. No

caso dos inquiridos por questionário o objetivo passa por recolher as percepções e papel de cada um dos participantes perante a indisciplina e violência escolar. Assim, “a estatística descritiva e a expressão gráfica dos dados são muito mais do que simples métodos de exposição de resultados” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 223). Este tratamento permite que haja uma comparação entre a reflexão teórica já realizada e as respostas obtidas, permitindo à estudante constatar algumas das suas hipóteses e retirar conclusões.

Por fim, os registos de observação serão feitos durante o tempo em que a investigadora estiver presente na escola, alcançando algumas referências que permitam complementar as conclusões face aos objetivos do estudo. Raymond Quivy sublinha que “as observações sociológicas incidem sobre os comportamentos dos atores, na medida em que manifestam sistemas de relações sociais, bem como sobre os fundamentos culturais e ideológicos que lhes subjazem” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 196). Quer isto dizer que, o instrumento de observação fornece informações sobre atitudes e relações entre os envolvidos, porém, nunca esquecendo da influência das características e particularidades da comunidade em que estão inseridos.

## 10. Resultados

### 10.1. Análise das entrevistas

Tendo em conta as entrevistas elaboradas aos professores da escola, onde o estudo de caso se desenvolveu, foram arrecadadas várias informações pertinentes que serão úteis para a análise e conclusão desta investigação. Desta forma, todas as entrevistas mantiveram o anonimato e confidencialidade dos professores, não revelando nada mais do que as respostas dadas às questões preparadas.

Os inquiridos apresentam um **tempo de serviços** entre 24-40 anos, ou seja, professores já experientes e com várias vivências com alunos e comunidades educativas. Além disso, os entrevistados são professores de áreas diferentes, sendo elas as ciências naturais, matemática, artes visuais e educação moral e cidadania. Não obstante, todas lecionam no segundo ciclo do ensino básico (quinto e sexto ano de escolaridade) sendo que apenas um deles também leciona no primeiro ciclo do ensino básico.

Da mesma forma, o **tempo na escola onde decorreu o estudo** varia entre o meio ano (seis meses) e 12 anos, concluindo uma diferença de perceções quanto ao que observam no quotidiano dos alunos e pessoal não docente, dentro e fora da sala de aula. Um dos entrevistados já lecionou, inclusive, no arquipélago da madeira, no qual o contexto se diferencia e, outro dos participantes já esteve em zonas mais interiores, as quais lhe trazem uma visão muito díspar da que vivencia atualmente.

Quanto ao tema fulcral deste estudo, ou seja, **violência escolar e as suas estratégias de prevenção**, numa das primeiras questões relacionadas com o aumento da violência de uma forma generalizada, as opiniões não se afastaram muito umas das outras. A maioria dos professores afirmam que a violência aumentou ou, então, que se manteve como era nos anos anteriores, quer isto dizer que nenhum deles diz não haver violência dentro das instituições educativas, ressaltando mesmo a ideia de que “eu não sei se aumentou, a minha opinião é que sempre houve (...)” (entrevistado C). Compreendemos que nenhum dos docentes afirma uma diminuição deste fenómeno, mas sim uma “normalidade” ou aumento do mesmo. Não obstante, as referências da parte teórica afirmam exatamente isso, isto é, a violência sempre se manifestou dentro e fora da escola, no entanto, nos últimos anos há um maior controlo e preocupação com a mesma.

Consequentemente, José Leonardo sublinha que “o recurso à violência era considerado como uma prática normal, constituindo um instrumento pedagógico indispensável ao exercício dessa autoridade, e fazendo arte integrante do próprio ensino” (Leonardo, 2009, p. 19). Ainda assim, umas das respostas à questão anterior afirma que provavelmente há uns anos atrás a violência era considerada mais “transparente” e a mentalidade dos indivíduos era diferente da atual face à observação dos atos violentos.

No que concerne à **observação e atuação perante um momento de violência** todos os professores afirmaram já ter visto entre aluno-aluno, no entanto, alguns dizem já ter acontecido entre adulto (professor ou pessoal não docente) - aluno. Um dos inquiridos afirma que “dentro da sala de aula já soube de casos entre aluno-professor e de aluno-aluno e também fora da sala de aula” (entrevistado A). Também, outro dos professores assinalou que “é sempre um momento de tensão, começa com agressão verbal e se não houver intervenção passa a física” (entrevistado C).

Da mesma maneira, um dos inquiridos refere nunca ter que atuar dentro da sala de aula, observando uma maior evidência de violência entre os alunos nos intervalos e corredores da escola. Não obstante, também foi dito que já houve casos de violência entre aluno-professor dentro da sala e fora da sala de aula.

Na escola em questão há uma maior evidência de observações de **violência entre alunos** do que entre alunos e professores, não excluindo que a atuação no momento se resume a uma separação dos mesmos, sem grandes discursos ou diálogo sobre o ocorrido. Todos os entrevistados manifestaram uma preocupação em separar no momento (no caso de agressão física) mas não tanto em saber a razão que levou àquela situação.

Resgatando a teoria desta investigação, refletimos sobre o papel dos professores e outros elementos da comunidade, em ensinar os alunos a como reagir e “responder” a estes momentos de violência. Assim, a observação e atuação nestas situações deve garantir, sobretudo, uma aprendizagem e compreensão do que ali aconteceu para que não se repita. Citando uma das nossas conclusões teóricas, a escola deve ser local de preparação dos alunos para uma sociedade mais empática e, da mesma maneira, menos violenta, cabendo aos profissionais de educação passar esses mesmos valores às crianças e jovens com que contactam várias horas.

No que se refere ao **trabalho de prevenção da violência escolar** na escola específica onde decorreram as entrevistas, todos os docentes referiram haver práticas preventivas

sobre esta temática. Quando questionado com quem era realizado este tipo de trabalho, todos os professores focaram-se nos alunos e não nos restantes elementos da comunidade educativa, concluindo que apenas estes estão envolvidos em sessões sobre bullying feitas pela Escola Segura, sensibilizações da parte do departamento de psicologia da escola e lecionações nas aulas de cidadania e tarefas elaboradas sobre a violência escolar. Um dos entrevistados chega mesmo a afirmar que existem “(...) sessões com os serviços de psicologia e orientação nesse sentido de preparar as crianças emocionalmente e socialmente para que isso (violência) não aconteça” (entrevistado D).

Além disso, um dos professores referiu que, recentemente tem existido um “(...) cuidado de um maior número de adultos estarem presentes nos intervalos (recreios) e que não passa só pelos funcionários da escola, os nossos colaboradores, como também por professores, eu próprio já o fiz muitas vezes” (entrevistado C). Bela Matos e Célia Robeiro reforçam esta ideia de um maior cuidado de supervisão nos espaços exteriores da escola podendo ser uma das bases para prevenir a indisciplina dos alunos (Matos & Ribeiro , 2015, p. 175).Ao mesmo tempo um dos professores refere que os professores “(...) são mais responsáveis pelo gabinete do aluno e estão mais atentos nos corredores e vão sensibilizando os alunos para os comportamentos (corretos)” (entrevistado E).

Em síntese, a prevenção não é generalizada para uma comunidade educativa, ou seja, o trabalho de sensibilização apenas chega aos alunos e, por vezes, aos professores, deixando de fora outros elementos que podem ser indutores no processo.

Como referido na parte teórica deste estudo, a Escola Segura apresenta-se como primeiro programa de consciencialização sobre a violência em Portugal, sendo que, durante as entrevistas aos docentes, todos o referiram. Não obstante, a prevenção nesta escola demonstra-se muito focalizada, ou seja, é realizada apenas com os alunos e, muito raramente, com os professores, sendo que estes observam as palestras e sessões fornecidas às turmas.

Relativamente ao tema da **envolvência de toda a comunidade educativa**, as questões foram sempre respondidas de forma positiva, sendo que todos os professores referiram benefícios nesse trabalho conjunto. O “entrevistado E” afirmou mesmo que “se todos atuarmos em conjunto o resultado será melhor”. Além disso, outro entrevistado disse que o trabalho de prevenção em comunidade é imprescindível pois “a escola só existe

isoladamente a parte física da escola, o local, porque depois o contexto de escola engloba a comunidade e sem a comunidade não é possível fazer essa prevenção” (entrevistado D).

Por outro lado, evidenciou-se, em todos os entrevistados, uma percepção de **carência de formação** dentro deste tema da prevenção, ou seja, alguns já tinham participado em ações de formação sobre a violência escolar, mas há muito tempo atrás e, apenas uma, referiu ter estado numa formação de curto prazo há alguns anos atrás. Percebemos, então, que há uma grande carência por parte dos professores na formação de prevenção da violência escolar, o que leva a uma falta de informação sobre novas estratégias e recursos a utilizar quando existem comportamentos de indisciplina, bullying ou outro tipo de violência.

Da mesma forma, os professores e a escola, enquanto instituição que faz parte de uma comunidade educativa, deveriam adequar as suas decisões, comportamentos e atitudes, em consonância com a mesma. Quer isto dizer que, não existindo formações e informação atual sobre este fenómeno, também não haverá uma atualização das atitudes e um trabalho conjunto de todos os elementos da comunidade que, como já verificamos, torna toda a prevenção mais eficaz. Reforçando esta ideia, João Sebastião assegura que “a dificuldade da escola em se adaptar às novas realidades criadas pela massificação escolar (...) resulta em grande parte da incapacidade de transformação de modelos organizacionais e de trabalho pedagógico (...)” (Sebastião, 2009, p. 43).

Por sua vez, o **conhecimento de estratégias** a aplicar quando observam ou atuam num momento de violência escolar, seja entre aluno-aluno, adulto-aluno ou aluno-adulto, apresentou-se como “ato no momento”, alguns dos inquiridos afirmam mesmo “na altura a pessoa age como acha que deve agir” (entrevistado A). Também, outro dos entrevistados referiu que mesmo com o conhecimento de estratégias, o melhor “(...) era seguir a lei, ou seja, proibir o uso de equipamentos tecnológicos dentro da escola, porque essa lei existe, mas não é cumprida” (entrevistado B). Esta afirmação leva-nos a concluir que o excesso de utilização de telemóveis pode gerar atos de agressividade entre os alunos.

De acordo com esta resposta podemos evidenciar os anexos 1 e 2 onde constam atitudes de professores que agiram perante a situação que lhes aconteceu no momento sem aplicar uma estratégia específica (apenas a comunicação com o aluno e um dos elementos do pessoal não docente).

Por outro lado, as **estratégias utilizadas pelos docentes** quando estão perante um momento de violência diferem de uns para os outros. Muitos usam a advertência como forma de minimizar os comportamentos indisciplinados, outros colocam o aluno fora da sala alguns minutos e, também, encaminham para a direção quando consideram a situação mais gravosa. Uma das inquiridas refere que, quando apenas um dos alunos tenta perturbar o bom ambiente de sala de aula, esta isola-o, normalmente no fundo da sala, para que este se “acalme” e não consiga distrair os restantes elementos da turma.

Perante as estratégias registadas, Susana Carvalhosa apresenta uma noção sobre os atos dos professores face ao aluno, isto é “a forma como lidam com os alunos ou a importância que dão às situações fazem perpetuar, ou não, os comportamentos violentos” (Carvalhosa S. , 2010, p. 3 e 4). Quer isto dizer que, as reações inconscientes, chamados de “ato no momento”, como referido por um dos entrevistados, pode ou não resultar numa dada situação, agravando ou não a indisciplina e conflitos. Sublinhando a pertinência do foco deste estudo, as estratégias de prevenção, previamente aprendidas e refletidas, das quais os professores devem fazer uso quando atuam num caso de violência escolar.

As **competências comunicacionais**, desenvolvidas pelos encarregados de educação, foram consideradas imprescindíveis por todos os professores entrevistados, manifestando benefícios e relevância nesse trabalho com os educandos. Na mesma linha de pensamento, uma das respostas sugere que “a escola tem pilares fundamentais que são os professores, os encarregados de educação e as outras variáveis que são as outras entidades que estão neste processo” (entrevistado D). Assim os professores relembram que, além do desenvolvimento dessas competências, deve haver um sentido de responsabilidade dos responsáveis por estas crianças e jovens em fortalecer as mesmas.

Estas competências são, sem dúvida defendidas por vários autores, entre eles, Bela Matos e Célia Ribeiro, verificam que o não desenvolvimento destas pode associar-se a uma maior incidência de violência escolar (Matos & Ribeiro , 2015, p. 173). Sendo que todos afirmaram a relevância desse desenvolvimento comunicacional houve uma resposta que sublinhou a importância dos encarregados de educação falarem com os filhos/educandos e professores de forma a tornar a prevenção da violência num trabalho conjunto que só trará benefícios aos alunos. Assumindo estas respostas, concluímos que o que foi dito na parte teórica, na qual Feliciano Veiga sublinha a importância de haver um trabalho de como comunicar com os alunos e educandos, vai ao encontro das opiniões dos docentes entrevistado neste estudo.

**A inclusão da violência nas áreas curriculares disciplinares e não disciplinares** todos os professores nomearam a cidadania como sendo a área não disciplinar mais adequada para enquadrar este tema. No entanto, alguns foram afirmando a possibilidade de esta temática ser incluída em algumas áreas disciplinares, particularmente, em ciências naturais quando são abordados os comportamentos de risco na adolescência. Apenas um docente indicou a eventualidade de poder existir debates e interpretação de textos sobre os comportamentos violentos durante as aulas de português, não excluindo ou colocando de parte o trabalho que é feito na disciplina.

Muitas vezes, os professores não “arriscam” nesta inclusão por várias razões, mas, a mais fulcral por considerarem essa inclusão mais adequada na área da cidadania e não noutras áreas curriculares. Apenas um dos entrevistados refere que seria interessante incluir o tema da violência em português, através de textos que os alunos tenham que interpretar (entrevistado C).

Combatendo esta ideia, Feliciano Veiga indica que “temos ainda uma educação muito baseada na aprendizagem de conteúdos, frequentemente inadequados às capacidades dos alunos e às necessidades sociais e laborais” (Veiga, 2007, p. 12). O desenvolvimento moral dos alunos, enquanto pessoas inseridas na sociedade, tem que ter em conta novos métodos e estratégias para a resolução de conflitos.

No que diz respeito à **incapacidade de estratégias face aos conflitos**, os docentes sublinharam a ideia de que, na hora do conflito, muitas vezes não se lembram de uma estratégia específica e agem segundo aquilo que pensam no momento. No entanto, referem que não sentem grande incapacidade e que, na grande parte dos conflitos, conseguem acalmar os alunos ou adultos envolvidos e, pelo menos, acalmar os “ânimos”. Apesar disso, foram afirmadas situações com alunos mais “problemáticos” em que, às vezes, se torna muito complicado conseguir gerir os seus comportamentos, chegando mesmo a não conseguir que as estratégias aplicadas surtam efeito.

Alguns professores chegam mesmo a afirmar que dependendo do tipo de aluno as suas estratégias são, ou não, eficazes perante um comportamento mais agressivo e indisciplinado. O “entrevistado A” refere mesmo que em casos mais complexos “verificamos mesmo que não vai fazer qualquer efeito para a mudança”, o que vai ao encontro do que nos diz Feliciano Veiga, isto é, “as pessoas raramente modificam o comportamento a não ser que estejam convencidas de que causam efeitos indesejáveis

nos outros” (Veiga, 2007, p. 87). Posto isto, os professores manifestam estas dificuldades de implementação de estratégias pois a percepção dos seus atos e agressividade não é refletida nem entendida pelo aluno no momento, chegando mesmo a afirmar que “às vezes há situações práticas que na hora eu não vejo qual seja a melhor estratégia” (entrevistado C).

Perante o **conhecimento das estratégias de prevenção à violência escolar mencionadas nesta investigação**, os professores que foram entrevistados desconhecem por completo os círculos restaurativos e o “programa de aulas em paz”. Quanto às restantes estratégias, todos os professores conhecem a comunicação interpessoal, mencionando mesmo já a ter aplicado durante a sua docência. No que concerne ao “intervir como pai e mãe”, “integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares” e o “programa pró-social experimental” foram três das estratégias, da listagem apresentada, que grande parte tem conhecimento e já tentou aplicar em contexto escolar. Sublinhando que, na implementação da temática nas áreas curriculares disciplinares houve docentes que afirmaram desconhecer essa inclusão pois apenas reconhecem a abordagem nas não disciplinares. Assim, apenas dois docentes manifestaram conhecimento das estratégias de “ensinar como reagir”.

Não obstante, o jogo dramático foi reconhecido por alguns professores, não sendo preferencialmente aplicado. No entanto, o “entrevistado C” faz referência a esta estratégia manifestando que

“(…) quando começo com uma turma nova começo, através da estratégia do jogo dramático, costumo fazer aquela atividade de dar uma folha a cada aluno e cada um põe o seu nome no início da folha. As folhas vão rodando por todos os alunos e todos vão ter que escrever uma coisa positiva, uma qualidade, sobre o aluno “dono da folha” e depois quando chega outra vez a si eles percebem que podem ter os seus defeitos, que até podem criar distâncias, mas também têm coisas boas e assim eles começam a valorizar-se uns aos outros” (entrevista C).

Esta estratégia, implementada todos os anos por este professor, pode fomentar uma maior empatia entre os alunos e, ao mesmo tempo, conhecimento das características individuais e coletivas do grupo pelo professor.

Por fim, quando questionados sobre a **implementação de outra/s estratégia/s**, alguns afirmaram não implementar muito mais do que aquilo que fomos referindo ao longo da

entrevista, porém dois dos entrevistados indicaram duas perspectivas que, para o estudo de caso se tornam interessantes. O “entrevistado C” indicou que, noutras escolas onde lecionou teve oportunidade de trabalhar outro género de estratégias em que os alunos “mais problemáticos da escola” eram propostos a realizar atividades diferentes daquelas que a instituição, normalmente, fazia. De forma a exemplificar referiu que, uma vez apresentou o regulamento interno da escola aos alunos para que estes tivessem conhecimentos das regras a cumprir e, também, manifestassem as dúvidas ou questões face ao que estava estabelecido. Além disso, estabeleceu regras de algumas atividades da escola com os alunos, permitindo que fossem estes a pensar no que teriam que cumprir dali em diante. Elaborou, também, jogos tradicionais, nos quais os alunos tinham oportunidade de interagir uns com os outros e relacionar-se em equipas.

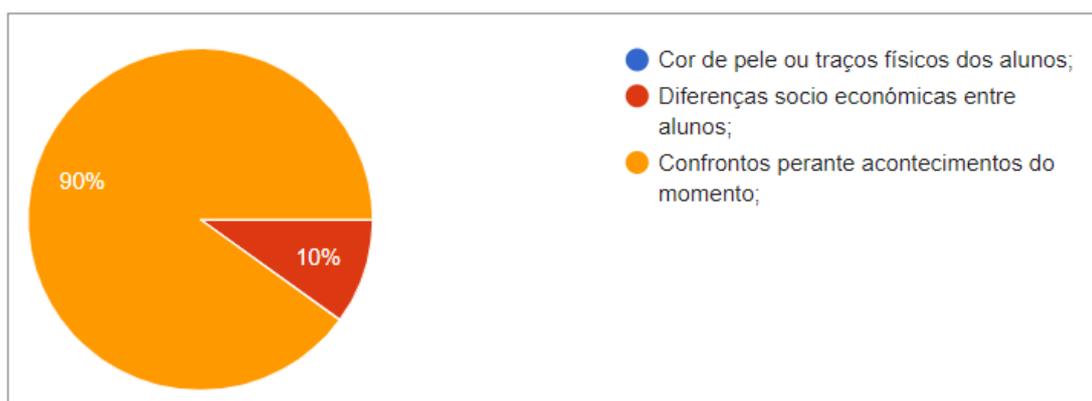
Noutro caso, o “entrevistado D” apresentou uma opinião própria para gerir os comportamentos mais agressivos dos alunos, isto é: primeiro deve ser observado e analisada a parte pessoal do aluno, depois a familiar e, a seguir a social (convívio). No seguimento, deve existir uma “(...) equipa técnica que neste caso e a EMAEI (Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva) que apoie na comunicação deste “triângulo” que é a casa, escola e a EMAEI que é a equipa responsável por trabalhar e monitorizar estas situações de maior violência” (entrevistado E). Em síntese, o professor defende que, para que a prevenção da violência seja realizada com sucesso, a articulação desta comunidade deve trabalhar em conjunto para chegar ao objetivo.

Com base no que foi referido, todos os professores manifestaram uma constante preocupação no trabalho em comunidade, não obstante de todos os obstáculos que esse possa ter. O que nos leva a concordar com a teoria, ou seja, a envolvência de toda a comunidade na prevenção da violência escolar é, sem dúvida, mais benéfica para todo o processo, não obstante do que nos diz Susana Carvalhosa quando sublinha que não há um único método ou estratégia para aplicar com os alunos, mas sim vários que se adaptam ao contexto em que estamos (Carvalhosa S. , 2010, p. 32). Em suma, o não conhecimento de todas as estratégias deste estudo de caso não é prejudicial ao ensino e aprendizagem num ambiente positivo, isto se os professores tiverem intrinsecamente conhecidas e refletidas outras formas de atuar e reagir face à comunidade educativa em que estão inseridos.

## 10.2. Análise dos questionários do pessoal não docente

Tendo em conta os dez elementos do pessoal não docente que se disponibilizou a responder às questões do questionário (apêndice 1), passamos à análise desses dados angariados. Antes de mais, referir o questionário engloba onze questões na sua totalidade e que, existiu uma maior percentagem de pessoas do **género** feminino (70%) a participar neste estudo, do que do género masculino (30%).

Relativamente à **observação de algum tipo de violência durante o horário letivo**, uma grande maioria indicou que a agressão verbal entre os alunos é a mais testemunhada, sendo que alguns (40%) também assinalaram as discussões (sem ofensas graves e agressão física) e a indisciplina. Ainda dentro desse assunto, foca-se a razão que leva os alunos a ter esses comportamentos violentos, na qual quase todos os elementos atribuíram a confrontos do momento (assuntos que surgem no quotidiano escolar entre os alunos), como podemos observar no seguinte gráfico:



*Gráfico 1- Razões para a violência entre alunos*

Não obstante, no anexo 1 é evidenciados um confronto entre aluno e um elemento do pessoal não docente, no qual o responsável separou o aluno da situação em que este estava envolvido e o levou até à sala de forma agressiva e sem tentar perceber a justificação da situação de violência. Estes e outros acontecimentos, muitas vezes, são fruto da falta de estratégias e formação para lidar com violência escolar.

No que concerne à parte teórica, Miriam Abramovay afirma ser algo “natural” os confrontos verbais e discórdias entre os alunos, já que, estes passam grande parte do dia

juntos, no mesmo espaço, com os mesmos horários e com a obrigação de obedecer às mesmas normas estipuladas pela escola (Abramovay, 2015, p. 8). A razão apontada, nas respostas recolhidas, para a agressão verbal é mesmo essa, os confrontos diários por assuntos momentâneos. Assim, cabe aos elementos da instituição analisar a causa do confronto para que este não passe a agressão- física ou psicológica.

Seguidamente os inquiridos relatam qual é, para si, a **razão que leva os alunos a ter atitudes agressivas**. Aqui as opiniões diferem entre as justificações do: contexto social envolvente (toda a sociedade em que o aluno está inserido), falta de apoio familiar (a falta de apoio perante as adversidades que o aluno enfrenta diariamente) e falta de respeito e educação vinda de casa, sendo que, há uma maior percentagem (40%) direcionada para falta de diálogo (no seio familiar ou com professores). Não colocando de parte, uma das respostas indicou que há uma falta de atenção aos sinais que os alunos vão dando quanto à forma de resolver os seus conflitos pessoais, por parte dos professores e encarregados de educação.

Cruzando os resultados com a opinião do pessoal não docente inquirido, verificamos que os encarregados de educação afirmam estar presentes e atentos, segundo os resultados obtidos, à vida escolar dos seus educandos. Além disso, referem que falam todos ou quase todos os dias com os educandos sobre o dia de escola. Não obstante um dos professores (entrevistado C) também mencionou que há uma grande preocupação em estarem mais docentes no recinto do recreio para reduzir o número de incidências de violência e haver uma maior atenção aos conflitos.

Ainda assim, segundo as entrevistas feitas aos docentes, aquando das competências comunicacionais, é sublinhada a importância dos encarregados de educação dialogarem com os seus educandos e professores para que toda a prevenção seja feita num trabalho conjunto muito mais favorável e benéfico para o aluno. Ao mesmo tempo, esta falta de diálogo é apontada pelos elementos não docentes como uma das grandes causas de violência escolar. Assim, entendemos que as competências comunicacionais, bem desenvolvidas podem garantir um ambiente mais positivo entre os alunos, chamando-os à atenção sobre a forma de dialogar com o outro e expressando o que este está a sentir nos momentos menos tranquilos.

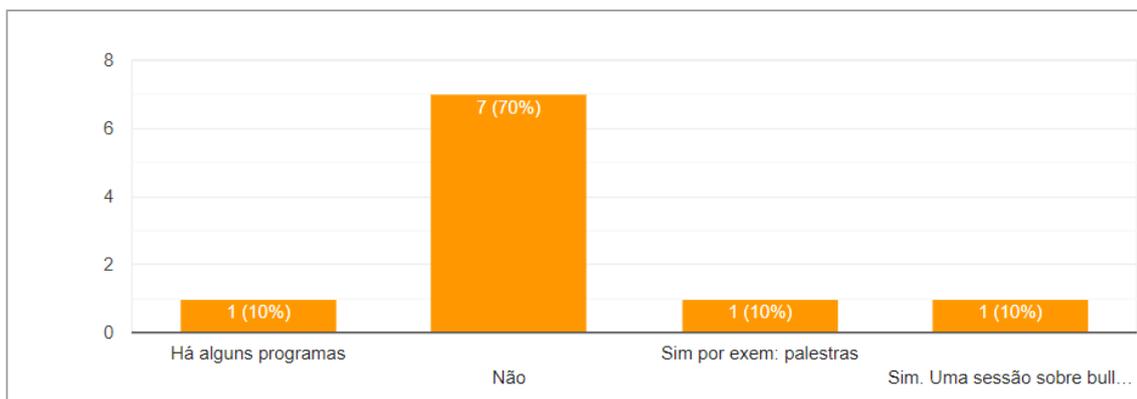
Quanto ao **aumento da violência**, a grande maioria das respostas aponta para o “sim”, em consonância com as respostas dos professores entrevistados. Considerando que, na

escola onde decorreu este estudo, os elementos do pessoal não docente, mantêm uma média de idades entre os 40-60 anos, estes conseguem ter uma noção real, pela sua prática profissional, do aumento da violência escolar. Como nos diz José Leonardo é notória a revolta contra o sistema escolar dos alunos ao longo dos anos (Leonardo, 2009, p. 19). Além disso, se observarmos as respostas dadas pelos alunos inquiridos verificamos que os próprios têm, na sua maioria, noção de que há violência na escola.

Quanto aos **comportamentos que os participantes neste estudo têm quando observam um ato de violência entre alunos ou entre adulto-aluno**, nove das dez respostas referem o diálogo antes ou depois de qualquer outra atitude afirmando que “separo e falo com os dois envolvidos”, “diálogo com eles”, entre outras. Alguns indicam que, quando a situação exige medidas mais extremas levam os alunos para o gabinete do aluno onde serão ouvidos por elementos da direção. Compreendemos que estes elementos da comunidade demonstram uma preocupação com o aluno em conseguir entender o que levou ao conflito o que, segundo Feliciano Henrique Veiga é uma mais valia pois uma das causas para a violência dos jovens é, efetivamente, a falta de reconhecimento e diálogo com outrem (Veiga, 2007, p. 13).

O aluno que tenha confiança com o adulto para exteriorizar os seus sentimentos pode prevenir muita da violência com uma conversa, não sendo esta a única solução como evidenciamos na teoria e prática. De acordo com esta ideia, e voltando e recorrendo às respostas dos entrevistados, verificamos que os professores também podem não conseguir a confiança dos alunos pois as suas estratégias não o permitem. As advertências, gabinete da direção, isolamento em sala de aula ou fora da mesma, pode tornar-se fator de revolta e inquietação do aluno.

A seguinte categoria foca-se no **conhecimento, ou falta do mesmo, sobre estratégias de prevenção de violência implementadas na escola** onde estão a trabalhar, na qual 70% referiu não conhecer nenhuma. Evidenciando as respostas dos professores entrevistados percebemos que há algumas estratégias que são aplicadas e que, por sua vez, raramente envolvem outros elementos da comunidade à exceção dos alunos. No mesmo tópico, três respostas apontam para a existência de palestras, sessões sobre o bullying e alguns programas que já presenciaram na instituição, como podemos constatar no gráfico abaixo demonstrado.

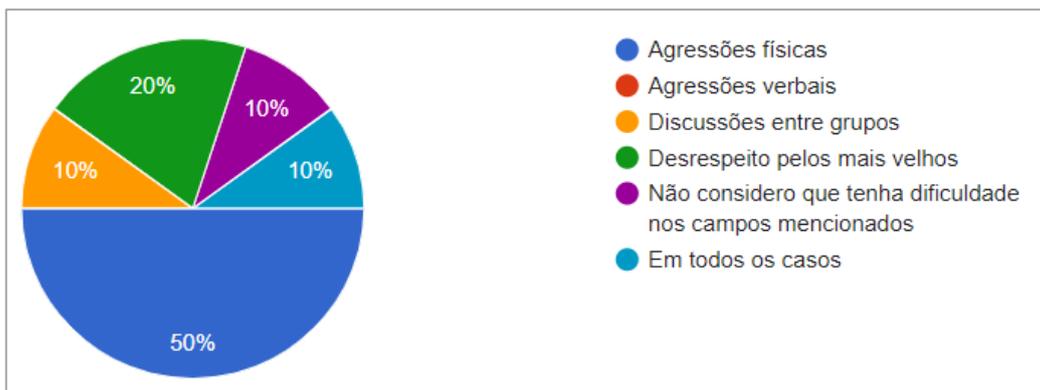


*Gráfico 2- Conhecimento de alguma estratégia ou programa de prevenção à violência escolar aplicado na escola do estudo de caso*

Compactuando com as respostas anteriormente analisadas, na qual se questiona a necessidade de uma maior **formação neste campo da violência escolar**, todos os envolvidos responderam “sim”. Concluindo que, mesmo atuando num momento de confronto e agressões entre os alunos e, por vezes dialogar com os mesmos, não consideram ser o bastante para prevenir o aumento da violência na escola. Analisando assim as respostas basta ir à parte teórica que sustenta esta investigação para concluir que são os professores e auxiliares que passam uma grande parte do tempo com as crianças e jovens e, por essa razão, devem ser elementos informados e envolvidos na prevenção da violência escolar. Verificando os dados recolhidos entendemos que há uma grande escassez de formação para tal e, ao mesmo tempo, pouco envolvimento em palestras ou sessões anti-bullying.

Assim, os professores entrevistados também manifestaram que as sessões sobre o bullying e as sensibilizações sobre a violência escolar são sempre destinadas apenas a alunos, sendo que os adultos podem assistir, mas as mesmas não são dirigidas a estes. Temos, portanto, uma prevenção muito focada nos alunos, excluindo os restantes elementos da comunidade educativa.

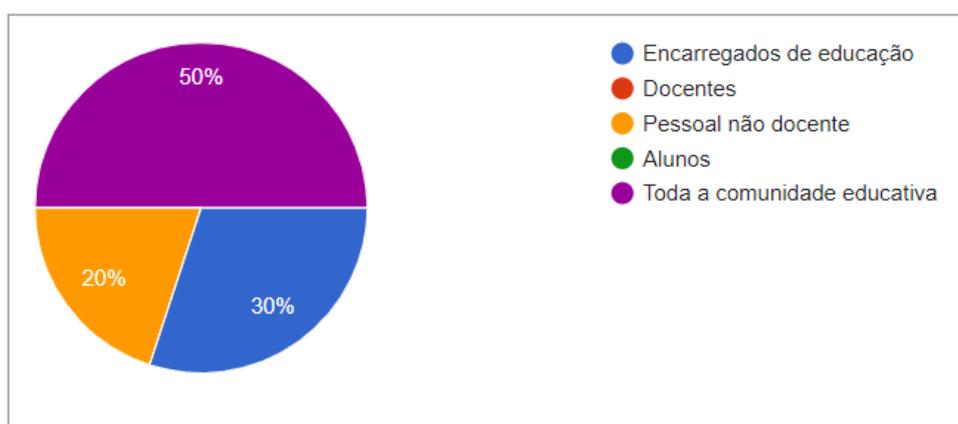
Ainda dentro da formação destes elementos da comunidade, quando falamos das maiores dificuldades em atuar perante situações de violência, estes manifestam ser mais complicado atuar nas agressões físicas (50%), sendo que as opiniões dispersam um pouco por todos os tópicos, excluindo as agressões verbais como pode ser observado em seguida.



*Gráfico 3-Situações com as que têm maior dificuldade em lidar*

Perante o **papel mais preponderante na prevenção da violência escolar**, 50% do pessoal não docente indicou que toda a comunidade educativa deve trabalhar em conjunto, não afirmando um grupo de elementos mais responsável, mas sim toda a comunidade. Juntamente com essas respostas, alguns manifestam a opinião de que são os encarregados de educação os incumbidos na prevenção do fenómeno.

De sublinhar que nenhum dos inquiridos orientou a responsabilidade para os docentes ou alunos, como verificamos nas respostas conseguidas. Simultaneamente com as respostas dos professores, a teoria evidencia uma grande importância do trabalho em comunidade, não sendo possível combater a violência escolar com o trabalho individualizado de apenas um grupo de elementos da comunidade. Assim, no gráfico seguinte observamos a divisão de respostas conseguidas em que os docentes e alunos não são seleccionados para o papel mais preponderante.



*Gráfico 4- Papel mais preponderante na prevenção da violência*

Na categoria da **formação no campo da prevenção da violência escolar**, os inquiridos mostram uma vontade de ter formações ou programas que os capacite e torne aptos a lidar com a violência escolar. Outra razão para serem a favor de uma maior

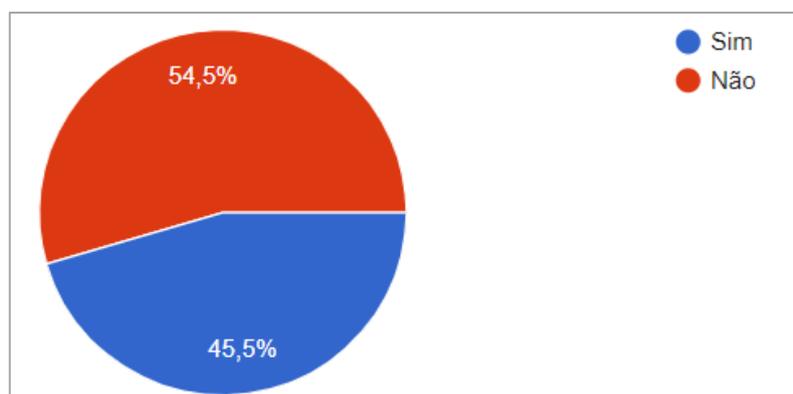
formação liga-se ao facto de se sentir ou não suficientemente informados para conseguirem lidar com esse fenómeno. Resgatando as respostas dos docentes verificamos que os mesmos também sentem falta de formação neste campo da violência e que nem sempre sentem eficácia nas suas estratégias. Por outro lado, quase todos os inquiridos (80%) afirmaram considerar-se preparados para lidar com a violência, mas sentem que nem sempre controlam totalmente as situações. Da mesma maneira, gostariam de participar numa formação para diminuir as incidências de violência dentro da escola.

Quer isto dizer que, mesmo anteriormente termos 100% das respostas positivas quando é questionada a uma **carência de formação neste campo da violência**, os indivíduos dizem estar preparados para lidar com os conflitos e agressões. Compreendemos assim que o diálogo e encaminhamento para o gabinete do aluno (direção), até ao momento, tem sido o bastante para que estes auxiliares e responsáveis por determinadas zonas da instituição consigam antecipar e atuar em situações de violência. No entanto, tanto quanto sabemos, pela pesquisa teórica, estas duas “estratégias” não são adequadas a todos os contextos e, muito menos, revelam resultados de prevenção a longo prazo.

### 10.3. Análise dos questionários dos encarregados de educação

Neste estudo de caso foi possível que participassem vinte e dois encarregados de educação da escola onde decorreu o estudo. A maioria dos participantes são do **género** feminino ( $\approx 77\%$ ), sendo que, através da informação recolhida eram mais mulheres do que homens destacados como encarregados do educando.

Na categoria relacionada com o **aumento da violência escolar**, existiu uma grande divisão entre as respostas dos encarregados, ou seja, quase metade considerou que a violência tem vindo a aumentar ao longo da escolaridade do educando, enquanto outra parcela quase equivalente considera o contrário, como podemos verificar no gráfico seguinte.



*Gráfico 5- Aumento da violência ao longo da escolaridade dos educandos*

Estas respostas podem ser analisadas em dois pólos, um dele pode evidenciar a pouca escolaridade que, até ao momento os alunos percorreram (seis anos) e, na qual a violência pode não ter sido muito evidenciada. Outra explicação pode estar relacionada com os grupos sociais nos quais os alunos se encontram, isto é, uma grande parte pode estar inserida num grupo em que a violência não é praticada nem aplicada em outrem, ao passo que outros podem conviver num grupo mais violento e agressivo.

Na categoria da **comunicação com os seus educandos** demonstra-se que, perante os resultados conseguidos, os encarregados de educação deste estudo falam frequentemente com os seus educandos sobre o dia de escola. Pode, por vezes, não parecer algo de grande importância, no entanto variados autores, entre eles Feliciano Veiga, sublinha que a comunicação surge como poderosa ferramenta contra a indisciplina e outros tipos de

violência. Os próprios professores e pessoal não docente assinalam a comunicação como sendo uma ferramenta muito importante para conseguir prevenir os conflitos e atos de agressividade (dos alunos) dentro da instituição educativa.

Evidenciando a comunicação habitual que os encarregados têm com os seus educandos, verificamos que, na sua maioria, já relataram **situações de violência entre colegas ou com outros elementos da comunidade**. Constatamos que a violência existe, efetivamente, e que os encarregados estão cientes desse fenómeno pelos relatos conhecidos. Assim, relacionando com as respostas anteriores, a violência escolar pode não ter aumentado, mas existe em grande percentagem, segundo as respostas conseguidas, nesta escola.

Não obstante, os alunos relataram, aos seus encarregados, essas situações violentas quando ingressaram no segundo ciclo do ensino básico (quinto e sexto ano de escolaridade) pois apenas um dos inquiridos manifestou não saber quando foram os relatos e outro afirma que todos os anos existem descrições desses acontecimentos. Relacionando com as respostas dadas pelos alunos inquiridos, estes relataram que as situações de confronto existem e que, um dos alunos escreveu mesmo uma das situações que observou. Segundo os elementos do pessoal não docente, os confrontos focam-se nas agressões físicas e não nos outros tipos de violência.

Ainda na comunicação, relacionada com os **relatos feitos pelos alunos**, o objetivo passou por perceber o **tipo de violência que é mais vezes referida** quando estes falam das situações de violência aos encarregados. Dos resultados obtidos, mais de metade ( $\approx 53\%$ ), indica agressão física (murros; empurrões; entre outros) e outra percentagem significativa concentra-se em agressões verbais (insultos; “gozar”; ofender pela cor de pele ou estética; entre outros). Não obstante de todos os outros tipos de violência, estas

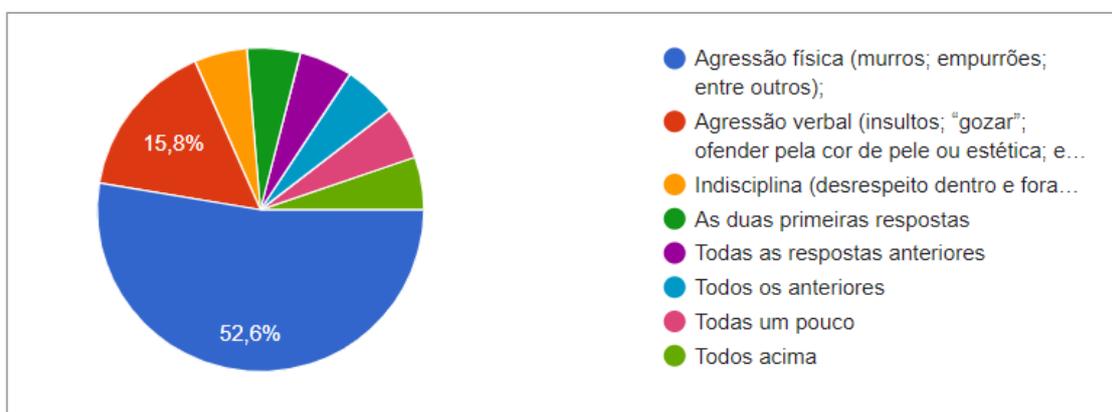


Gráfico 6- Tipo de violência relatada pelos educandos

duas são as que as crianças e jovens mais observam e referem aos seus encarregados de educação, verificando as diversas respostas abaixo.

Quando questionados sobre a **possibilidade de alguma vez os educandos terem sido vítima ou agressor num caso de violência escolar** durante a escolaridade que, até ao momento, frequentaram, mais de metade apontou para o “não”, considerando que aproximadamente 41% diz “sim”. Estas respostas são relevantes dado que, a percentagem de respostas afirmativas não é insignificante e que, podem existir respostas negativas direcionadas para o “desconhecimento” de situações ou acontecimentos não relatados pelos educandos. Contrastando esta ideia, parece, neste estudo de caso, que a comunicação existe, efetivamente, e que as respostas dadas têm a perceção da realidade.

Continuando na mesma categoria, os inquiridos que responderam “sim” referiram que o seu educando foi vítima ou agressor no segundo ciclo do ensino básico, isto é, no quinto ou sexto ano de escolaridade. Da mesma forma, uma pequena percentagem ( $\approx 11\%$ ) indicou o quarto ano, referente ao primeiro ciclo do ensino básico. Estes resultados relacionam-se com as respostas dadas pelos alunos, nas quais estes referiram que “às vezes” ( $\approx 73\%$ ) existia violência e na maioria são agressões físicas ( $\approx 41\%$ ). Ou seja, os encarregados de educação têm conhecimento de que os seus educandos são ou foram agressores ou vítimas e que, dentro da instituição educativa há situações de violência escolar.

Seguindo uma linha coerente, questionou-se “**que tipo de atitudes e valores valoriza mais na educação do seu educando**”, tendo um grande destaque na resposta “ser bem-educado com todos”. Mantendo em consideração que também existiram respostas que apontavam para “explicar o seu ponto de vista sem agressividade” e “respeitar a opinião dos outros”. Sendo essa a resposta mais valorizada pelos encarregados de educação, seria de questionar se os professores e pessoal não docente indicassem a falta de educação como uma lacuna nos alunos da escola, pois passaria a haver uma discórdia de opiniões.

Seguidamente os responsáveis pelos alunos declararam, em grande parte ( $\approx 82\%$ ), que o **seio familiar pode ser considerado um foco da violência escolar**, tais como a falta de regras e/ou atitudes que os alunos levam para dentro da escola. Desta forma, uma pequena parte afirmou que esse seio não é o foco da violência. Perante a nossa revisão teórica, Cláudio Neto e Elba Barreto afirmam que a observação constante do seio familiar e social, pelo aluno, tem em conta todos os comportamentos e atitudes que este evidencia no

contexto escolar (Neto & de Sá Barretto, 2018, p. 7). As relações que os pais ou encarregados matem com os seus educandos diz-nos muito sobre a forma como este encara e reage no dia a dia em determinadas situações.

Na mesma medida, os inquiridos justificaram a resposta dada anteriormente, isto é, **porquê que o seio familiar pode ser considerado um foco da violência escolar**. Algumas das respostas visam a ideia de que a educação começa em casa e tudo o que estes observam na mesma refletem noutros contextos, especialmente na escola onde passam muito tempo. Um dos encarregados de educação referiu mesmo que “(...) o exemplo que têm em casa é o que espelham depois na escola, com colegas e auxiliares”. Ainda assim, uma das respostas focou-se na parte emocional, ou seja, sem o seio familiar equilibrado o aluno tem uma incapacidade emocional que o impede de refletir sobre as suas atitudes.

Esta perspetiva sobre o seio familiar, relativamente à responsabilidade na prevenção deste fenómeno, vai ao encontro das respostas dadas pelo pessoal não docente, onde 30% referiu que os encarregados de educação são aqueles com um papel mais preponderante para a prevenção da violência escolar. Além disso, os próprios alunos afirmam que os professores e, também, os encarregados de educação são aqueles que dizem como se devem comportar na grande parte do seu quotidiano.

A categoria seguinte foca a **razão que, para os encarregados de educação, leva o aluno a praticar atos de violência escolar**. Neste sentido, a maior justificação assinalada ( $\approx 57\%$ ) foi o contexto social envolvente (toda sociedade em que o aluno está inserido), quer isto dizer que os encarregados de educação indicam a sociedade envolvente como parâmetro mais significativo. Além disso, a falta de atenção dos professores e encarregados de educação aos sinais e atitudes que os alunos apresentam em

determinados acontecimentos e situações, também foi considerada uma das causas fulcrais pelos inquiridos como constatamos a seguir.

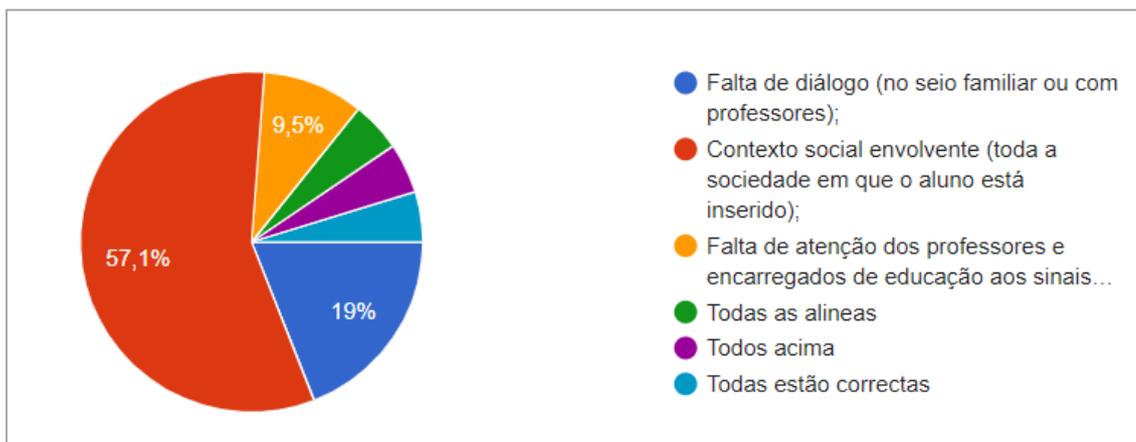


Gráfico 7- Causas que podem levar o aluno à prática de violência escolar

De acordo com as respostas obtidas quanto às razões da prática de violência, as nossas referências teóricas, especificamente Isabel Fonseca e Feliciano Veiga, dizem-nos que, de certa forma, a sociedade abrangente, o contexto social onde se encontram inseridos, pode ser uma das causas de onde resulta a violência escolar (Fonseca & Veiga, 2007, p. 504). No entanto, Feliciano Veiga acrescenta que a preocupação, atenção e valorização que os encarregados de educação, juntamente com os professores, proporcionam aos alunos, pode envolvê-los e motivá-los de forma a que a sua agressividade e violência diminua (Veiga, 2007, p. 20 e 21).

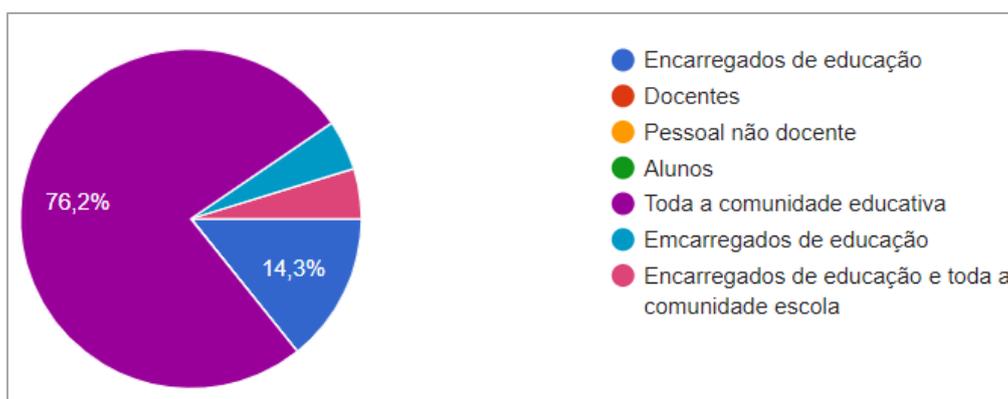
O seguinte tema sublinha o **conhecimento de estratégias pelos encarregados**, que esteja ou já tenha sido aplicada, na escola do seu educando, como prevenção à violência escolar. Assim, quase 87% dos inquiridos respondeu não ter esse conhecimento. Este resultado torna-se deveras preocupante já que, podemos concluir que, os encarregados de educação não estão integrados nesta prevenção da violência escolar e, conseqüentemente, o trabalho em comunidade educativa, como um todo, não acontece. Seguindo esta ideia, Susana Carvalhosa afirma que, a prevenção da violência escolar envolve um trabalho árduo de todos os elementos de uma comunidade educativa sendo eles a família os pares, a escola, a comunidade e o indivíduo (Carvalhosa S. , 2010, p. 32).

Dessa forma, as respostas positivas ( $\approx 14\%$ ) à questão esclareceram a existência de estratégias inseridas na escola como: “diálogo entre alunos, professores e autoridades” e “programa da Escola Segura; conversas sobre o tema com as crianças em seio escolar,

seja por profissionais de segurança, psicólogos, educadores”. Estas estratégias, efetivamente, também foram referidas pelos docentes no decorrer das entrevistas, bem como os elementos não docentes que foram inquiridos.

Posteriormente, para a categoria da **envolvência dos encarregados de educação na escola**, como meio de prevenir a violência escolar e inserir a sua participação ativa nas estratégias, uma grande percentagem ( $\approx 91\%$ ) afirmou que “sim” considera relevante que essa inserção. Consideramos que, quando algum dos elementos da comunidade educativa (pessoal não docente, docentes e encarregados de educação) são confrontados com a relevância de um trabalho conjunto, todos afirmam ser necessário e benéfico. No entanto, este nem sempre acontece, como verificamos na análise anterior.

Desta forma, os encarregados de educação indicaram que na prevenção da violência escolar, o papel preponderante foca-se no trabalho da comunidade educativa ( $\approx 76\%$ ) e não num só grupo de elementos que dela fazem parte.



*Gráfico 8- Papel mais preponderante na precaução desse fenómeno*

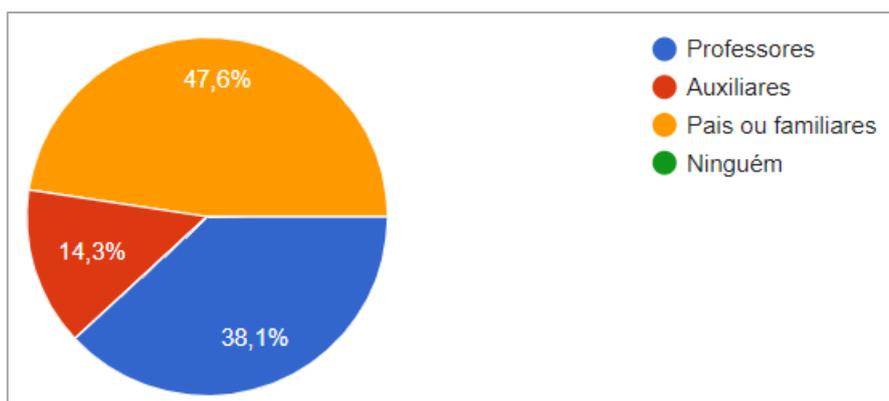
No mesmo ponto, quando perguntamos **a razão que os leva a responder positivamente**, estes referem que os próprios são responsáveis, em grande parte, pelas atitudes e comportamentos dos alunos e, por isso, devem ser inseridos nesse trabalho de prevenção. Também, declaram que são parte integrante da comunidade educativa e que, com o diálogo constante entre encarregados e docentes os problemas podem ser resolvidos atempadamente e com soluções a longo prazo. Não obstante, variados autores da teoria desta investigação afirmam que o trabalho conjunto entre todos os elementos só trás resultados benéficos para combater a violência escolar.

Por último, averiguamos se essa **participação na prevenção de violência escolar** seria possível perante a flexibilidade de tempo dos encarregados no que concerne à vida profissional de cada um. As respostas basearam-se nas opções de “às vezes” ( $\approx 55\%$ ) e “muito raramente” ( $\approx 30\%$ ), deduzindo que, mesmo integrando estes elementos da comunidade, a sua presença teria de ser marcada com antecedência e, nem sempre poderiam estar presentes, já que, como constatamos apenas 10% referiu ter uma disponibilidade total para a comparência na escola.

#### 10.4. Análise dos questionários dos alunos

No caso dos alunos, tornou-se possível a participação de vinte e três elementos. Os participantes revelam ser metade do **género feminino** (50%) e outra metade do **género masculino** (50%), sendo essa a primeira questão a responder (género). Não obstante, foram contabilizados os alunos que selecionaram a opção “feminino” ou “masculino” e não as outras que apareceram como “outras” pois algumas dessas respostas não correspondem a algo concreto (exemplo: “réptil”). Perante a categoria sobre o gosto do aluno em frequentar a escola em que está no momento, obteve-se uma perspectiva muito positiva dos alunos, isto é, a maioria afirmou que “sim” ( $\approx 71\%$ ).

Ainda dentro do “tempo que o aluno passa na escola” quisemos entender se, no horário letivo, **alguém lhes refere como se devem comportar ou que atitudes deve tomar**. Aqui houve uma dispersão de respostas onde maioritariamente referiram “sim” ( $\approx 48\%$ ), porém, uma percentagem significativa disse que apenas acontecia “às vezes” ( $\approx 38\%$ ). No que se refere a qual dos elementos da comunidade educativa lhes dizem como se devem comportar, a maioria assinalou os pais ou familiares ( $\approx 48\%$ ). Não obstante, uma parte dos participantes ( $\approx 38\%$ ) também disse que os professores eram os maiores responsáveis por essa ação, atribuindo uma pequena percentagem aos auxiliares ( $\approx 14\%$ ).



*Gráfico 9- Responsáveis que dizem como os alunos se devem comportar dentro da escola*

Efetivamente, os alunos devem ser, antes de mais, acompanhados e direcionados para ter boas atitudes e comportamentos pelo seu seio familiar. Ao mesmo tempo a escola, como local onde o aluno passa maior parte do seu dia, deve enquadrar estratégias e formas que levem o discente a rever a sua conduta e a tornar os seus comportamentos adequados, sem recurso à violência. Assim, Feliciano Veiga chega mesmo a sublinhar que, num mundo atual, a família deve ser a primeira chave para prevenir os atos de violência e indisciplina de um aluno (Veiga, 2007, p. 11). Ressalvando a ideia de que, o trabalho em comunidade arrecada sempre mais benefícios para o desenvolvimento do aluno.

A seguinte categoria engloba o **feedback que os responsáveis elegeram anteriormente dão aos alunos**, isto é, que atitudes referem aos alunos para que eles tenham um comportamento e atitudes favoráveis socialmente. Houve uma maioria de respostas que se direcionou para o “respeitar todos” e o “ser educado”, não excluindo o “respeitar as regras da escola”. Não querendo isto dizer que, os profissionais do contexto escolar ou os encarregados de educação não refiram outros comportamentos adequados, estes foram os mais assinalados.

Relacionando aquilo que foi dito pelos alunos e as respostas dos encarregados de educação, anteriormente mencionadas, verificamos que ambas as partes referem o mesmo e vão ao encontro da ideia principal, ou seja “ser bem-educado com todos”. Contrapondo com esta ideia, os auxiliares referem que a falta de apoio familiar pode ser umas das razões que levam os alunos a serem agressivos, ou seja, os encarregados de educação podem afirmar ao educando que este deve ser bem educado mas, ao mesmo tempo, os alunos nem sempre têm apoio familiar para as situações de conflito que acontecem dentro da escola, segundo os inquiridos do pessoal não docente.

Assim, entendemos que, para estes alunos, os pais ou familiares e os professores são os que referem, mais vezes, as atitudes que devem ter enquanto indivíduos sociais. Esta conclusão surge de acordo com o que Isabel Batista sublinha quando afirma “problemas como insucesso escolar, o absentismo ou violência, reclamam estratégias concertadas entre uma educação escolar e uma educação não-escolar” (Batista, 2005, p. 68). Justamente, no anexo 3 verificamos que os alunos nem sempre cooperam com os pedidos e feedbacks que lhes são fornecidos e, ao mesmo tempo, não sabem reagir de forma assertiva e com as atitudes mais corretas, evidenciando situações complexas com os professores como no caso descrito. Não é pelos pais ou familiares afirmarem que o aluno se deve comportar, ser educado e respeitar todos por igual que este o vai fazer, ou seja, muitas vezes é mais fácil para o educando observar esses comportamentos na prática e entender o significado dessas atitudes do que as ouvir verbalizadas e observar comportamentos dos adultos contrários.

No seguimento, a categoria que insere as “**regras da escola**” questiona aos alunos se existia alguma delas com a qual não concordassem. A grande maioria ( $\approx 82\%$ ) respondeu “não”, enquanto que os restantes colocaram “sim”. Ainda, os alunos tinham que indicar qual a regra com a qual não concordavam, na qual duas das respostas apuradas direccionaram-se para o facto de não poderem utilizar o telemóvel na escola. Um dos alunos chegou mesmo a referir que o não uso de telemóvel é impeditivo de ligar aos pais se for necessário, apesar de terem uma secretaria à disposição para o fazer. Outra das regras com as quais não concordam dirigem-se para o facto de utilizarem o campo de cimento para jogar futebol e não o campo de relvado (reservado para aulas de educação física apenas).

Através destas respostas dadas pelos alunos concluímos que, a maioria preferiu que não existem regras com a qual não concordem. Esta ideia pode querer dizer que há uma falta de conhecimento do regulamento interno da escola e, conseqüentemente, não conseguem assinalar qualquer discordância. No entanto, um dos professores referiu, na entrevista, que já fez, noutra escola, esse tipo de trabalho com as turmas, ou seja, ler e conhecer as regras implícitas da escola. Porém, na escola onde decorreu este estudo não aconteceu.

Não obstante, aqueles alunos que referiram as regras com as quais não concordam focam-se muito na falta de **uso do telemóvel na escola** o que, atualmente, se torna um

obstáculo para os mesmos já que estamos perante uma geração que nasceu e cresceu com estes recursos tecnológicos. Nenhum dos participantes referiu qualquer regra inserida no tema da gestão dos recreios, espaços de sociabilização, direitos e deveres enquanto alunos ou qualquer outra vertente. Não podemos então afirmar que, a não concordância com as regras advém do conhecimento do regulamento, já que, a grande maioria dos alunos não referiu desacordo com qualquer regra existente. Assim, compreendemos que, mesmo estando infelizes com alguma imposição, os alunos não têm informação necessária para contrapor pois não foi realizado um trabalho com eles para esse efeito. De acordo com isto, João Amado distingue a escola como agente de sociabilização que pode gerar violência apenas pelo carácter imposto nos currículos formais e não formais (Amado, 2005, p. 301).

No que concerne à **violência na escola em questão**, houve uma grande parte ( $\approx 73\%$ ) dos alunos que disse que “às vezes” existia. Dentro da temática da existência de violência, os alunos possuíam quatro opções de resposta (“todos os dias”, “às vezes”, “quase nunca”, “nunca”) na qual, nenhum dos alunos referiu que nunca há violência na escola e, duas percentagens iguais assinalaram “quase nunca” ( $\approx 14\%$ ) e o “todos os dias” ( $\approx 14\%$ ), sedo que, como observamos, o “nunca” não aparece nas respostas.

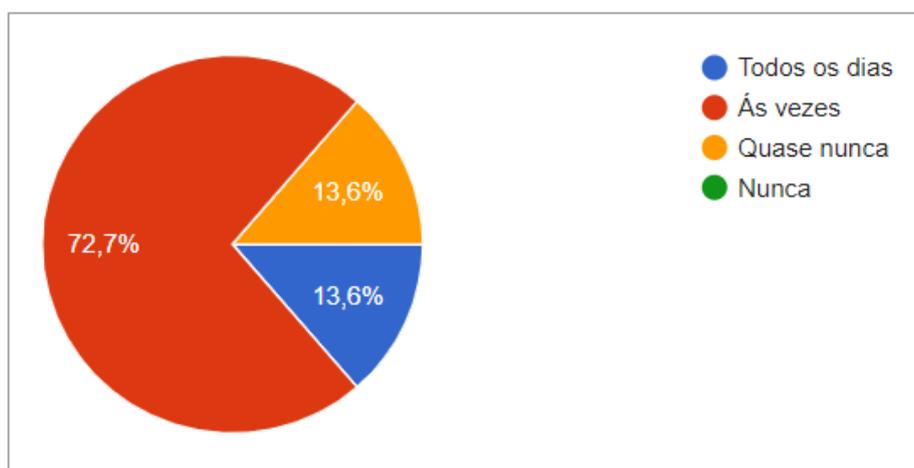


Gráfico 10- Violência na escola

Concluimos que são os próprios alunos a assumir que, não sempre, mas por vezes acontecem atos de violência dentro da instituição educativa e, como nos referem Isabel Fonseca e Feliciano H. Veiga “(...) embora a maior parte das crianças reprove o *bullying*, no entanto, toleram-no, uma vez que é comum na escola, embora lhes cause stress” (Fonseca & Veiga, 2007, p. 505). Esta citação faz-nos refletir sobre o ambiente em que

as crianças são, diariamente, colocadas e como o *bullying* e outros tipos de violência podem ser encarados como “habituais” por estas crianças e jovens.

Ainda dentro da violência dentro da escola, os inquiridos tiveram que mencionar o **tipo de violência observam mais frequentemente**. A maioria ( $\approx 41\%$ ) referiu que vê mais agressões físicas (murros, empurrões, entre outros) sendo que, também foram referidas as discussões (berros, gritos, ameaças uns com os outros) e as agressões verbais (insultos, “gozo”, palavrões, entre outros). Estas respostas relacionam-se com a pergunta anterior, na qual verificamos que, praticamente todos os dias, os alunos observam um tipo de violência, seja ele físico, psicológico ou outros tipos de conflitos.

Da mesma forma, se observarmos as respostas do pessoal não docente verificamos que os mesmos indicam as agressões físicas como as situações mais difíceis de lidar, sendo que os afirmam ser aquela que mais vêm na escola. Posto isto, concluímos que os conflitos dentro desta instituição são mais focados em agressões físicas e que os elementos do pessoal não docente nem sempre conseguem arranjar estratégias que previnam ou reduzam a incidência dos mesmos.

Como referido, o presente estudo de caso está estritamente direcionado para uma **maior verificação de agressões físicas** o que, por sua vez, se torna um indicador de grande preocupação para uma instituição educativa. Para João Sebastião, a violência é um ato sobre outro(s) que o impede e condiciona de agir sobre essas agressões (Sebastião, 2009, p. 41). Assim, percebemos que estamos perante alguns casos de alunos que vêm variadas vezes este tipo de violência a acontecer no ambiente escolar.

Numa categoria relacionada com “**colegas com comportamentos violentos**”, uma grande parte dos alunos ( $\approx 77\%$ ) responderam que sim, tinham amigos com algumas atitudes violentas. Entendemos que o encadeamento de respostas que os inquiridos vão dando, interligam-se, pois, a violência é observada, evidenciando-se em agressões físicas, mas também noutros tipos. Ainda, os alunos manifestam que têm colegas que praticam esses mesmos atos de violência, constatando esta afirmação com os registos de observação disponibilizados nos anexos.

Quando os alunos foram confrontados com o porquê, isto é, **a razão dos colegas terem esses comportamentos**, existiram várias respostas, entre elas o facto de “não terem educação”, “quererem dar nas vistas”, “necessitarem de atenção”, “não terem respeito pelos outros” e “quererem ser populares ou superiores”. José Leonardo afirma que a maior

parte dos comportamentos entre os alunos como a falta de respeito, compreensão, entre outros, prevalece em situações ocasionais de disputas ou conflitos (Leonardo, 2009, p. 40). Sendo que, os alunos deste estudo, referem que vêm colegas com comportamentos agressivos e que, na sua escola, observam violência, consideramos não são só situações ocasionais de confronto, mas sim uma repetição de situações.

Os exemplos de respostas dadas pelos alunos, sobre o comportamento dos colegas, descrevem o que, normalmente, é referido pelos encarregados de educação e docentes quando algum conflito ou atos de agressividade acontecem, ou seja, “a falta de respeito para com os outros”, “o desrespeito pelos mais velhos” ou a “necessidade de chamar à atenção de outros”.

Na mesma categoria, os inquiridos esclareceram a **ação que têm quando observam um tipo de violência**, afirmando que: chamam algum adulto ( $\approx 36\%$ ), fazem queixa ao professor (diretor de turma) ( $\approx 23\%$ ), ignoram ( $\approx 14\%$ ) e defendem o colega que acham ter razão ( $\approx 9\%$ ). Verificamos que, para a grande maioria, a solução para “parar” a situação é a intervenção do adulto (professor ou pessoal não docente), o que torna a sua presença muito importante e com responsabilidade acrescida.

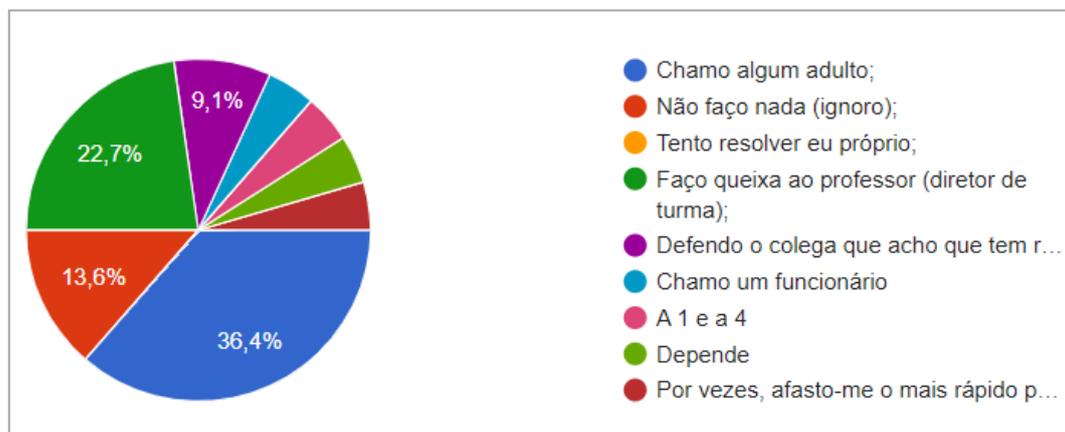


Gráfico 11- Atitude perante um ato de violência

Não obstante, vendo este gráfico, percebemos a importância dos adultos na resolução dos problemas destas crianças e jovens e, por isso a categoria seguinte é extremamente essencial.

Passamos, então a averiguar qual a **atitude do professor quando vê um ato de violência entre alunos**, os inquiridos apontaram para “tentam acalmá-los e conversas”,

“colocam os alunos fora da sala” (quando estão em contexto de sala de aula), “castigam”, “ignoram a situação”, “mandam uma ocorrência, e-mail ou falta disciplinas”. Estas foram as respostas em que os alunos mais se centraram quanto às ações dos professores o que, nos faz refletir sobre os respostas conseguidas nas entrevistas quando estes, professores, referem que privilegiam a conversa com os discentes e o entendimento da razão que levou ao conflito.

Perante a teoria, há autores que nos dizem que são os professores e a escola, em conjunto, que devem estar preparados para perceber as trajetórias desviantes dos alunos, tentando auxiliá-los da melhor maneira possível e criando uma relação afetiva em contexto escolar (Carrilho, Nogueira, & Bacelar, 2010, p. 39).

Os alunos mencionaram a atitude tida pelos auxiliares quando são estes a observar a situação de violência entre alunos. Alguns referiram que a atitude destes elementos “depende da situação que é”, outros dizem que “separam-nos e levam-nos ao diretor de turma”, “levam o aluno à direção”, “separam os alunos e falam com eles” e “tentam acalmá-los através de uma conversa”. Concluimos que, muitas destas respostas vão ao encontro das que foram dadas pelos elementos do “pessoal não docente” também inquirido.

Confrontando com a parte teórica deste estudo, percebemos que as características de sucesso associadas à escola vão ao encontro de um clima que favoreça essas mesmas atitudes e valores, ou seja, uma dinâmica pedagógica que impulse um trabalho escolar de prevenção de violência ou delinquência (Carrilho, Nogueira, & Bacelar, 2010, p. 39).

## 11. Considerações finais

Depois de refletirmos sobre os dados recolhidos relativamente às percepções dos professores, funcionários, encarregados de educação e alunos da escola estuda e os cruzarmos com a pesquisa teórica que realizamos, a questão que pretendemos aqui realçar remete-nos para as dificuldades que uma escola possui na implementação de estratégias de prevenção da violência escolar. O objetivo deste estudo passou por essa mesma ideia, incluindo toda a comunidade, ou seja, quais as estratégias em que toda a comunidade esta inserida e como lidam, normalmente, cada um dos elementos face à violência.

Uma das conclusões mais relevantes desta investigação foca-se na falta de conhecimentos científico sobre estratégias de prevenção da violência escolar. Tanto docentes como outros elementos da comunidade educativa, excluindo os alunos que aparentam ter algumas sessões de sensibilização sobre o tema, salientaram que a sua formação no campo deste fenómeno social é muito diminuta. Ao mesmo tempo, revelam que a violência escolar, nos últimos anos tem vindo a aumentar ou a manter os seus níveis de incidências, o que se mostra preocupante.

A violência mais observada pelos participantes deste estudo aponta para confrontos entre aluno-aluno, nomeadamente agressões verbais e físicas. Os momentos em que estas agressões começam, quer verbais ou físicas, são sempre de grande tensão o que sugere um amparo por parte dos profissionais da escola que, por sua vez, devem estar preparados para intervir nas situações. No entanto, os professores, pessoal não docente e mesmo os encarregados, na sua maioria das vezes não sabem que tipo de estratégias implementar para diminuir as incidências de violência escolar.

De todos os tipos de violência descritos nesta investigação, aquelas que mais se evidenciaram nos resultados obtidos foram a indisciplina e bullying (agressões físicas e verbais). No qual, os próprios alunos que participaram referiram que “às vezes” havia violência na sua escola indicando então a violência física e verbal como foco das agressões que vêm. Dando assim resposta a uma das questões que pretendíamos, além dos adultos, os alunos também sentem que a violência escolar acontece e descrevem aquela que mais vêm, sentem ou praticam entre eles.

As causas desta violência escolar apontaram para o uso frequente de telemóveis o que se tornou uma explicação plausível já que, em pleno século XXI a grande parte dos alunos

possui um telemóvel dentro da escola. Este uso remete para uma consequência que é a falta de diálogo e reconhecimento por parte dos adultos, pois também eles têm a responsabilidade de comunicar constantemente e saber quando o educando apresenta sinais de pouco diálogo ou outros traços que levem a comportamentos mais agressivos.

O foco deste estudo, as estratégias de prevenção revelaram resultados interessantes já que, de entre as que se apresentaram nesta investigação e as que os professores, auxiliares e encarregados de educação implementam, existem algumas diferenças significativas. Assim, a comunicação interpessoal é muito conhecida por docentes e aplicadas por alguns dos que participaram no estudo. O diálogo constante com os alunos é, de facto, praticado, mesmo que seja apenas para sensibilizar alguns comportamentos momentâneos. Porém, como nos diz a pesquisa sobre a violência escolar, as estratégias são muito mais focadas nos alunos, deixando uma falência de formação muito grande nos profissionais que se encontram dentro de uma instituição educativa.

Considerando a violência escolar um fenómeno que envolve crianças e jovens, são estes os próprios a afirma quando existe ou não a violência e o que observam diariamente na escola. No estudo de caso efetuado conclui-se que há realmente agressividade entre alunos e que os adultos optam, na sua grande parte pelas resoluções mais tradicionais e não por estratégias mais atuais ou diferenciadas.

Com o presente trabalho concluímos que as estratégias são uma grande ferramenta de resolução de conflitos dentro do espaço escolar, mas que ainda há um longo caminho a percorrer para conseguir uma prevenção eficaz e delineada por toda uma comunidade educativa e não só por um dos seus elementos. Ainda assim, como futura docente, considero que esta investigação foi muito importante não só para compreender melhor o fenómeno social da violência escolar, mas também para aprofundar o conhecimento de estratégias de prevenção da mesma.

Sendo este um fenómeno que acontece nas escolas, cabe à comunidade educativa, na qual os professores estão inseridos, manter um trabalho de prevenção em equipa para que os conflitos e situações problemáticas sejam cada vez menos. Sendo esta uma primeira aproximação à temática permitiu construir uma reflexão de fundo que nos dá conta que, muito trabalho já foi realizado, mas também, ainda existe uma exigência em continuar a percorrer um caminho nesse sentido. Numa perspetiva pessoal o trabalho de prevenção da violência escolar deve ser uma ação feita em comunidade educativa passando a haver

uma concepção como um todo (comunidade) e não como elementos individuais que não se relacionam, sendo este o primeiro passo para fazer frente a esta problemática.

Por último, a investigação elaborada proporcionou uma motivação e interesse por esta área sendo que poderá ser um impulso para futuros estudos a realizar no futuro.

## Bibliografia

- Abramovay, M. (2015). *Violência nas escolas- Programa de prevenção à violência nas escolas*. Brasil: FLACSO. Obtido de [http://flacso.org.br/portal/pdf/libros/conversando\\_sobre\\_violencia.pdf/](http://flacso.org.br/portal/pdf/libros/conversando_sobre_violencia.pdf/)
- Amado, J. (2005). Contextos e formas da violência escolar . *Revista Portuguesa de História* , 299-325.
- Assis, S. G. (setembro de 1994). Crescer sem violência. *CLAVES*, 3-32.
- Batista, I. (2005). *Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético*. Porto : proferições .
- Cardoso, N. (2009). O Jogo dramático na prevenção do bullying – Algumas experiências de intervenção. *Interacções*, 275-288.
- Carrilho, L., Nogueira, P., & Bacelar, T. (2010). *Bullying. Agressividade em contexto escolar* . Porto: Edições Afrontamento .
- Carvalhosa, S. (2010). *Prevenção da violência e do bullying em contexto escolar* . Lisboa : Climepsi Editores.
- Carvalhosa, S. F., Lima, L., & de Matos, M. G. (2001). Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *XIX(4)*, pp. 523-537.
- Carvalhosa, S. F., Moleiro, C., & Sales , C. (2009). A situação de Bullying nas escolas portuguesas. *INTERACÇÕES*, 125-146.
- Chaux, E. (2005). *Aulas en paz*. Obtido de Programa Aulas en Paz: <https://www.aulasenpaz.org/programa-aulas-en-paz/>
- Costa, M. E., & Vale, D. (1998). *A violência nas escolas* . Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Debarbieux, É., & Blaya, C. (2002). *Violência nas Escolas: dez abordagens europeias*. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

- Fonseca, I., & Veiga, F. H. (2007). Bullying e violência escolar em países europeus: Elementos comparativos. *Violência escolar e bullying em países europeus*, pp. 107-118.
- Haber, J., & Glatzer, J. (2009). *Bullying - manual anti-agressão*. Alfragide: Casa das Letras.
- Leonardo, J. (2009). *As violências nas escolas*. Lisboa: Edições Colibri/SociNova.
- Martins, G. A. (2008). Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisa no Brasil. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 2(2), 8-18. Obtido de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=235217215002>
- Matos, B. F., & Ribeiro, C. (2015). Prevenir a indisciplina e melhorar o comportamento de alunos em centros escolares. *Prevent indiscipline and improve student*, pp. 169-191.
- Monteiro, C. M. (2009). *Indisciplina e violência escolar*. Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Departamento de Ciências da Educação e do Património, Porto.
- Monteiro, M. I. (2012). *A Violência em Contexto Escolar "Bullying" e a Importância da Animação Socioeducativa na mediação de Conflitos e Apoio ao Aluno*. Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local : Instituto Politécnico de Coimbra- Escola Superior de Educação de Coimbra.
- Neto, C. M., & de Sá Barretto, E. S. (2018). (In)disciplina e violência escolar: um estudo de caso. *SCIELO*, 44, 1-18.
- Pereira, B. O. (2005). *Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às actividades*. Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança (IEC).
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências sociais* (2.ª ed.). Lisboa : Gradiva - Publicações.
- Santos, A. M., Grossi, P. K., & Scherer, P. T. (maio-ago. de 2014). Bullying nas escolas: a metodologia dos círculos restaurativos. *The bullying in schools: the methodology of restorative circles*, pp. 278-287.

Sebastião, J. (2009). VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA QUESTÃO SOCIOLÓGICA. *INTERACÇÕES*, 35-62.

Seixas, S. R. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 97-110.

Veiga, F. H. (2007). *Indisciplina e violência na escola: práticas comunicacionais para professores e pais* (3ª ed.). Coimbra: Almedina.

### **Documentos oficiais:**

CrITÉrios PedagÓgicos de ConstituiÇão de Turmas (2016). Agrupamento de Escolas Garcia da Orta. Obtido de: <https://aegarciadeorta.pt/wp-content/uploads/2021/06/Anexo-1-Criterios-constituicao-turmas.pdf>

Projeto Educativo (2019-2022). Agrupamento de Escolas Garcia de Orta. Obtido de: <https://aegarciadeorta.pt/wp-content/uploads/2020/02/PROJETO-EDUCATIVO-2019-2022.pdf>

Regulamento Interno (2018). Agrupamento de Escolas Garcia de Orta. Obtido de: <https://aegarciadeorta.pt/wp-content/uploads/2021/06/Regulamento-Interno-do-AEGO.pdf>

## Anexos

### Anexo 1- Registo de observação

Registo de observação I
<p><b>Intervenientes: Pessoal não docente- Aluno- Professor</b></p>
<p>Esta observação ocorreu durante a tarde no início de uma aula. A turma entra dentro da sala, como habitual, e um dos alunos vem acompanhado por um auxiliar (do pessoal não docente). O professor pede que o auxiliar que saia da sala pois está a perturbar o início da aula enquanto este continua a abordar o aluno de forma verbalmente agressiva.</p> <p>O professor passa a ser mais assertivo no discurso exigindo que o auxiliar sai da sala e afirmando o seu poder dentro daquele espaço. Após uma troca de palavras entre o auxiliar e o aluno, todo o momento acaba, mas sem qualquer explicação do que tinha ocorrido.</p> <p>Foi questionado diversas vezes ao aluno o que se tinha passado para que o auxiliar tivesse aquela atitude agressiva e não foi conseguida uma resposta através do mesmo.</p> <p>Posteriormente foi averiguado que o aluno teria estado no meio de uma discussão entre aluno de outras turmas, no entanto não se envolveu em qualquer agressão física ou verbal, tendo apenas como objetivo defender o irmão que estava no meio do conflito.</p>
<p><b>Estratégia:</b> com base no sucedido foi observada uma atitude agressiva do auxiliar para com o aluno, não lhe sendo explicado o porquê de estar a ser levado para a sala de aula daquela forma. Quando questionado, o aluno afirmou não ter feito parte do conflito tendo por base apenas defender o irmão que lá estava. No final, o professor e auxiliar entraram em confronto devido a todo o aparato levado para dentro da sala de aula e toda a perturbação para os restantes alunos da turma.</p> <p>Quando acabou a aula não foi explicada nem refletida toda esta situação entre auxiliar-aluno e auxiliar-professor, passando a ser mais uma situação “habitual” e não sublinhando o ocorrido.</p>

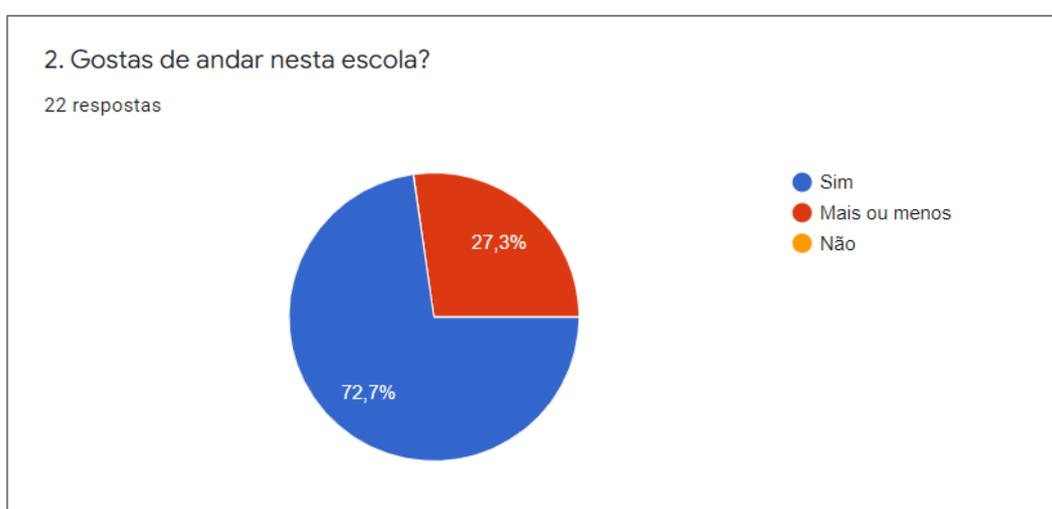
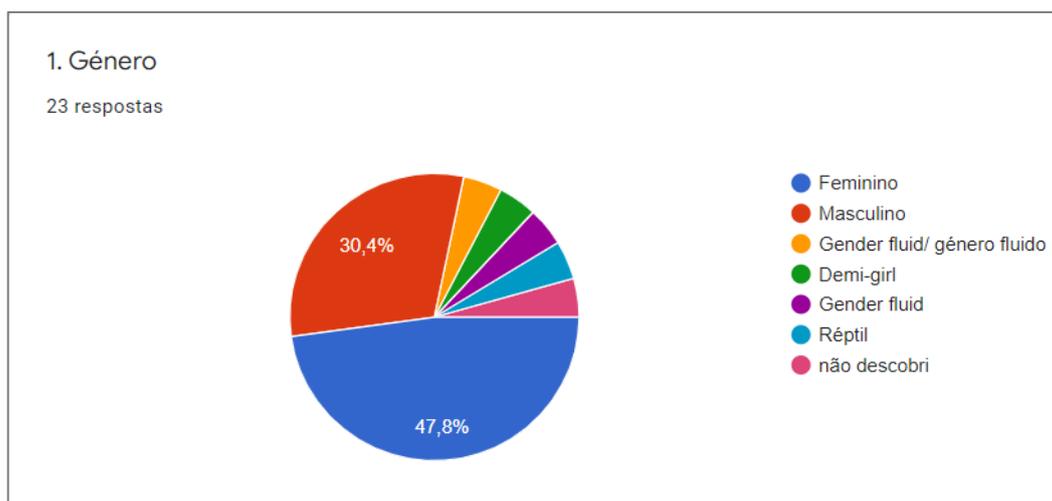
## Anexo 2- Registo de observação

Registo de observação II
Intervenientes: Aluno- Aluno; Professor- Aluno
<p>Esta observação ocorreu durante a manhã, numa aula. No exato momento em que a aula se inicia, um dos alunos lança um estojo em direção à cabeça de outro colega. Neste exato momento o professor repreende o aluno que atirou o objeto pedindo para que este vá recolher o mesmo e se sente. Não concordando o aluno levantou-se sempre em protesto afirmando que apenas atirou o estojo para que o seu colega entendesse que não pode dizer tudo o que queria no tempo do intervalo.</p> <p>Perante esta discussão o professor pára a aula pedindo que o aluno se sente e explique o que ocorreu no intervalo para tentarem resolver da melhor forma. Este aluno refere que está constantemente a ser “gozado” e maltratado pelos colegas não querendo fazer mais parte da turma onde está.</p> <p>Depois de ouvir ambas as partes, o professor refere que não devem insultar nem maltratar os outros pois são uma turma e devem manter-se unidos. Além disso, pergunta aos alunos se estão dispostos a tomar outra atitude e a manter um bom ambiente dentro da sala de aula, os quais concordaram.</p>
<p><b>Estratégia:</b> Com base nesta situação, o professor tentou primeiramente entender o que tinha ocorrido anteriormente que levou o aluno a manifestar aquela atitude dentro da sala. Após compreender tudo o que se tinha passado, passou a usar, aquela que é uma das estratégias mencionadas neste estudo, ou seja, a comunicação interpessoal que nos afirma que a forma como comunicamos com o outro, pode ser uma das razões que o leve a se comportar de determinada. Neste caso, o professor percebeu que os alunos estavam a praticar uma agressão verbal com o aluno e fez com que estes refletissem sobre os seus atos.</p>

### Anexo 3- Registo de observação

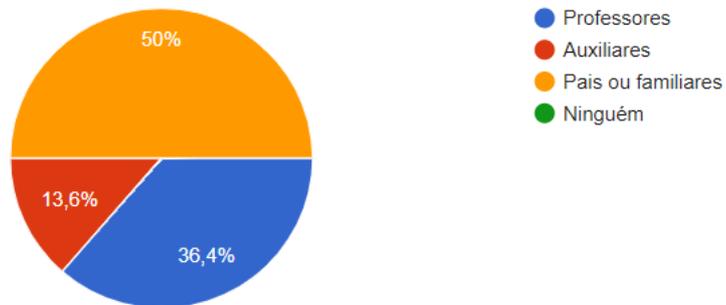
Registo de observação III
Intervenientes: Aluno professor
<p>Esta observação ocorreu no último tempo da tarde, durante uma aula de apoio. Um dos alunos da sala, pelo que foi informado, já seria um aluno com algumas reincidências no que diz respeito às faltas disciplinares e comportamentos de indisciplina.</p> <p>Nesta aula em específico o aluno manifestou total desinteresse pelo trabalho que estava a ser feito em aula, conseguindo tomar a atenção dos outros alunos em sala de aula. Após várias chamadas de atenção feitas pelo professor, o aluno rasga a ficha de trabalho e atira com o material para o chão afirmando que não quer estar na aula.</p> <p>O professor reage a este comportamento mandando o aluno sair da sala para refletir sobre os seus comportamentos, mantendo-se lá por tempo indefinido. Passado algum tempo o professor permite que o aluno volte para dentro da sala exigindo que se mantenha em silêncio. O comportamento manteve-se igual levando o professor a colocar um processo disciplinar ao aluno e mantendo-o fora da sala o resto do tempo de aula.</p>
<p><b>Estratégia:</b> Perante este cenário de comportamento agressivo e manifestação de desinteresse pela aula, o professor não tentou perceber qual a razão pela aquela indisciplina já que, tinha uma pré-conceito baseado num conjunto de comportamentos e rendimento do aluno em questão. Durante todo o tempo de aula a estratégia foi chamar sucessivas vezes à atenção e colocar o aluno fora da sala de aula para que se “acalmasse” e não perturbasse as aprendizagens dos restantes elementos da turma.</p>

#### Anexo 4- Dados estatísticos dos questionários dos alunos



4. Quem te diz como te deves comportar dentro da escola com os teus colegas e adultos?

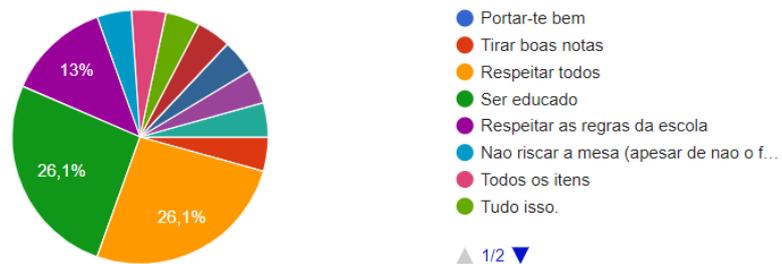
22 respostas



5. O que dizem para fazeres?

[Copiar](#)

23 respostas

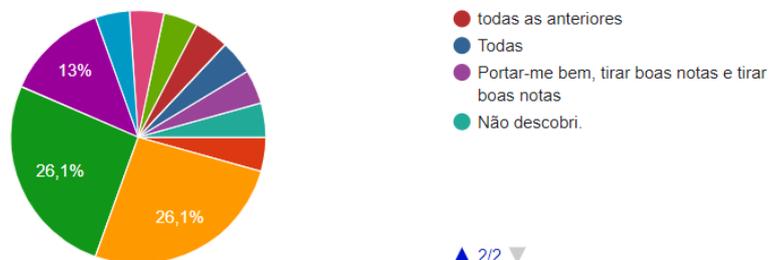


▲ 1/2 ▼

5. O que dizem para fazeres?

[Copiar](#)

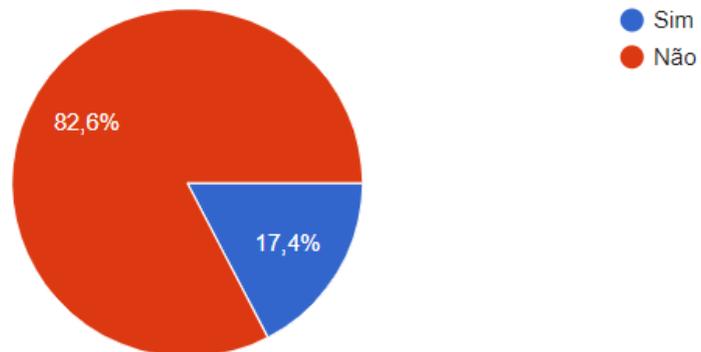
23 respostas



▲ 2/2 ▼

## 6. Existe alguma regra na escola com a qual não concordes?

23 respostas



### 6.1. Se sim, qual/quais?

5 respostas

o não uso do telemóvel

Proibido usar telemovel na cantina

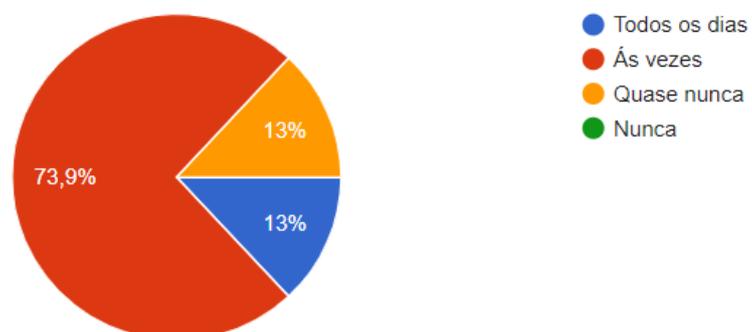
Nenhuma.

Ter um campo de futebol excelente à nossa disposição e termos de jogar num campo de cimento

Nao poder trazer telemoveis para a escola, pois podemos precisar deles para ligar a alguem como aos nossos pais

## 7. Há muita violência na tua escola?

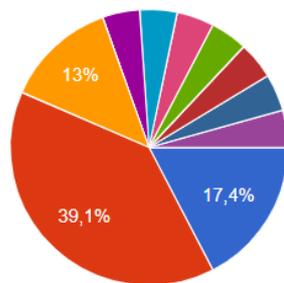
23 respostas



8. Que tipo de violência vês mais na tua escola?

 Copiar

23 respostas



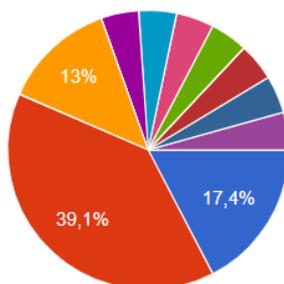
- Discussões (berros, gritos, ameaças u...
- Agressões físicas (murros, empurrões...
- Agressões verbais (insultos, "gozo", p...
- Indisciplina (desrespeito dentro da sal...
- Gritos, empurrões e outros
- Quase todas as opções
- Todas os itens
- Algumas dessas...

▲ 1/2 ▼

8. Que tipo de violência vês mais na tua escola?

 Copiar

23 respostas

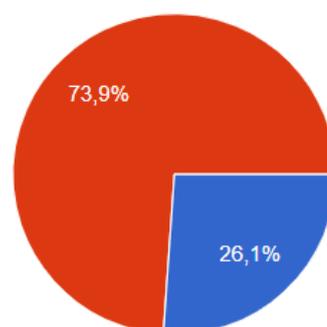


- agressões físicas e agressões verbais
- Todas menos a indisciplina
- Todo o tipo de violência.

▲ 2/2 ▼

9. Tens colegas com esse tipo de comportamento?

23 respostas



- Sim
- Não

10. Porque achas que têm essas atitudes de violência?

21 respostas

não têm educação

Querem dar nas vistas

não sabem comportar-se

Querem ser populares

Não têm educação para dar nas vistas e fazer rir os colegas

porque não têm educação

Para fazer rir os colegas

Não têm educação

Porque se acham superiores e querem dar nas vistas.

10. Porque achas que têm essas atitudes de violência?

21 respostas

Esses meninos não têm respeito e acham que têm piada a magoar os outros.

Querem ser o centro das atenções!

querem ser conhecidos por todos

Querem ser famosos

Porque pensam que mandam em tudo e no nunca lhes acontece nada

Não sei bem

Não sei

Querem dar nas vistas, na minha opinião só fazem isto por popularidade e no final só ficam a fazer figura de anta.

Para defenderem os outros

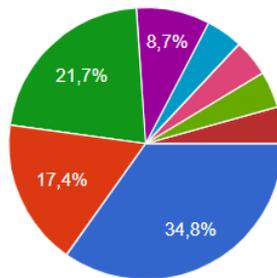
Porque querem ser os maiores.

porque não têm educação

11. Quando observas um tipo de violência com outro colega, o que fazes?

 Copiar

23 respostas



- Chamo algum adulto;
- Não faço nada (ignoro);
- Tento resolver eu próprio;
- Faço queixa ao professor (diretor de turma);
- Defendo o colega que acho que tem r...
- Chamo um funcionário
- A 1 e a 4
- Depende
- Por vezes, afasto-me o mais rápido p...

12. O que é que os professores fazem quando vêm ou ouvem algum tipo de violência entre os alunos?

22 respostas

Depende da situação

coloca o aluno fora da sala uns minutos

falam com eles

Nao sei

Tenta calmar

Tenta acalma-los

Tenta acalmá-los através de uma conversa

Muitos professores resolvem as coisas com conversa mas muitos ignoram.

12. O que é que os professores fazem quando vêm ou ouvem algum tipo de violência entre os alunos?

22 respostas

tenta acalma los através de uma conversa

Manda uma ocorrência, email ou uma falta disciplinar. E tenta resolver a situação.

vão parar

Não veem

Vão lá resolver

Separam-nos (aos que estavam a agredir-se) e depois castigam-nos.

Tentam-nos acalmar

Uns não fazem nada e outros intervêm como podem.

Tentam acalmar e se não conseguirem chamam alguém

coloca o aluno fora da sala durante uns minutos

Falam com os alunos e acalmam-nos

Acalma a situação

13. O quê que os auxiliares fazem quando vêm ou ouvem algum tipo de violência entre os alunos?

22 respostas

Depende da situação

também falam com eles

Tambem nao sei

Separam os alunos e levam ao professor

tenta acalma-los através de uma conversa

Também depende da situação

tenta acalmalos

Separa os alunos e fala com os dois

manda-os para a direção e conversam com eles

13. O quê que os auxiliares fazem quando vêm ou ouvem algum tipo de violência entre os alunos?

22 respostas

Os auxiliares separam os dois ou mais e vão falar com o diretor de turma.

tentam aclama los através de uma conversa

Ralham com eles e fazem queixa ao seu diretor de turma!

vão parar

Levam o aluno à direção, coisa que é muito raro acontecer

Vão lá resolver

Alguns entrevêm com alguma violência ou agarram-nos e levam-los aos professores

Tantam-nos acalmar

Quarta-feira eu estava a almoçar e estava muito barulho. A dona Rosa tocou uma "campainha" que ela normalmente toca e o Francisco (um aluno do 6° ano) disse que isso não faria diferença nenhuma e

13. O quê que os auxiliares fazem quando vêm ou ouvem algum tipo de violência entre os alunos?

22 respostas

Tantam-nos acalmar

Quarta-feira eu estava a almoçar e estava muito barulho. A dona Rosa tocou uma "campainha" que ela normalmente toca e o Francisco (um aluno do 6° ano) disse que isso não faria diferença nenhuma e ordenou : "FALEM PESSOAS" umas 2/3 vezes. Eu fiquei cheia de raiva mas não entevi. Ele deve achar que manda nas pessoas ou algo assim. A dona Rosa chegou ao pé dele, ele levantou-se e tentou fugir dela. Parecia um covarde. Um professor que estava a almoçar, acho que ele é professor de religião e moral ou algo assim. Uma vez vi uma apresentação sobre bullying que ele apresentava. Ele sentou o Francisco em outra mesa enquanto o Francisco ria-se. Ele RIA-SE. Que desgosto. Foi a única vez que presenciei algo do tipo com a intervenção de um/a funcionário/a.

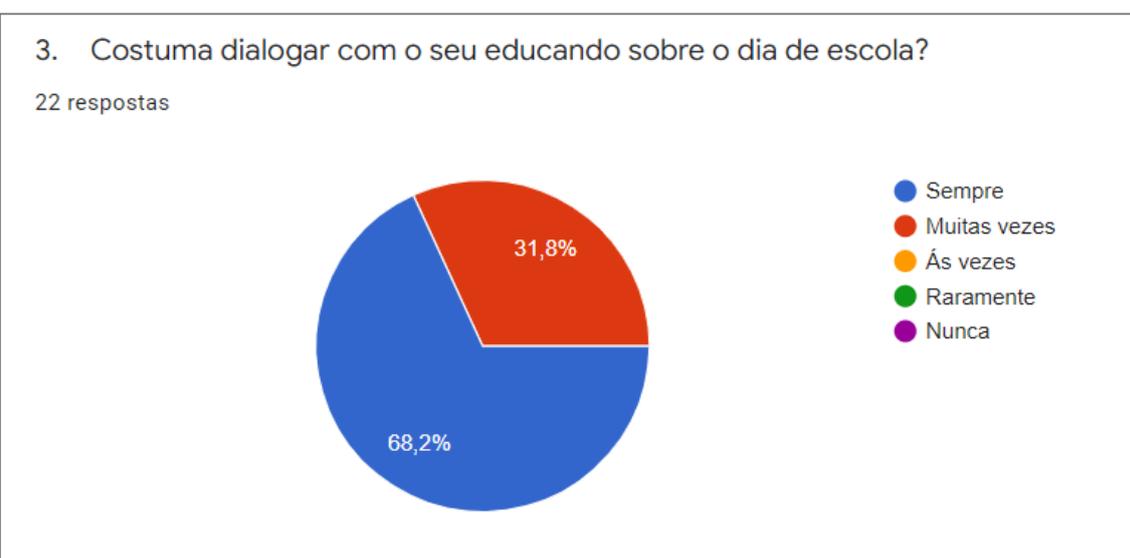
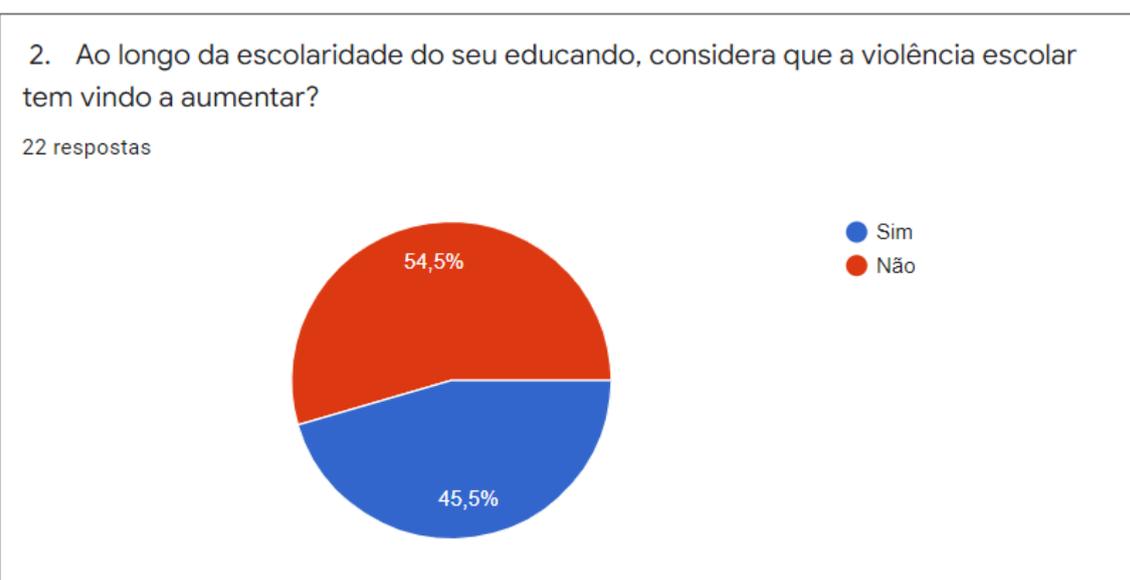
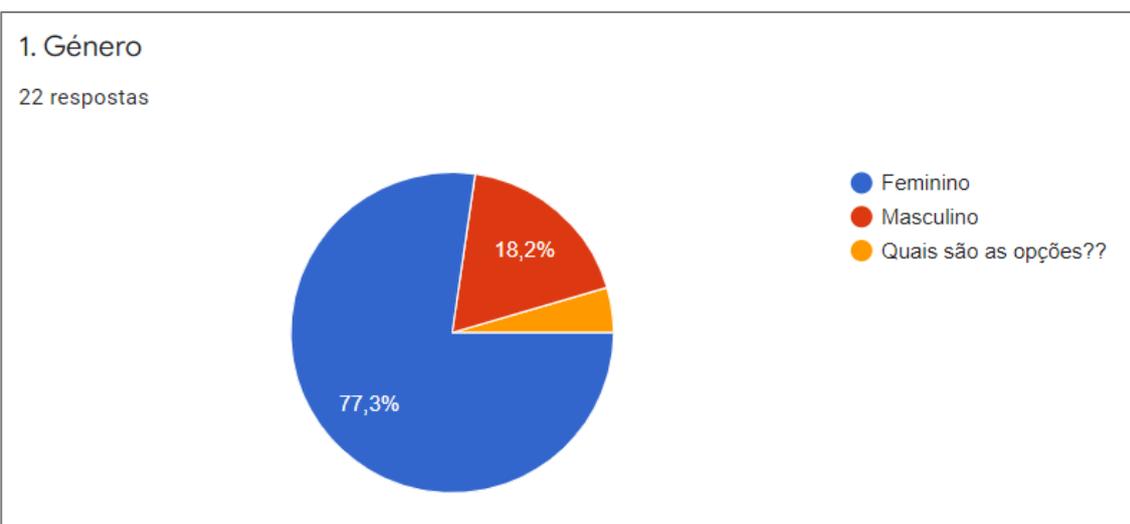
Tenta acalmalos e resolver

separa os alunos e fala com os dois

mandam os alunos ir falar com os professor e conversão com eles.

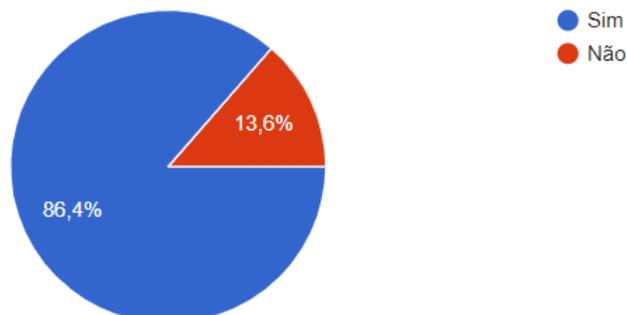
separa os alunos e fala com eles

Anexo 5- - Dados estatísticos dos questionários dos encarregados de educação



4. O seu educando já relatou alguma situação de violência entre colegas ou com outro elemento da comunidade educativa?

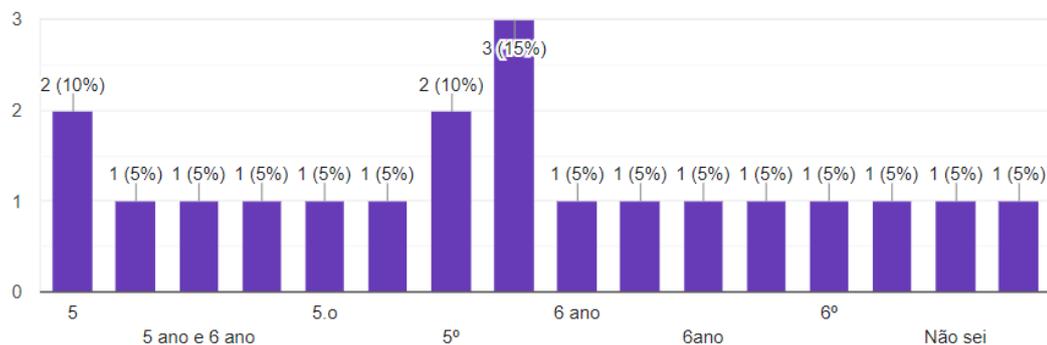
22 respostas



4.1. Em que ano de escolaridade?

[Copiar](#)

20 respostas



4.2. Se a resposta for sim, refira o tipo de violência relatada.

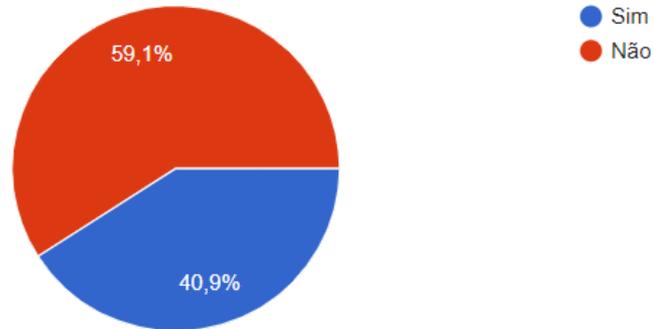
[Copiar](#)

19 respostas



5. Durante a escolaridade do seu educando, alguma vez este já foi vítima ou agressor num caso de violência escolar?

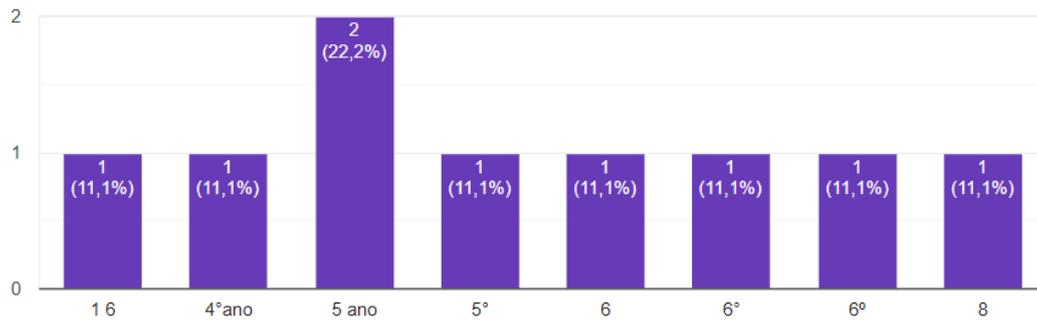
22 respostas



5.1. Em que ano de escolaridade?

[Copiar](#)

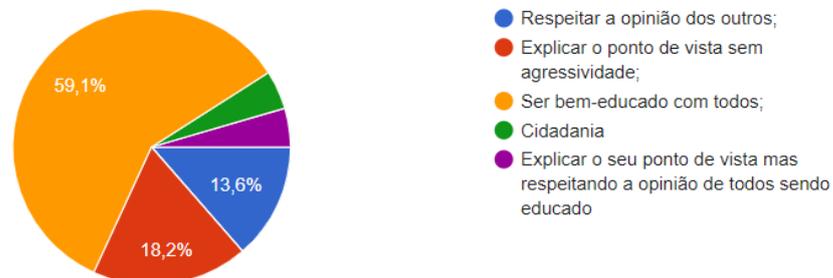
9 respostas



6. Que tipo de atitudes e valores valoriza mais na educação do seu educando?

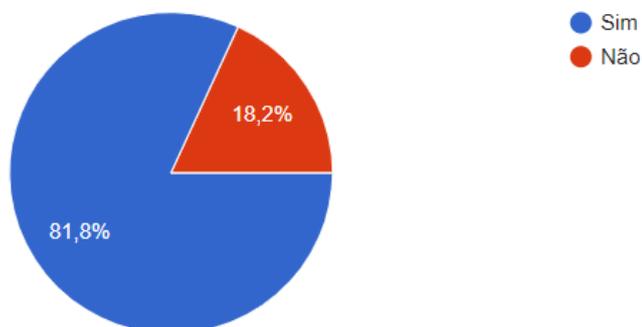
[Copiar](#)

22 respostas



7. Acha que o seio familiar pode ser considerado um foco da violência escolar (falta de regras e/ou atitudes dos alunos dentro da escola)?

22 respostas



7.1. Porquê? (questão anterior)

17 respostas

Valores transmitidos

A realidade existente em casa, desde o nascimento, é a única referência "fiável" aos olhos das crianças.

Sim, pois, especialmente em tenras idades, o exemplo que têm em casa é o que espelham depois na escola, com colegas e auxiliares. Além disso, o meio e ambiente em que a criança se insere tem muita influência no seu comportamento e na relação com os outros.

O seio Familiar é onde se aprende as regras e onde se educa pelo exemplo

Os valores são passados de pais para filhos..

Porque ao não serem inculcados valores e regras as crianças não terão pontos de referência positivos

Podem reproduzir exemplos do que vivenciam em casa, descarregar carências, tristezas e frustrações nos outros

Porque a educação começa de berço e se em casa não há educação isso reflete-se na escola

### 7.1. Porquê? (questão anterior)

17 respostas

A educação vem de casa, se em casa assistem a agressões, acham que é o normal e também o fazem na escola

Exemplo vem de casa

Porque as crianças são muito permeáveis ao ambiente que as rodeia. Podem ser ótimas em casa e violentas na escola ou vive versa

A educação que se obtém em casa determina os comportamentos em todos os locais

Incapacidade de gestão emocional.

A educação começa em casa!

Considero que a família é a base para o bem e para o mal... uma família disfuncional gera crianças disfuncionais e as escolas, sendo muitas vezes a única alternativa dessas crianças para encontrarem alguma estabilidade, não estão preparadas (falta de meios e de preparação) para esse "mecanismo de compensação"... ora, essas crianças em vez de receberem formação sobre técnicas possíveis para

Os valores de educação são transmitidos primeiramente em casa

As crianças replicam comportamentos

8. Assinale as causas que, na sua opinião, podem levar o aluno à prática de violência escolar (agressões físicas ou verbais; indisciplina; discriminações; entre outros).

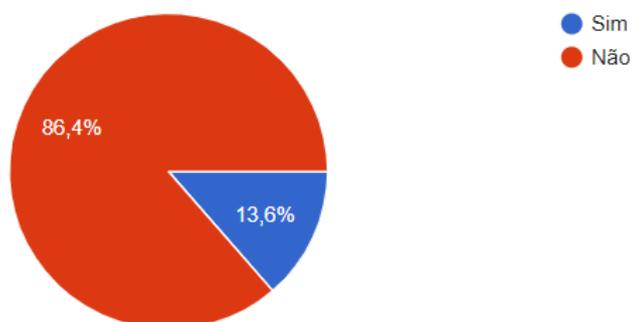
 Copiar

21 respostas



9. Tem conhecimento de algum tipo de estratégia que esteja ou já tenha sido aplicada, na escola do seu educando, como prevenção à violência escolar?

22 respostas



9.1. Se a resposta for sim, refira qual e como funciona.

3 respostas

Diálogo entre alunos, professores e autoridades

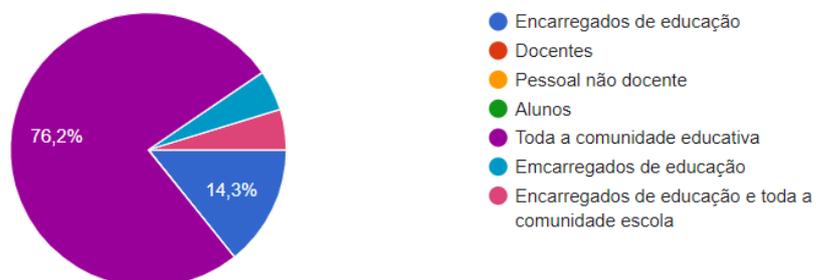
Programa da Escola Segura; conversas sobre o tema com as crianças em seio escolar, seja por profissionais de segurança, psicólogos, educadores

Diálogo com o DT, psicóloga e restantes professores acerca da violência escolar e sua prevenção

10. Perante a prevenção da violência escolar, assinale a opção que, para si, tem um papel mais preponderante na precaução desse fenómeno.

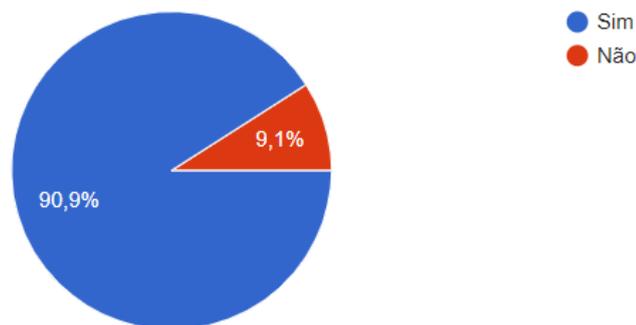
Copiar

21 respostas



11. Considera importante a envolvimento dos encarregados de educação na escola para a prevenção da violência escolar? Por exemplo em casos de envolvimento do próprio educando; situações em que a comunidade educativa pode interferir para resolver um problema de violência escolar; ações de formação para a prevenção de violência; entre outros.

22 respostas



11.1 Porquê? (resposta anterior)

17 respostas

Estarmos atentos ao ambiente de forma a actuar atempadamente

Pelo mesmo motivo da resposta 7.

Pelo já descrito em cima, os pais e encarregados de educação têm o papel mais relevante na educação e formação de crianças, servem de exemplo na forma como as crianças consideram adequado tratar os outros e também na forma como devem encarar quando são vítimas de violência. É importante que se lembrem de dialogar abertamente com os seus educandos, acompanhar e estar atentos a sinais de possíveis vítimas e agressores, etc

Há duas hipóteses, se o problema está no agregado familiar então a envolvimento na escola não será a solução, se o problema não vem do agregado familiar então considero que deve ser a escola e o pessoal docente a lidar com a situação

Os encarregados de educação têm de estar atentos aos sinais dados pelos alunos

porque só com comunicação entre as partes é que se consegue aferir os problemas e encontrar soluções

### 11.1 Porquê? (resposta anterior)

17 respostas

Pois todos somos parte integrante

Porque acho essencial ha assuntos que devem ser falados e nao abafados

Dar exemplos de casos que conheca

Todos devem estar envolvidos

Os encarregados de educação transmitem regras e valores que tem que ser controlados e orientadora nos diferentes contextos em que as crianças estão inseridas. Se a violência é na escola, é a comunidade escolar que deve ser responsável pelo ambiente que cria na escola, mais ou menos propenso a que estas atitudes aconteçam. Seria o mesmo que chamar os directores de turma a responder pelo mau comportamento das crianças em casa.

São as regras e normas definidas pelos pais e as conversas que que tem com os filhos que ajudam a melhorar os seus comportamentos e atitudes

Porque só com uma estreita colaboração família - escola é que se poderá minizar/resolver esta questão

Porque só com uma estreita colaboração família - escola é que se poderá minizar/resolver esta questão

Contribui para uma melhor educação e inserção na sociedade

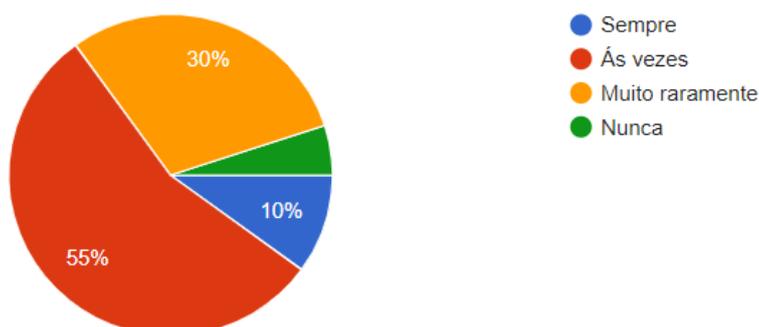
Acho que se poderia aproveitar o conhecimento de algumas pessoas especialistas em matérias adaptadas a estes temas, envolvendo-as na formação da comunidade escolar. Poder-se-ia também convidar pessoas que na sua infância/adolescência tivessem vivido processos de violencia/abuso de drogas, etc. e que estivessem dispostas a partilhar essa sua experiência e a contar como "sobreviveram" a essa experiência difícil, etc. etc.

Os pais devem ser envolvidos mas tem de existir um grande respeito entre estes e a escola, caso contrário é mais uma "areia na engrenagem"

A tentativa de resolução deste tipo de problema deve ser transversal.

### 11.2. No caso de ter respondido sim, seria possível, com a sua vida profissional, inserir-se nestas estratégias de prevenção na escola do seu educando?

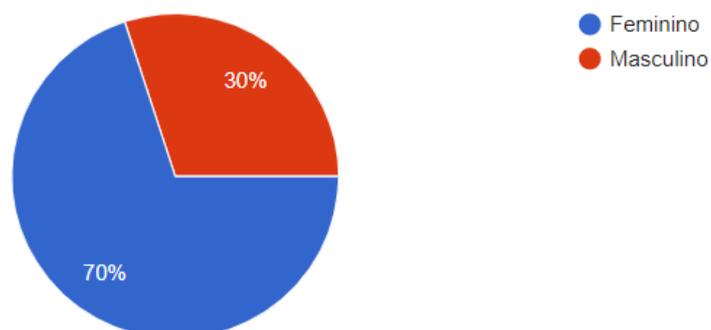
20 respostas



## Anexo 6- Dados estatísticos dos questionários do pessoal não docente

### 1. Género

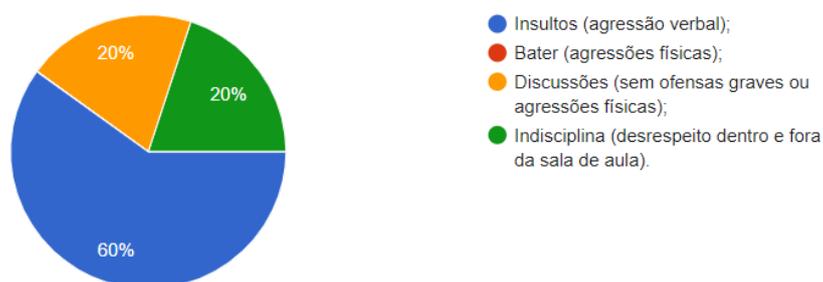
10 respostas



### 2. Ao longo de todo o horário letivo, observa algum destes tipos de violência:

Copiar

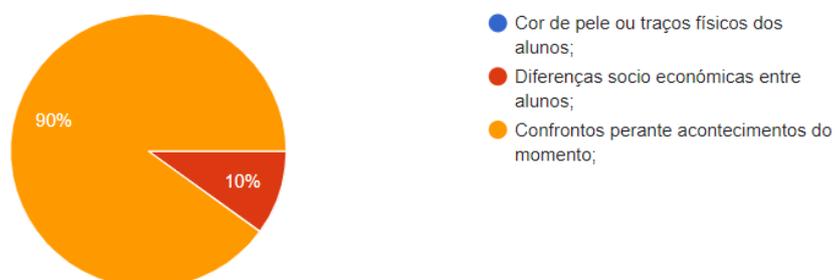
10 respostas



### 3. Essa violência, relaciona-se com assuntos relacionados com:

Copiar

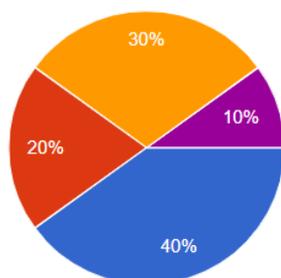
10 respostas



4. Sendo a violência escolar um assunto muito abrangente quais as razões que, para si, levam a que os alunos tenham atitudes agressivas:

 Copiar

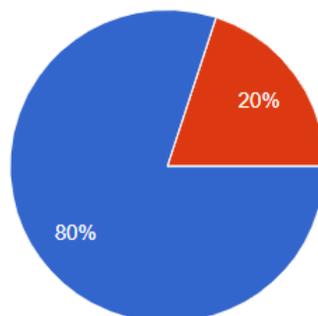
10 respostas



- Falta de diálogo (no seio familiar ou com professores);
- Contexto social envolvente (toda a sociedade em que o aluno está inseri...
- Falta de apoio familiar (a falta de apoio perante as adversidades que o aluno...
- Falta de atenção dos professores e encarregados de educação aos sinais...
- Falta de respeito e educação vinda de casa

5. Considera que a violência escolar tem vindo a aumentar ao longo dos seus anos de serviço?

10 respostas



- Sim
- Não

6. Que comportamento tem, enquanto elemento da comunidade educativa, perante a violência entre alunos? (castigo; separação de ambos os alunos; diálogo entre os dois ou adulto-aluno; entre outros).

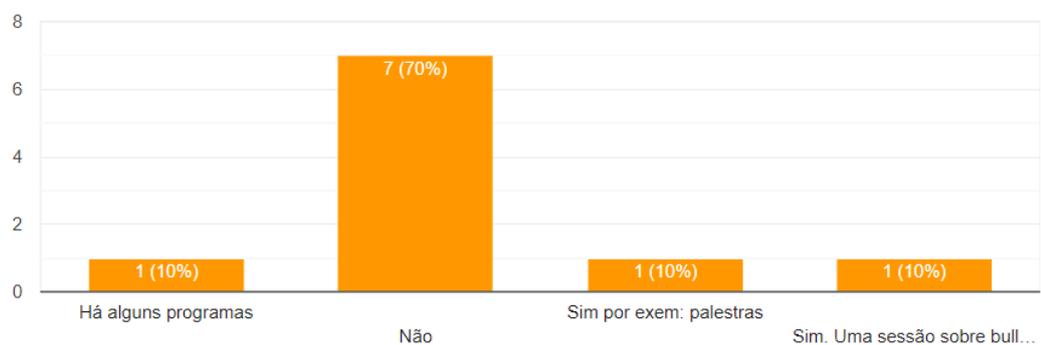
10 respostas

- Falar com eles e castiga-los
- Separo e falo com os dois
- Nos confrontos mais leves falo com eles. Noutros casos castigo.
- Separação e diálogo
- Diálogo
- Castigar (vai para o gabinete do aluno)
- Separo e falo com eles
- Separo e falo com ambos
- Diálogo com eles
- Diálogo entre os dois

7. Tem conhecimento de alguma estratégia ou programa de prevenção à violência escolar aplicado na escola? Se sim, qual?

 Copiar

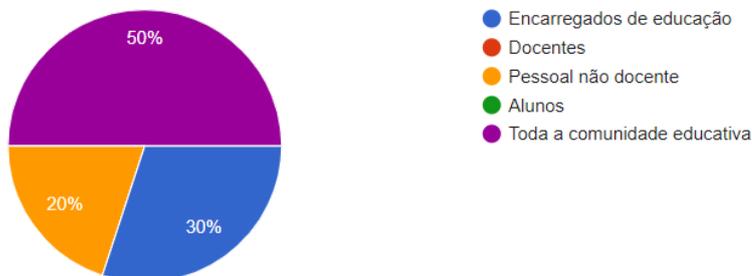
10 respostas



8. Diante da prevenção da violência escolar, assinale a opção que, para si, tem um papel mais preponderante na prevenção desse fenómeno.

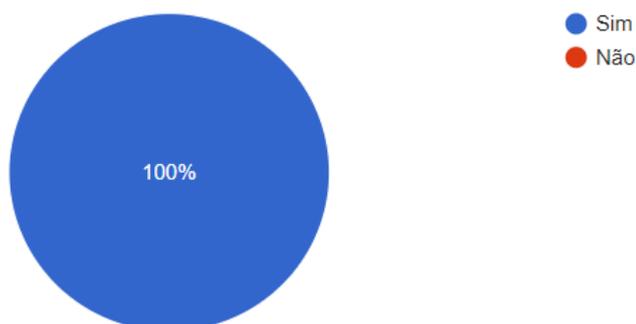
 Copiar

10 respostas



9. Sente que é necessária uma maior formação neste campo da violência escolar?

10 respostas



9.1. Em que aspeto sente mais dificuldade em lidar?

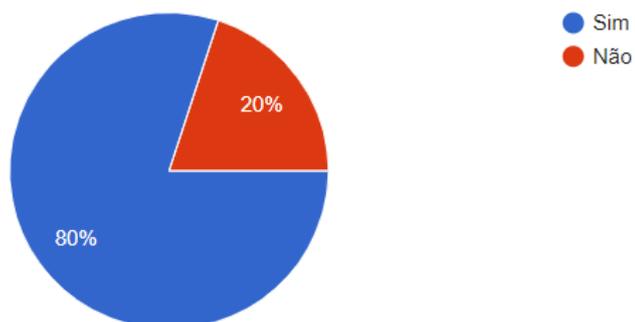
 Copiar

10 respostas



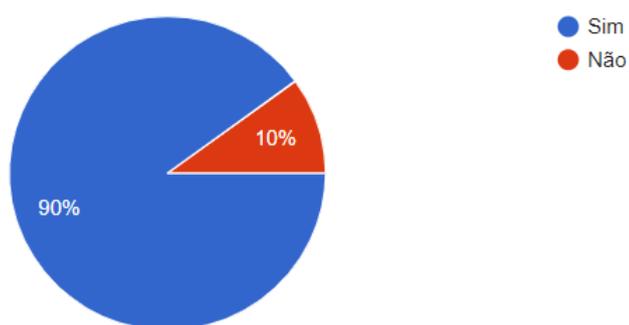
10. Face à sua profissão considera-se preparado e informado para lidar com a indisciplina, agressões ou qualquer outro tipo de confronto entre alunos?

10 respostas



11. Gostava de ter uma formação ou programa de prevenção para conseguir lidar com a violência escolar e diminuir as incidências?

10 respostas



## Apêndices

### Apêndice 1- Perguntas utilizadas para os questionários

No âmbito da elaboração do relatório de investigação para o grau de mestre no curso de educação básica em 1º ciclo do ensino básico e 2º ciclo do ensino básico de Matemática e Ciências Naturais, solicito o preenchimento deste inquérito relacionado com a temática "violência escolar". Através das respostas dadas a estes inquéritos a estudante conseguirá retirar algumas conclusões que vão ajudar na realização do estudo de caso.

De referir que todas as respostas serão utilizadas apenas para fins académicos, assegurando o anonimato e confidencialidade de qualquer um dos indivíduos que respondam às questões.

#### Pessoal não docente

Tipo de questões	Questões	Respostas
Escolha múltipla	1. Género	Feminino Masculino Outro
Escolha múltipla	2. Ao longo de todo o horário letivo, observa algum destes tipos de violência:	- Insultos (agressão verbal); - Bater (agressões físicas); - Discussões (sem ofensas graves ou agressões físicas); - Indisciplina (desrespeito dentro e fora da sala de aula); Indisciplina (desrespeito dentro e fora da sala de aula). - Outros:
Escolha múltipla	3. Essa violência, relaciona-se com assuntos relacionados com:	- Cor de pele ou traços físicos dos alunos; - Diferenças socio económicas entre alunos; - Confrontos perante acontecimentos do momento;

		- Outros:
Escolha múltipla	4. Sendo a violência escolar um assunto muito abrangente quais as razões que, para si, levam a que os alunos tenham atitudes agressivas:	- Falta de diálogo (no seio familiar ou com professores); - Contexto social envolvente (toda a sociedade em que o aluno está inserido); - Falta de apoio familiar (a falta de apoio perante as adversidades que o aluno enfrenta diariamente); - Falta de atenção dos professores e encarregados de educação aos sinais e atitudes que os alunos apresentam; - Outro:
Escolha múltipla	5. Considera que a violência escolar tem vindo a aumentar ao longo dos seus anos de serviço?	Sim Não
Resposta curta	6. Que comportamento tem, enquanto elemento da comunidade educativa, perante a violência entre alunos? (castigo; separação de ambos os alunos; diálogo entre os dois ou adulto-aluno; entre outros).	(resposta aberta)
Resposta curta	7. Tem conhecimento de alguma estratégia ou programa de prevenção à violência escolar aplicado na escola? Se sim, qual?	(resposta aberta)
Escolha múltipla	8. Perante a prevenção da violência escolar, assinale a opção que, para si, tem um papel mais preponderante na precaução desse fenómeno.	- Encarregados de educação - Docentes - Pessoal não docente - Alunos - Toda a comunidade educativa - Outro:
Escolha múltipla	9. Sente que é necessária uma maior formação neste campo da violência escolar?	Sim Não

	9.1. Em que aspeto sente mais dificuldade em lidar?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agressões físicas</li> <li>- Agressões verbais</li> <li>- Discussões entre grupos</li> <li>- Desrespeito pelos mais velhos</li> <li>- Outros:</li> </ul>
Escolha múltipla	10. Gostava de ter uma formação ou programa de prevenção para conseguir lidar com a violência escolar e diminuir as incidências?	<p style="text-align: center;">Sim</p> <p style="text-align: center;">Não</p>

- Encarregados de educação dos alunos da instituição educativa

Tipo de questões	Questões	Respostas
Escolha múltipla	1. Género	Feminino Masculino Outro
Escolha múltipla	2. Ao longo da escolaridade do seu educando, considera que a violência escolar tem vindo a aumentar?	Sim Não
Escolha múltipla	3. Costuma dialogar com o seu educando sobre o dia de escola?	Sempre Muitas vezes Às vezes Raramente Nunca
Escolha múltipla	4. O seu educando já relatou alguma situação de violência entre colegas ou com outro elemento da comunidade educativa?	Sim Não
Resposta curta	4.1. Em que ano de escolaridade?	(resposta aberta)
Escolha múltipla	4.2. Se a resposta for sim, refira o tipo de violência relatada.	- Agressão física (murros; empurrões; entre outros); - Agressão verbal (insultos; “gozar”; ofender pela cor de pele ou estética; entre outros); - Indisciplina (desrespeito dentro e fora da sala de aula); - Outros

Escolha múltipla	5. Durante a escolaridade do seu educando, alguma vez este já foi vítima ou agressor num caso de violência escolar?	Sim Não
Resposta curta	5.1. Em que ano de escolaridade?	(resposta aberta)
Resposta curta	6. Que tipo de atitudes e valores valoriza mais na educação do seu educando? (exemplo: respeitar a opinião do outro; explicar o ponto de vista sem agressividade; entre outros)	- Respeitar a opinião dos outros; - Explicar o ponto de vista sem agressividade; - Ser bem-educado com todos; - Outro:
Escolha múltipla	7. Acha que o seio familiar pode ser considerado um foco da violência escolar (falta de regras e/ou atitudes dos alunos dentro da escola)? Porquê?	Sim Não Justificação: (resposta aberta)
Escolha múltipla	8. Assinale as causas que, na sua opinião, podem levar o aluno à prática de violência escolar (agressões físicas ou verbais; indisciplina; discriminações; entre outros).	- Falta de diálogo (no seio familiar ou com professores); - Contexto social envolvente (toda a sociedade em que o aluno está inserido); - Falta de apoio familiar (a falta de apoio perante as adversidades que o aluno enfrenta diariamente); - Falta de atenção dos professores e encarregados de educação aos sinais e atitudes que os alunos apresentam; - Outro:
Escolha múltipla	9. Tem conhecimento de algum tipo de estratégia que esteja ou já tenha sido aplicada, na escola do seu educando, como prevenção à violência escolar?	Sim Não
Resposta curta	9.1. Se a resposta for sim, refira qual e como funciona.	(resposta aberta)

Escolha múltipla	10. Diante a prevenção da violência escolar, assinale a opção que, para si, tem um papel mais preponderante na prevenção desse fenômeno.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Encarregados de educação</li> <li>- Docentes</li> <li>- Pessoal não docente</li> <li>- Alunos</li> <li>- Toda a comunidade educativa</li> <li>- Outro:</li> </ul>
Escolha múltipla	11. Considera importante a envolvimento dos encarregados de educação na escola para a prevenção da violência escolar? Porquê?	<p>Sim</p> <p>Não</p> <p>Justificação: (resposta aberta)</p>
Escolha múltipla	11.1. No caso de ter respondido sim, seria possível, com a sua vida profissional, inserir-se nestas estratégias de prevenção na escola do seu educando?	<p>Sempre</p> <p>Às vezes</p> <p>Muito raramente</p> <p>Nunca</p>

- Alunos do 2º ciclo do ensino básico da instituição educativa

<b>Tipo de questões</b>	<b>Questões</b>	<b>Respostas</b>
Escolha múltipla	1. Género	Feminino Masculino Outro
Escolha múltipla	2. Gostas de andar nesta escola?	Sim Mais ou menos Não
Escolha múltipla	3. Durante o tempo que passas na escola, alguém te diz como te deves comportar e que atitudes deves ter?	Sim Não Às vezes
Escolha múltipla	4. Quem te diz como te deves comportar dentro da escola com os teus colegas e adultos?	Professores Auxiliares Pais ou familiares Os teus colegas Ninguém
Escolha múltipla	5. O que dizem para fazeres?	Portar-te bem Tirar boas notas Respeitar todos Ser educado Respeitar as regras da escola Outras coisas, quais?
Escolha múltipla	6. Existe alguma regra na escola com a qual não concordes?	Sim Não
Resposta curta	6.1. Se sim, qual/quais?	(resposta pessoal)
Escolha múltipla	7. Há muita violência na tua escola?	Todos os dias Às vezes Quase nunca Nunca

Escolha múltipla	8. Que tipo de violência vês mais na tua escola?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discussões (berros, gritos, ameaças uns com os outros);</li> <li>- Agressões físicas (murros, empurrões, entre outros);</li> <li>- Agressões verbais (insultos, “gozo”, palavrões, entre outros);</li> <li>- Indisciplina (desrespeito dentro da sala de aula e fora dela pelas regras da escola);</li> <li>- Outro tipo:</li> </ul>
Escolha múltipla	9. Tens colegas com esse tipo de comportamento?	<p style="text-align: center;">Sim</p> <p style="text-align: center;">Não</p>
Resposta curta	10. Porque achas que têm essas atitudes de violência?	<p style="text-align: center;">Alguns exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Não gostam da escola;</li> <li>- Querem dar nas vistas;</li> <li>- Para fazer rir os colegas;</li> <li>- Não têm educação;</li> </ul> <p style="text-align: center;">(resposta aberta)</p>
Escolha múltipla	11. Quando observas um tipo de violência com outro colega, o que fazes?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Chamo algum adulto;</li> <li>- Não faço nada (ignoro);</li> <li>- Tento resolver eu próprio;</li> <li>- Faço queixa ao professor (diretor de turma);</li> <li>- Defendo o colega que acho que tem razão;</li> <li>- Outra solução:</li> </ul>
Resposta curta	12. O que é que os professores fazem quando vêm ou ouvem algum tipo de violência entre os alunos?	<p style="text-align: center;">Alguns exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Manda calar e sentar;</li> <li>- Coloca o aluno fora da sala uns minutos;</li> <li>- Coloca um processo disciplinar ao aluno;</li> <li>- Tenta acalmá-lo(s) através de uma conversa;</li> </ul> <p style="text-align: center;">(resposta aberta)</p>
Resposta curta	13. O quê que os auxiliares fazem quando vêm ou ouvem algum	<p style="text-align: center;">Alguns exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tenta acalmá-lo(s) através de uma conversa;</li> </ul>

	tipo de violência entre os alunos?	<ul style="list-style-type: none"><li>- Separa os alunos e fala com os dois;</li><li>- Leva-o(s) até ao professor;</li><li>- Coloca-o(s) de castigo durante o intervalo;</li></ul> (resposta aberta)
--	------------------------------------	--

## Apêndice 2- Guião com perguntas utilizadas para a entrevista aos professores

### Entrevista para recolha de dados

No âmbito da elaboração do relatório de investigação para o grau de mestre no curso de educação básica em 1º ciclo do ensino básico e 2º ciclo do ensino básico de Matemática e Ciências Naturais da ESEPF solicito a resposta a algumas questões relacionadas com a temática "violência escolar".

A resposta a esta entrevista permitirá à autora da investigação perceber alguns conceitos relacionados com as estratégias de prevenção da violência envolvendo toda a comunidade educativa, sendo esse o foco deste estudo.

Antes de iniciar a entrevista é necessário lembrar à/ao participante que as respostas a esta entrevista serão utilizadas somente para fins académicos com o objetivo de conseguir perceber algumas das estratégias de prevenção de violência aplicadas em contexto escolar. Os profissionais nunca serão mencionados pois, para garantir a proteção dos dados pessoais de cada indivíduo, a estudante assegura o anonimato e confidencialidade.

#### Questões:

1. Há quantos anos leciona?
2. Está nesta instituição educativa há quanto tempo?
3. Neste momento tem quantas turmas?
4. Considera que, ao longo da sua prática profissional, a violência escolar aumentou? Porquê?
  - 4.1. Se sim, quanto e de que forma?

5. Considera que, nesta escola em específico, existe violência entre os alunos ou outros elementos da comunidade educativa? (indisciplina dentro e fora da sala de aula, bullying, agressões, conflitos, entre outros? Exemplifique.
  - 5.1. Já observou algum/alguns momento/s de violência dentro da escola? (aluno-aluno, professor-aluno; aluno-professor; entre outros) Exemplifique.
6. Com que frequência observa ou atua sob um ato de violência, seja dentro ou fora da sala de aula?
7. Como atua perante um momento de violência entre dois alunos ou mesmo entre adulto-aluno? (quais as atitudes que tem na situação)
8. Existe algum tipo de trabalho de prevenção à violência (indisciplina, bullying, conflitos, agressões, entre outros) nesta escola?
  - 8.1. Se sim, qual/quais são realizados?
  - 8.2. Com quais elementos da comunidade é feito esse trabalho de prevenção?
9. Considera necessário envolver toda a comunidade educativa na prevenção da violência escolar?
10. Já teve algum tipo de formação direcionada para a prevenção da violência escolar?
  - 10.1. Considera necessário que docentes, alunos e pessoal não docente tenha formação para adequar comportamentos e atitudes face à violência escolar?
11. Conhece uma ou mais estratégias que possam ser aplicadas com os alunos para prevenção da violência?
  - 11.1. Qual a sua postura perante situação de indisciplina? (advertência; mandar sentar e calar; participação disciplinar; ordena que saia da sala, entre outros)

12. Considera que as competências comunicacionais devem ser desenvolvidas, não só pelo professor, mas também pelos encarregados de educação, quando abordam os seus educandos?
13. No seu entender, as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares podem incluir o tema da prevenção à violência durante o tempo letivo?
- 13.1. Haverá benefícios nessa integração?
14. Sente incapacidade perante as estratégias que utiliza para resolver conflitos ou situações de indisciplina?
15. A seguinte questão lista alguma das estratégias de prevenção da violência escolar que constam nesta investigação.
- a) Comunicação Interpessoal;
  - b) Jogo dramático;
  - c) Integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares;
  - d) Intervir como pai ou mãe;
  - e) Ensinar como reagir;
  - f) Círculos restaurativos;
  - g) Programa “Aulas en Paz”;
  - h) Programa pró-social experimental.

Reconhece alguma destas estratégias mencionadas?

- 15.1. Se sim, quais? Já aplicou alguma destas?
- 15.2. Conhece alguma outra forma/estratégia que gostaria de aplicar ou que fizesse mais sentido para si?

## Apêndice 3- Transcrição das entrevistas (respostas dos participantes)

### Entrevista 1

Questões e respostas:

1. Há quantos anos leciona?

Há 38 anos.

2. Está nesta instituição educativa há quanto tempo?

Há 5 anos.

3. Neste momento tem quantas turmas?

3 turmas.

4. Considera que, ao longo da sua prática profissional, a violência escolar aumentou? Porquê?

Sim considero que sim.

4.1. Se sim, quanto e de que forma?

Vejo a relação dos alunos mais violenta a nível de atos e palavras principalmente palavras. Nesta escola noto que a agressão é mais verbal, mas também tem atos (físicos) que já soube que aconteceram.

5. Considera que, nesta escola em específico, existe violência entre os alunos ou outros elementos da comunidade educativa? (indisciplina dentro e fora da sala de aula, bullying, agressões, conflitos, entre outros? Exemplifique.

Sim existe. Observo mais indisciplina dentro e fora da sala de aula.

5.1. Já observou algum/alguns momento/s de violência dentro da escola? (aluno-aluno, professor-aluno; aluno-professor; entre outros) Exemplifique.

Dentro da sala de aula já soube de casos entre aluno-professor e de aluno-aluno e também fora da sala de aula.

6. Com que frequência observa ou atua sob um ato de violência, seja dentro ou fora da sala de aula?

Eu, por acaso, nunca tive que atuar em casos de violência dentro e fora da sala de aula. Nas minhas aulas em específico bastou “dar um berro” e os alunos calaram-se. Mas já observei e soube muitas vezes de situações de violência, portanto é algo frequente.

7. Como atua perante um momento de violência entre dois alunos ou mesmo entre adulto-aluno? (quais as atitudes que tem na situação)

Mando para ou tento meter-me no meio se vir que no momento consigo atuar. Noutro casos, quando há confrontos físicos não me meto entre os alunos.

8. Existe algum tipo de trabalho de prevenção à violência (indisciplina, bullying, conflitos, agressões, entre outros) nesta escola?

Sim existe.

8.1. Se sim, qual/quais são realizados?

Os alunos abordam esse tema na disciplina de cidadania. E também já veio cá a polícia (Escola Segura) falar com os alunos sobre esse tema.

8.2. Com quais elementos da comunidade é feito esse trabalho de prevenção?

A escola segura é apenas uma sensibilização aos alunos. Com os outros elementos da comunidade não há.

9. Considera necessário envolver toda a comunidade educativa na prevenção da violência escolar?

Sim.

10. Já teve algum tipo de formação direcionada para a prevenção da violência escolar?

Sim.

10.1. Considera necessário que docentes, alunos e pessoal não docente tenha

formação para adequar comportamentos e atitudes face á violência escolar?

Sim.

11. Conhece uma ou mais estratégias que possam ser aplicadas com os alunos para prevenção da violência?

Na altura a pessoa age como acha que deve de agira. Umhas vezes falar, outras vezes tem de agir mesmo.

11.1. Qual a sua postura perante situação de indisciplina? (advertência; manda sentar e calar; participação disciplinar; ordena que saia da sala, entre outros)

Já fiz de tudo, advertências, mandar sentar e calar, participação disciplinar.

12. Considera que as competências comunicacionais devem ser desenvolvidas, não só pelo professor, mas também pelos encarregados de educação, quando abordam os seus educandos?

Sim, muitas a violência já vem de casa.

13. No seu entender, as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares podem incluir o tema da prevenção à violência durante o tempo letivo?

Sim. Na cidadania por exemplo fazem isso.

13.1. Haverá benefícios nessa integração?

Sim.

14. Sente incapacidade perante as estratégias que utiliza para resolver conflitos ou situações de indisciplina?

Conforme o tipo de aluno, há alunos que uma pessoa sente mesmo incapacidade perante os atos que são aplicados. Verificamos mesmo que não vai fazer qualquer efeito para a mudança.

15. A seguinte questão lista alguma das estratégias de prevenção da violência escolar que constam nesta investigação.

- a) Comunicação Interpessoal;
- b) Jogo dramático;
- c) Integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares;
- d) Intervir como pai ou mãe;
- e) Ensinar como reagir;
- f) Círculos restaurativos;
- g) Programa “Aulas en Paz”;
- h) Programa pró-social experimental.

Reconhece alguma destas estratégias mencionadas?

Sim conheço.

15.1. Se sim, quais? Já aplicou alguma destas?

Conheço a comunicação interpessoal. E vou aplicando de vez em quando.

15.2. Conhece alguma outra forma/estratégia que gostaria de aplicar ou que fizesse mais sentido para si?

Não, apenas reajo conforme o comportamento e o que sei.

## Entrevista 2

Questões e respostas:

1. Há quantos anos leciona?

Há 30 anos.

2. Está nesta instituição educativa há quanto tempo?

Há 12 anos.

3. Neste momento tem quantas turmas?

3 turmas.

4. Considera que, ao longo da sua prática profissional, a violência escolar aumentou? Porquê?

Sim, bastante. Porque, não só a educação que eles têm recebido em casa que é mais do que permissiva como o uso dos telemóveis. Eles praticamente levam os jogos para dentro das aulas e isso perturba-lhes o comportamento e gera violência.

4.1. Se sim, quanto e de que forma?

Verbalmente com alguma regularidade, fisicamente não tão regularmente, mas vai se vendo alguma.

5. Considera que, nesta escola em específico, existe violência entre os alunos ou outros elementos da comunidade educativa? (indisciplina dentro e fora da sala de aula, bullying, agressões, conflitos, entre outros? Exemplifique.

Sim existe. Indisciplina, bullying e agressões mais especificamente.

5.1. Já observou algum/alguns momento/s de violência dentro da escola? (aluno-aluno, professor-aluno; aluno-professor; entre outros) Exemplifique.

Já observei sim, dentro da escola. Entre aluno-aluno, professor-aluno, funcionário (pessoal não docente) -aluno.

6. Com que frequência observa ou atua sob um ato de violência, seja dentro ou fora da sala de aula?

Diversas vezes levo os alunos à direção da escola por maus comportamentos. Quando atuo ou levo o aluno à direção da escola, ou faço uma participação por escrito e entrego por e-mail ou em mão ao diretor ou coordenação da escola.

7. Como atua perante um momento de violência entre dois alunos ou mesmo entre adulto-aluno? (quais as atitudes que tem na situação)

Entre aluno-aluno tento separá-los e levar os dois à direção. Entre adulto-aluno intervenho perguntando o que se passa e se precisam de ajuda.

8. Existe algum tipo de trabalho de prevenção à violência (indisciplina, bullying, conflitos, agressões, entre outros) nesta escola?

Existe.

8.1. Se sim, qual/quais são realizados?

Temos sessões de bullying que são feitas pela Escola Segura. Temos, também a disciplina de cidadania onde se fala sobre esses assuntos. Há também autonomia curricular das outras disciplinas onde se pode falar sobre esse tema.

8.2. Com quais elementos da comunidade é feito esse trabalho de prevenção?

Esse esclarecimento acho que também é feito com os funcionários (pessoal não docente) através da Escola Segura. Com os professores, entre nós, quem dá cidadania às vezes faz formação sobre esse tema.

9. Considera necessário envolver toda a comunidade educativa na prevenção da violência escolar?

Sim. Incluindo os pais.

10. Já teve algum tipo de formação direcionada para a prevenção da violência escolar?

Sim já, há muito tempo.

10.1. Considera necessário que docentes, alunos e pessoal não docente tenha formação para adequar comportamentos e atitudes face à violência escolar?

Sim, acho fundamental.

11. Conhece uma ou mais estratégias que possam ser aplicadas com os alunos para prevenção da violência?

Sim, mas entre as estratégias, era seguir a lei, ou seja, proibir o uso de equipamentos tecnológicos dentro da escola, porque essa lei existe, mas não é cumprida. Todos os alunos trazem os telemóveis e depois isso gera a violência.

11.1. Qual a sua postura perante situação de indisciplina? (advertência; manda sentar e calar; participação disciplinar; ordena que saia da sala, entre outros)

Todas as dadas como exemplo, começando pela menos gravosa dependendo da reincidência do aluno.

12. Considera que as competências comunicacionais devem ser desenvolvidas, não só pelo professor, mas também pelos encarregados de educação, quando abordam os seus educandos?

Claro.

13. No seu entender, as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares podem incluir o tema da prevenção à violência durante o tempo letivo?

Sim. Até disse isso quando falei da cidadania.

13.1. Haverá benefícios nessa integração?

Acho que sim.

14. Sente incapacidade perante as estratégias que utiliza para resolver conflitos ou situações de indisciplina?

Sim, algumas vezes existe.

15. A seguinte questão lista alguma das estratégias de prevenção da violência escolar que constam nesta investigação.

- a) Comunicação Interpessoal;
- b) Jogo dramático;
- c) Integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares;
- d) Intervir como pai ou mãe;

- e) Ensinar como reagir;
- f) Círculos restaurativos;
- g) Programa “Aulas em Paz”;
- h) Programa pró-social experimental.

Reconhece alguma destas estratégias mencionadas?

Sim, conheço algumas. A comunicação interpessoal, integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares, ensinar como reagir e o programa pró-social experimental.

15.1. Se sim, quais? Já aplicou alguma destas?

Já apliquei a comunicação interpessoal, integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares, ensinar como reagir.

15.2. Conhece alguma outra forma/estratégia que gostaria de aplicar ou que fizesse mais sentido para si?

Não, neste momento não.

### Entrevista 3

Questões e respostas:

1. Há quantos anos leciona?  
Há 25 anos.
2. Está nesta instituição educativa há quanto tempo?  
Há 5 anos. Sendo que este ano voltei pois estive 4 anos nesta instituição e sai, voltando agora.
3. Neste momento tem quantas turmas?  
Neste momento estou com 15 turmas.
4. Considera que, ao longo da sua prática profissional, a violência escolar aumentou? Porquê?

(silêncio) Este meu silêncio se calhar diz alguma coisa. Eu não sei se aumentou, a minha opinião é que sempre houve, provavelmente quando eu iniciei o meu trabalho como professor a violência era mais “transparente” e a mentalidade era que as coisas “se resolviam na hora”. Hoje em dia existem os processos disciplinares e foram criadas outras estratégias de outra índole.

4.1. Se sim, quanto e de que forma?

Se calhar aumentou a violência psicológica. A violência física sempre houve.

5. Considera que, nesta escola em específico, existe violência entre os alunos ou outros elementos da comunidade educativa? (indisciplina dentro e fora da sala de aula, bullying, agressões, conflitos, entre outros? Exemplifique.

Há.

- 5.1. Já observou algum/alguns momento/s de violência dentro da escola? (aluno-aluno, professor-aluno; aluno-professor; entre outros) Exemplifique.

Sim, já e entre alunos ao ter visto fui logo tentar resolver a situação.

6. Com que frequência observa ou atua sob um ato de violência, seja dentro ou fora da sala de aula?

Dentro da sala de aula nunca assisti. Nos recreios já assisti e intervim algumas vezes.

7. Como atua perante um momento de violência entre dois alunos ou mesmo entre adulto-aluno? (quais as atitudes que tem na situação)

Entre adulto-aluno nunca vi. Entre dois alunos já vi e tentei separá-los e tentei ter aquelas conversas “moralizantes” que às vezes não resolvem nada ou então resolvem. Pelo menos deixam de estar fervorosos como antes.

8. Existe algum tipo de trabalho de prevenção à violência (indisciplina, bullying, conflitos, agressões, entre outros) nesta escola?

Sim tem havido.

8.1. Se sim, qual/quais são realizados?

Tem havido, não só há aqui um cuidado de um maior número de adultos estarem presentes nos intervalos (recreios) e que não passa só pelos funcionários da escola, os nossos colaboradores, como também por professores, eu próprio já o fiz muitas vezes. Por fazer isto vejo que outras pessoas o fazem, mesmo a nossa coordenadora quase todos os intervalos o faz não só por causa disso (violência), mas também por causa da situação das máscaras e estas coisas que esta pandemia exige.

Já houve também uma atividade este ano dinamizada por mim, com os alunos, não sendo na minha disciplina, mas sim nos tempos livres que tinha para dinamizar esse projeto (reflexão sobre a violência na escola e o bullying).

8.2. Com quais elementos da comunidade é feito esse trabalho de prevenção?

Mais focado nos alunos, com os professores e outros elementos não tanto.

9. Considera necessário envolver toda a comunidade educativa na prevenção da violência escolar?

Claro que sim.

10. Já teve algum tipo de formação direcionada para a prevenção da violência escolar?

Já tive, não neste agrupamento, mas no outro onde trabalhava.

10.1. Considera necessário que docentes, alunos e pessoal não docente tenha formação para adequar comportamentos e atitudes face á violência escolar?

Acho que sim.

11. Conhece uma ou mais estratégias que possam ser aplicadas com os alunos para prevenção da violência?

Estratégias práticas, não é que assim à priori veja alguma coisa, mas tento sempre ter estratégias antecipadoras, profiláticas, isto é, dar dicas, como nos devemos desviar destas situações. Basicamente prevenção da violência, isso faço!

Por exemplo, quando há um caso de violência que acontece na escola, que já toda a gente tem conhecimento, eu uso esse caso para fazer esse tipo de trabalhado dentro da sala de aula (exemplificando) explicando o que não se deve fazer e o como reagir.

11.1. Qual a sua postura perante situação de indisciplina? (advertência; manda sentar e calar; participação disciplinar; ordena que saia da sala, entre outros)

Conforme o contexto/comportamento dos alunos. Por exemplo há alunos que podem tentar “estragar” a aula porque querem vir cá para fora, nesses casos eu não os mando para fora da sala (quando eu percebo isso). Às vezes, vai respirar 1 “minutinho” lá fora e depois vens mais calmo.

12. Considera que as competências comunicacionais devem ser desenvolvidas, não só pelo professor, mas também pelos encarregados de educação, quando abordam os seus educandos?

Claro que sim. Passando muito pela confiança que os pais deverão ter com a escola e a escola com os pais, mas isso é um crescimento.

13. No seu entender, as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares podem incluir o tema da prevenção à violência durante o tempo letivo?

Claro que sim. Na língua portuguesa quando vão encontrar (interpretar) um texto pode encontrar um que se relacione com a violência e debater sobre isso, estão a trabalhar portuguêsês. Assim, vão incutindo isto em todas as disciplinas.

13.1. Haverá benefícios nessa integração?

Claro que sim.

14. Sente incapacidade perante as estratégias que utiliza para resolver conflitos ou situações de indisciplina?

Eu não vou dizer que eu não sou capaz de na hora atuar. Às vezes há situações práticas que na hora eu não vejo qual seja a melhor estratégia. Mas acho que todos nós devemos ter noção da importância de ter essas estratégias para resolver esses conflitos e refletir sobre as atitudes que tivemos.

15. A seguinte questão lista alguma das estratégias de prevenção da violência escolar que constam nesta investigação.

- a) Comunicação Interpessoal;
- b) Jogo dramático;
- c) Integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares;
- d) Intervir como pai ou mãe;
- e) Ensinar como reagir;
- f) Círculos restaurativos;
- g) Programa “Aulas en Paz”;
- h) Programa pró-social experimental.

Reconhece alguma destas estratégias mencionadas?

Sim, conheço a comunicação interpessoal, é óbvio que sim, é aquela mais simples e se calhar é aquela mais utilizada. Jogos dramáticos também conheço. A integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares (está a implementar no momento), intervir como mãe e pai e ensinar como reagir também conheço. Também conheço o programa pró-social experimental, mas de outras instituições.

15.1. Se sim, quais? Já aplicou alguma destas?

Eu, por acaso, quando começo com uma turma nova começo, através da estratégia do jogo dramático, costumo fazer aquela atividade de dar uma folha a cada aluno e cada

um põe o seu nome no início da folha. As folhas vão rodando por todos os alunos e todos vão ter que escrever uma coisa positiva, uma qualidade, sobre o aluno “dono da folha” e depois quando chega outra vez a si eles percebem que podem ter os seus defeitos, que até podem criar distâncias, mas também têm coisas boas e assim eles começam a valorizar-se uns aos outros. Faço isto com todas as turmas que começo de início e isso dá-me uma ferramenta para, quando há conflitos, ir buscar a folha e dizer “olha que este aluno não tem só defeitos como tu viste tu próprio escreveste”.

A integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares (está a implementar no momento) e intervir como mãe e pai também conheço e faço, aliás já o fiz este período já com uma mãe e estou a resolver isso. O ensinar como reagir também o faço. Já o programa pró-social experimental conheço de ser feito noutras instituições, em especial, em instituições de solidariedade social (IPSS).

15.2. Conhece alguma outra forma/estratégia que gostaria de aplicar ou que fizesse mais sentido para si?

Lá está, eu estive numa escola onde tive oportunidade de trabalhar outro género de estratégias em que basicamente era isto: com os alunos mais problemáticos da escola fazer atividades diferentes daquelas que se faz na escola “normal”. Por exemplo eu estive o ano passado numa escola onde foram buscar os regulamentos (internos da escola) e eles ficavam motivados para a escola com isso (conhecimentos das regras). Fazíamos as regras da atividade da escola, jogos tradicionais (com pneus) e pronto.

## Entrevista 4

Questões e respostas:

1. Há quantos anos leciona?

Há 21 anos.

2. Está nesta instituição educativa há quanto tempo?

Desde setembro (meio ano).

3. Neste momento tem quantas turmas?

5 turmas.

4. Considera que, ao longo da sua prática profissional, a violência escolar aumentou? Porquê?

Acho que a violência não aumentou nem diminui, pode é variar de contexto para contexto. Acho que não tem a ver com se à dez anos havia mais ou menos do que agora, mas sim com o contexto onde a instituição está inserida.

4.2. Se sim, quanto e de que forma?

5. Considera que, nesta escola em específico, existe violência entre os alunos ou outros elementos da comunidade educativa? (indisciplina dentro e fora da sala de aula, bullying, agressões, conflitos, entre outros? Exemplifique.

Entre os alunos violência não diga que exista. Nesta escola até considero que, no nível que eu leciono (sexto ano) a violência é, digamos que uma forma de comportamento dos alunos com esta idade. Agora existe alguns casos mais extremos como o bullying, mas muita violência penso que não exista porque nesta idade acho normais os comportamentos que eles têm.

A violência para ser violência, para mim tem que se manifestar nas salas de aula e nas minhas turmas não se manifesta muito.

5.1. Já observou algum/alguns momento/s de violência dentro da escola? (aluno-aluno, professor-aluno; aluno-professor; entre outros) Exemplifique.

Sim já observei alguns, mais entre aluno-aluno, entre professor aluno é suposto não existir. É sempre um momento de tensão, começa com agressão verbal e se não houver intervenção assa a física.

6. Com que frequência observa ou atua sob um ato de violência, seja dentro ou fora da sala de aula?

Vejo algumas vezes e tento intervir de imediato para não passar a agressão física.

7. Como atua perante um momento de violência entre dois alunos ou mesmo entre adulto-aluno? (quais as atitudes que tem na situação)

Primeiro é por os alunos em segurança de modo que não haja agressão física, separá-los. De seguida perceber o porquê daquela situação, analisá-la e acabar com ela.

8. Existe algum tipo de trabalho de prevenção à violência (indisciplina, bullying, conflitos, agressões, entre outros) nesta escola?

Sim existe.

8.1. Se sim, qual/quais são realizados?

Existiram já sessões sobre o bullying, sessões com os serviços de psicologia e orientação nesse sentido de preparar as crianças emocionalmente e socialmente para que isso não aconteça

8.2. Com quais elementos da comunidade é feito esse trabalho de prevenção?

É feito com os alunos.

9. Considera necessário envolver toda a comunidade educativa na prevenção da violência escolar?

Sim, isso é imprescindível. A escola só existe isoladamente a parte física da escola, o local, porque depois o contexto de escola engloba a comunidade e sem a comunidade não é possível fazer essa prevenção.

10. Já teve algum tipo de formação direcionada para a prevenção da violência escolar?

Sim, já fiz uma vez uma formação de prevenção de violência em sala de aula.

10.1. Considera necessário que docentes, alunos e pessoal não docente tenha formação para adequar comportamentos e atitudes face á violência escolar?

Considero que é fundamental, porque se não tiver os conhecimentos não pode resolver a violência.

11. Conhece uma ou mais estratégias que possam ser aplicadas com os alunos para prevenção da violência?

Sim ações nas aulas de cidadania que é uma disciplina que tem tópicos e conteúdos dessa natureza. Combinar a fazer ações com outros professores ou mesmo com outras instituições para que a visão seja mais abrangente.

11.1. Qual a sua postura perante situação de indisciplina? (advertência; manda sentar e calar; participação disciplinar; ordena que saia da sala, entre outros)

A postura é sempre antecipar a violência para que isso não aconteça, chamando à atenção, falando ordenadamente com regras explícitas para que sejam cumpridas.

12. Considera que as competências comunicacionais devem ser desenvolvidas, não só pelo professor, mas também pelos encarregados de educação, quando abordam os seus educandos?

Claro. A escola tem pilares fundamentais que são os professores, os encarregados de educação e as outras variáveis que são as outras entidades que estão neste processo.

13. No seu entender, as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares podem incluir o tema da prevenção à violência durante o tempo letivo?

Sim, sempre que seja necessário.

13.1. Haverá benefícios nessa integração?

Claro tem benefícios, visto que tudo deve ser articulado transversalmente a todas as disciplinas desse ano.

14. Sente incapacidade perante as estratégias que utiliza para resolver conflitos ou situações de indisciplina?

Não.

15. A seguinte questão lista alguma das estratégias de prevenção da violência escolar que constam nesta investigação.

- a) Comunicação Interpessoal;
- b) Jogo dramático;
- c) Integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares;
- d) Intervir como pai ou mãe;
- e) Ensinar como reagir;
- f) Círculos restaurativos;
- g) Programa “Aulas en Paz”;
- h) Programa pró-social experimental.

Reconhece alguma destas estratégias mencionadas?

Sim conheço algumas.

15.1. Se sim, quais? Já aplicou alguma destas?

A comunicação interpessoal conheço e já apliquei. Também conheço e aplico às vezes o jogo dramático. A integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares também já apliquei. Intervir como pai e mãe obviamente também apliquei e o ensinar como reagir também. O programa pró-social experimental também conheço e apliquei já.

Desconheço os círculos restaurativos e o programa “aulas en paz”.

15.2. Conhece alguma outra forma/estratégia que gostaria de aplicar ou que fizesse mais sentido para si?

Eu uma estratégia que não é estratégia, é assim para haver equilíbrio e não haver violência tem que haver aqui várias variáveis que têm que ser controladas: primeiro a pessoal do aluno, depois a familiar, depois a social (do convívio dele), depois ter uma equipa técnica que neste caso e a EMAEI (Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva) que apoie na comunicação deste “triângulo” que é a casa, escola e a EMAEI que é a equipa responsável por trabalhar e monitorizar estas situações de maior violência. Sem esta articulação deste grupo não se pode controlar a violência em definitivo, toda esta equipa tem que ajudar nesta prevenção.

## Entrevista 5

1. Há quantos anos leciona?

Há mais ou menos 21 anos.

2. Está nesta instituição educativa há quanto tempo?

Este é o sexto ano.

3. Neste momento tem quantas turmas?

Quatro.

4. Considera que, ao longo da sua prática profissional, a violência escolar aumentou? Porquê?

Sim, embora as escolas por onde eu passei foram completamente diferentes umas das outras. Eu no início do meu trabalho apanhei turmas complicadas e por exemplo, posso dizer que essas turmas que apanhei há 21 anos era pior do que as que tenho agora nesta escola. Mas de um modo geral, do que ouço falar aqui de algumas escolas situadas no Porto, em alguns bairros, nota-se bem que a violência aumentou.

4.1. Se sim, quanto e de que forma?

Eu acho que aumentou a violência tanto física como verbal com os alunos e, às vezes, não sendo o meu caso, também se sabe de agressões aos professores (verbais e físicas).

5. Considera que, nesta escola em específico, existe violência entre os alunos ou outros elementos da comunidade educativa? (indisciplina dentro e fora da sala de aula, bullying, agressões, conflitos, entre outros? Exemplifique.

Existe, nesta escola sim. Existe indisciplina, não tão frequente como noutras escolas por onde passei, existe de forma mais calma, mas existe, sim.

5.1. Já observou algum/alguns momento/s de violência dentro da escola? (aluno-aluno, professor-aluno; aluno-professor; entre outros) Exemplifique.

É assim, entre aluno-professor não tenho razão de queixa comigo. Entre aluno-aluno já assisti a muitos nas minhas aulas. Mais violência verbal, mas também já observei física.

6. Com que frequência observa ou atua sob um ato de violência, seja dentro ou fora da sala de aula?

Eu atuo se for na minha sala de aula, encaminho o aluno para o gabinete da direção ou mando para a sala de estudo fazer uma tarefa. Nesta escola não acontece muitas vezes, até porque tenho tido a sorte de ter turmas calmas. Há sempre aquelas exceções, mas não acontece com muita frequência.

7. Como atua perante um momento de violência entre dois alunos ou mesmo entre adulto-aluno? (quais as atitudes que tem na situação)

Chamo à atenção primeiro, aviso por diversas vezes, claro que se for muito grave encaminho de imediato para o gabinete da direção. Se forem pequenas coisas leva recado e se for muito grave expulso da sala com uma tarefa para fazer noutra sala.

8. Existe algum tipo de trabalho de prevenção à violência (indisciplina, bullying, conflitos, agressões, entre outros) nesta escola?

Sim.

- 8.1. Se sim, qual/quais são realizados?

Há sempre ações de sensibilização sobre o bullying, já houve para algumas turmas este ano. Há sempre os professores que são mais responsáveis pelo gabinete do aluno e estão mais atentos nos corredores e vão sensibilizando os alunos para os comportamentos (corretos).

- 8.2. Com quais elementos da comunidade é feito esse trabalho de prevenção?

É mais com os alunos, embora nós também assistamos às ações de sensibilização com as turmas.

9. Considera necessário envolver toda a comunidade educativa na prevenção da violência escolar?

Sim, desde funcionários a todos os elementos da comunidade. Se todos atuarmos em conjunto o resultado será melhor.

10. Já teve algum tipo de formação direcionada para a prevenção da violência escolar?

Formações de longa duração não, mas já tive de curta duração.

10.1. Considera necessário que docentes, alunos e pessoal não docente tenha formação para adequar comportamentos e atitudes face á violência escolar?

Sim, sem dúvida era fundamental. Na minha opinião era se surgisse uma ação de formação sobre esse tema eu participaria.

11. Conhece uma ou mais estratégias que possam ser aplicadas com os alunos para prevenção da violência?

Estratégias... motivá-los em sala de aula, mantê-los bastante ativos, serem eles próprios a descobrirem os conhecimentos e terem um papel mais ativo. Acho que se eles se encontrarem mais passivos é mais propicio á violência, começam a ficar desmotivados e estando ativos acho que se concentram mais nas tarefas que têm para fazer e gostando do que estão a fazer não pensam tanto na violência.

11.1. Qual a sua postura perante situação de indisciplina? (advertência; manda sentar e calar; participação disciplinar; ordena que saia da sala, entre outros)

Advertências, advirto muitas vezes, mandar sentar e calar, mudo-os de sítio/lugar muitas vezes para ver se resulta. Isolo mais o aluno, não o deixo ficar com companhia para ver se ele se acalma e normalmente no fundo da sala para não chamar tanto à atenção, para ele “ficar mais na dele”.

Quando isso não resulta temos que os encaminhas para o gabinete do aluno, mas eu insisto muito na advertência, mas se for uma situação gravíssima aí vai logo para o gabinete. Vou adequando perante a situação.

12. Considera que as competências comunicacionais devem ser desenvolvidas, não só pelo professor, mas também pelos encarregados de educação, quando abordam os seus educandos?

Sim, acho que sim. É muito importante os encarregados de educação comunicarem com os filhos e com os professores para prevenir a violência. Se os pais tiverem envolvidos nesta prevenção é melhor, no sentido construtivo e não destrutivo.

13. No seu entender, as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares podem incluir o tema da prevenção à violência durante o tempo letivo?

Sim eu acho que sim. Por exemplo em cidadania do desenvolvimento é muito pertinente que se aborde esse tema da prevenção da violência e mesmo em algumas disciplinas, como em ciências naturais quando abordamos os comportamentos na adolescência e juventude, certos comportamentos mais prejudiciais para eles, podemos integrar esse tema da violência.

13.1. Haverá benefícios nessa integração?

Bastantes, sim.

14. Sente incapacidade perante as estratégias que utiliza para resolver conflitos ou situações de indisciplina?

Algumas vezes já me aconteceu. Principalmente noutra escola que eu era diretora de turma com bastantes (alunos) repetentes e meninos (de etnia) ciganos. A educação deles, pronto, não era fácil, não era das melhores e era muito difícil conseguir “levá-los”.

15. A seguinte questão lista alguma das estratégias de prevenção da violência escolar que constam nesta investigação.

- a) Comunicação Interpessoal;
- b) Jogo dramático;
- c) Integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares;
- d) Intervir como pai ou mãe;
- e) Ensinar como reagir;
- f) Círculos restaurativos;
- g) Programa “Aulas en Paz”;
- h) Programa pró-social experimental.

Reconhece alguma destas estratégias mencionadas?

Sim, algumas.

15.1. Se sim, quais? Já aplicou alguma destas?

Comunicação interpessoal já utilizei e conheço. O jogo dramático desconheço como estratégia. Integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares também não conheço, só se for nas não disciplinares. Intervir como pai e mãe conheço e já apliquei. Ensinar como reagir, círculos restaurativos, programa de aulas em paz e programa pró-social experimental também não conheço.

15.2. Conhece alguma outra forma/estratégia que gostaria de aplicar ou que fizesse mais sentido para si?

Acho que não, não estou a lembrar-me de mais nenhuma.

## Apêndice 4- Quadros categoriais de análise das entrevistas (primeiras três)

Tema	Categoria	Indicadores de registo	Frases da entrevista
Tempo de serviço e quantidade de turmas que leciona	Caracterização do professor	Entre 25-40 anos de serviço; entre 3-15 turmas.	“Há 38 anos.”; “Há 25 anos.” “3 turmas.”; “Neste momento estou com 15 turmas.” “Quatro (turmas).”
Tempo de lecionação na escola atual	Caracterização do professor	6 meses (meio ano) -12 anos	“Há 5 anos.”; “Há 12 anos.”; “Este é o sexto ano.”
Aumento da violência escolar ao longo dos anos de serviço	Violência escolar	<p>“Sim, considero que sim.”</p> <p>“Sim, bastante.”</p> <p>“Eu não sei se aumentou, a minha opinião é que sempre houve (...)”</p> <p>“Acho que a violência não aumentou nem diminui, pode é variar de contexto para contexto.”</p>	<p>“Vejo a relação dos alunos mais violenta a nível de atos e palavras principalmente palavras. Nesta escola noto que a agressão é mais verbal, mas também tem atos (físicos) que já soube que aconteceram.”</p> <p>“Verbalmente com alguma regularidade, fisicamente não tão regularmente, mas vai se vendo alguma.”</p> <p>“(...) provavelmente quando eu iniciei o meu trabalho como professor a violência era mais “transparente” e a mentalidade era que as coisas “se resolviam na hora.”</p> <p>“Sim, embora as escolas por onde eu passei foram completamente diferentes umas das outras.”</p>
Violência escolar na escola onde decorreu onde estudo	Frequência e tipo de violência observada	<p>“Sim existe.”</p> <p>“Há.”</p> <p>“Existe, nesta escola sim.”</p> <p>“(…) às vezes, não sendo o meu caso, também se sabe de agressões aos professores (verbais e físicas).”</p>	<p>“Observo mais indisciplina dentro e fora da sala de aula.”</p> <p>“Indisciplina, bullying e agressões mais especificamente.”</p> <p>“Existe indisciplina, não tão frequente como noutras escolas por onde passei, existe de forma mais calma, mas existe, sim.”</p>
Observação e atuação perante um momento de violência		<p>“Já observei sim, dentro da escola. Entre aluno-aluno,</p>	<p>“(…) entre alunos ao ter visto fui logo tentar resolver a situação.”</p>

		<p>professor-aluno, funcionário-aluno.”</p> <p>“(…) nunca tive que atuar em casos de violência dentro e fora da sala de aula.”</p> <p>“Entre aluno-aluno já assisti a muitos nas minhas aulas. Mais violência verbal, mas também já observei física.”</p> <p>“Nesta escola até considero que, no nível que eu leciono (sexto ano) a violência é, digamos que uma forma de comportamento dos alunos com esta idade.”</p>	<p>“Dentro da sala de aula já soube de casos entre aluno-professor e de aluno-aluno e também fora da sala de aula.”</p> <p>“Dentro da sala de aula nunca assisti. Nos recreios já assisti e intervim algumas vezes.”</p> <p>“Diversas vezes levo os alunos à direção da escola por maus comportamentos.”</p> <p>“A violência para ser violência, para mim tem que se manifestar nas salas de aula e nas minhas turmas não se manifesta muito.”</p>
<p>Trabalho de prevenção à violência escolar</p>	<p>Tipo de trabalho de prevenção da violência na escola</p>	<p>“Existe.”</p> <p>“Sim tem havido.”</p> <p>“Mais focado nos alunos com os professores e outros elementos não tanto.”</p> <p>“É mais com os alunos, embora nós também assistamos às ações de sensibilização com as turmas.”</p>	<p>“Temos sessões de bullying que são feitas pela Escola Segura. Temos, também a disciplina de cidadania onde se fala sobre esses assuntos.”</p> <p>“(…) cuidado de um maior número de adultos estarem presentes nos intervalos (recreios) e que não passa só pelos funcionários da escola, os nossos colaboradores, como também por professores, eu próprio já o fiz muitas vezes.”</p> <p>“A escola segura é apenas uma sensibilização aos alunos. Com os outros elementos da comunidade não há. “</p> <p>“Há sempre ações de sensibilização sobre o bullying, já houve para algumas turmas este ano.”</p> <p>“(…) sessões com os serviços de psicologia e orientação nesse sentido de preparar as</p>

			crianças emocionalmente e socialmente para que isso não aconteça.”
Envolvência da comunidade educativa na prevenção da violência escolar, benéfico?	Comunidade educativa envolvida no processo	<p>“Claro que sim”</p> <p>“Sim, isso é imprescindível.”</p>	<p>“Sim. Incluindo os pais.”</p> <p>“Sim.”</p> <p>“Sim, desde funcionários a todos os elementos da comunidade. Se todos atuarmos em conjunto o resultado será melhor.”</p>
Formação para prevenção da violência	Formação de professores para prevenção da violência escolar	<p>“Sim já, há muito tempo.”</p> <p>“Formações de longa duração não, mas já tive de curta duração.”</p>	<p>“Sim.”</p> <p>“Sim já, há muito tempo.”</p> <p>“Já tive, não neste agrupamento, mas no outro onde trabalhava.”</p>
Conhecimento de estratégias para a prevenção da violência	Estratégias de prevenção à violência escolar	<p>“Estratégias práticas, não é que assim à priori veja alguma coisa (...)”</p> <p>“Na altura a pessoa age como acha que deve de agir.”</p> <p>“Estratégias... motivá-los em sala de aula, mantê-los bastante ativos, serem eles próprios a descobrirem os conhecimentos e terem um papel mais ativo.”</p> <p>“Sim ações nas aulas de cidadania que é uma disciplina que tem tópicos e conteúdos dessa natureza.”</p>	<p>“(...) quando há um caso de violência que acontece na escola, que já toda a gente tem conhecimento, eu uso esse caso para fazer esse tipo de trabalho dentro da sala de aula (exemplificando) explicando o que não se deve fazer e o como reagir.”</p> <p>“Sim, mas entre as estratégias, era seguir a lei, ou seja, proibir o uso de equipamentos tecnológicos dentro da escola, porque essa lei existe, mas não é cumprida. Todos os alunos trazem os telemóveis e depois isso gera a violência.”</p> <p>“(...) estando ativos acho que se concentram mais nas tarefas que têm para fazer e gostando do que estão a fazer não pensam tanto na violência.”</p>
Estratégias utilizadas num momento de violência escolar		<p>“Já fiz de tudo, advertências, mandar sentar e calar, participação disciplinar.”</p> <p>“Conforme o contexto/comportamento dos alunos.”</p>	<p>“Por exemplo há alunos que podem tentar “estragar” a aula porque querem vir cá para fora, nesses casos eu não os mando para fora da sala (quando eu percebo isso). Às vezes, vai respirar 1 “minutinho” lá fora e depois vens mais calmo.”</p>

		<p>“Advertências, advirto muitas vezes (...).”</p>	<p>“Todas as dadas como exemplo, começando pela menos gravosa dependendo da reincidência do aluno.”</p> <p>“Quando isso não resulta temos que os encaminhas para o gabinete do aluno, mas eu insisto muito na advertência.”</p> <p>“(...) perceber o porquê daquela situação, analisá-la e acabar com ela.”</p> <p>“Isolo mais o aluno, não o deixo ficar com companhia para ver se ele se acalma e normalmente no fundo da sala para não chamar tanto à atenção, para ele “ficar mais na dele”.</p>
<p>Relevância do desenvolvimento das competências comunicacionais por parte dos encarregados de educação</p>		<p>“Claro que sim.”</p> <p>“Sim, acho que sim.”</p> <p>“Claro. A escola tem pilares fundamentais que são os professores, os encarregados de educação e as outras variáveis que são as outras entidades que estão neste processo.”</p>	<p>“Passando muito pela confiança que os pais deverão ter com a escola e a escola com os pais, mas isso é um crescimento.”</p> <p>“Sim, muitas a violência já vem de casa.”</p> <p>“É muito importante os encarregados de educação comunicarem com os filhos e com os professores para prevenir a violência. Se os pais tiverem envolvidos nesta prevenção é melhor, no sentido construtivo e não destrutivo.”</p>
<p>Inclusão do tema da violência nas áreas curriculares disciplinares e não disciplinares</p>		<p>“Sim. Até disse isso quando falei da cidadania.”</p> <p>“Sim eu acho que sim. Por exemplo em cidadania do desenvolvimento é muito pertinente que se aborde esse tema da prevenção da violência (...)”</p>	<p>“Claro que sim. Na língua portuguesa quando vão encontrar (interpretar) um texto pode encontrar um que se relacione com a violência e debater sobre isso, estão a trabalhar português. Assim, vão inculcando isto em todas as disciplinas.”</p> <p>“Sim. Na cidadania por exemplo fazem isso.”</p> <p>“(...) mesmo em algumas disciplinas, como em ciências naturais quando abordamos os comportamentos na adolescência e juventude, certos comportamentos mais prejudiciais para</p>

			<p>eles, podemos integrar esse tema da violência.”</p>
<p>Incapacidade das estratégias na resolução de conflitos</p>		<p>“Eu não vou dizer que eu não sou capaz de na hora atuar.”</p> <p>“Não.”</p> <p>“Sim, algumas vezes existe.”</p> <p>“Algumas vezes já me aconteceu.”</p>	<p>“Às vezes há situações práticas que na hora eu não vejo qual seja a melhor estratégia. Mas acho que todos nós devemos ter noção da importância de ter essas estratégias para resolver esses conflitos e refletir sobre as atitudes que tivemos.”</p> <p>“Conforme o tipo de aluno, há alunos que uma pessoa sente mesmo incapacidade perante os atos que são aplicados. Verificamos mesmo que não vai fazer qualquer efeito para a mudança.”</p> <p>“Principalmente noutra escola que eu era diretora de turma com bastantes (alunos) repetentes e meninos (de etnia) ciganos. A educação deles, pronto, não era fácil, não era das melhores e era muito difícil conseguir “levá-los”.”</p>
<p>Conhecimento das estratégias incluídas nesta investigação</p>		<p>“Sim, conheço algumas. A comunicação interpessoal, integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares, ensinar como reagir e o programa pró-social experimental.”</p> <p>“Sim, algumas.”</p>	<p>“Sim, conheço a comunicação interpessoal, é óbvio que sim, é aquela mais simples e se calhar é aquela mais utilizada. Jogos dramáticos também conheço. A integração da violência escolar nas áreas curriculares disciplinares (está a implementar no momento), intervir como mãe e pai e ensinar como reagir também conheço. Também conheço o programa pró-social experimental, mas de outras instituições.”</p> <p>“Conheço a comunicação interpessoal. E vou aplicando de vez em quando.”</p> <p>“Ensinar como reagir, círculos restaurativos, programa de aulas em paz e programa pró-social experimental também não conheço.”</p>

<p>Outras estratégias que aplica ou gostaria de aplicar</p>		<p>“Não, neste momento não.”</p> <p>“Não, apenas reajo conforme o comportamento e o que sei.”</p> <p>“Acho que não, não estou a lembrar-me de mais nenhuma.”</p> <p>“Eu uma estratégia que não é estratégia, é assim para haver equilíbrio e não haver violência tem que haver aqui várias variáveis que têm que ser controladas (...)”</p>	<p>“Lá está, eu estive numa escola onde tive oportunidade de trabalhar outro género de estratégias em que basicamente era isto: com os alunos mais problemáticos da escola fazer atividades diferentes daquelas que se faz na escola “normal”. Por exemplo eu estive o ano passado numa escola onde foram buscar os regulamentos (internos da escola) e eles ficavam motivados para a escola com isso (conhecimentos das regras). Fazíamos as regras da atividade da escola, jogos tradicionais (com pneus) e pronto.”</p> <p>“(…) primeiro a pessoal do aluno, depois a familiar, depois a social (do convívio dele), depois ter uma equipa técnica que neste caso e a EMAEI (Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva) que apoie na comunicação deste “triângulo” que é a casa, escola e a EMAEI que é a equipa responsável por trabalhar e monitorizar estas situações de maior violência. Sem esta articulação deste grupo não se pode controlar a violência em definitivo, toda esta equipa tem que ajudar nesta prevenção.”</p>
---	--	---	--